

WILMA DE LARA BUENO

CURITIBA, UMA CIDADE BEM-AMANHECIDA

VIVÊNCIA E TRABALHO DAS MULHERES POLONESAS
NO FINAL DO SÉCULO XIX E NAS PRIMEIRAS
DÉCADAS DO SÉCULO XX

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, do Curso de Pós-Graduação em História, na linha de pesquisa História das Idéias, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Orientadora: Prof.^a Ana Maria Burmester

CURITIBA
1996

WILMA DE LARA BUENO

CURITIBA, UMA CIDADE BEM-AMANHECIDA

**VIVÊNCIA E TRABALHO DAS MULHERES POLONESAS NO FINAL DO SÉCULO
XIX E NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, do curso de Pós-Graduação em História, na linha de pesquisa História das Idéias, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná - UFPR.

Banca Examinadora:

Prof^ª Ana Maria Burmester (Orientadora)

Departamento de História, UFPR

Prof^ª Helena Müller

Departamento de História, UFF

Prof^ª Maria Luiza Andreazza

Departamento de História, UFPR

Curitiba, 28 de agosto de 1996

Às marias e às “polacas”.

AGRADECIMENTOS

Uma das constatações mais importantes que fiz durante a realização deste trabalho foi referente a importância da solidariedade e da cooperação de outras pessoas para concretização dos objetivos. Muitas foram as que estiveram presentes ao longo deste meu caminho dando apoio em momentos, às vezes, muito difíceis e, às quais, quero nesta ocasião registrar meu agradecimento.

À Professora Ana Maria de Oliveira Burmester, minha orientadora, pelo estímulo na condução do trabalho, em especial nas tarefas de leitura e interpretação das fontes. Diante das imagens femininas desgastadas e sofridas valeu-me a objetividade de sua orientação: “O que você quer que elas te digam?”

Aos professores do Departamento de História da UFPR, Etelvina Trindade, Euclides Marchi, Marcia Siqueira, Maria Luiza Andreazza, Magnus Pereira, Marionilde Dias B. de Magalhães e Ronald Raminelli, que em momentos oportunos forneceram valiosas colaborações.

A Roseli Boschilia, cujo apoio se colocou em várias direções, desde quando desejei ingressar no mestrado, posteriormente na ajuda para a localização das fontes e, finalmente, na tarefa de aprendizado normativo pertinente a editoração do trabalho, compartilhada esta com Emilio Boschilia.

A Ana Paula Vosne Martins, professora do Departamento de História, pela leitura do meu trabalho e pela acolhida no grupo de estudos sobre as relações de gênero.

Às companheiras de trabalho com as quais divido a paixão pela História: Ivanise Garcia, Maria Rosa Chaves, Maria Angélica Marochi e Marília Mezzono, que contribuíram com estímulo e preciosas sugestões e, a Maria Elena Almeida, Ana Mirta Knudsen e Nadia Lozovey que estiveram presentes em momentos críticos.

A Daisy L. R. Andrade, do Arquivo Público do Estado do Paraná, a Angela Cherubim e Roseli Boschilia, da Casa da Memória e Helena de Fellipo Soares, do Museu

Paranaense, pela atenção e eficiência profissional com que fui atendida nos processos de pesquisa de que dependi destas instituições.

Ao Sr. João Krawczyk, da Sociedade União Juventus, por ter me disponibilizado o acervo documental daquela organização e, ainda, pela atenta leitura que fez do meu trabalho no sentido de pontuar opiniões no que se refere às questões étnicas e imigratórias envolvidas na temática abordada. De igual maneira, sou muito grata à comunidade polonesa dos bairros Abranches e Santa Cândida, sujeitos da história, que me acolheram e acederam em fornecer dados e informações que permitiram melhor compreender meu objeto de estudo e sem os quais este trabalho não seria possível.

Aos colegas do curso de mestrado, em particular a Léa, o Antonio Paulo, Luis Fernando e o José Antonio. Valeu a divisão das dúvidas, angústias e apreensões. O amadurecimento de uma idéia depende muito dos interlocutores com que se possa contar.

À Professora Liette da Rocha Blume pelo apoio e compreensão decisiva para a realização do curso, bem como, registro a importância do auxílio prestado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior durante o tempo de estudo. A Assiria Masetti pela cuidadosa revisão do texto.

Quero, nestas gratas lembranças, homenagear o Professor Francisco Paz pela acolhida quando em 1990, demonstrei interesse em retomar os estudos na universidade.

Em especial, quero agradecer a Sra. Maria Olinda Trindade, pelo incansável e eficaz trabalho desenvolvido como apoio aos processos de levantamento e coleta de dados, muitas vezes, vivenciando comigo a emoção das descobertas.

Aos meus pais e familiares, que, nestes anos de trabalho, e praticamente de modo direto, participaram comigo das angústias e ansiedades que vivenciei no cotidiano desta pesquisa. Ao meu marido Luís, e aos meus filhos João, Ana e André, o meu eterno agradecimento pela compreensão, carinho e paciência que comigo tiveram nas ausências a que, necessariamente se submetem os que desenvolvem um empreendimento com este.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	VII
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	VIII
INTRODUÇÃO.....	1
1 A IMIGRAÇÃO EM CURITIBA: ASPECTOS GERAIS	9
1.1 PRIMEIROS ASSENTAMENTOS: CONFLITOS E PROBLEMAS	30
2 AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E DE VIDA DAS MULHERES	
POLONESA S EM CURITIBA	43
2.1 A VIDA NOS PRIMEIROS TEMPOS	49
2.2 CARROCEIRAS E LEITEIRAS: CONDIÇÕES DE TRABALHO	60
2.3 “CREADA DE SERVIR”	70
2.4 OUTRAS OPÇÕES DE TRABALHO	77
2.5 DA COLÔNIA À CIDADE PROSSEQUIRAM OS PROBLEMAS	81
2.6 FESTAS, CELEBRAÇÕES, RITOS	88
3 POLONESA & POLACA: COMO FORAM VISTAS E CONSIDERADAS	
AS MULHERES POLONESAS PELA SOCIEDADE CURITIBANA	95
3.1 OLHARES SOBRE A MULHER	99
3.2 OUTROS OLHARES SOBRE A COLONA	132
4 CONCLUSÃO	148
ANEXOS	156
FONTES	168
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	173

LISTA DE TABELAS

1 - POPULAÇÃO: SUDESTE, RESTO DO PAÍS E BRASIL, SEGUNDO COR - 1890..	15
2 - NÚMERO DE COLONOS POR SEXO, SEGUNDO COLÔNIAS - 1876	43
3 - POPULAÇÃO POR SEXO, SEGUNDO NACIONALIDADE - 1890	44
4 - POPULAÇÃO DO PARANÁ - 1872-1920	44
5 - POPULAÇÃO DE CURITIBA - 1866-1920	103

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1	MAPA LOCALIZANDO TERRENO DE CATARINA GRABOWSKI - 1885...	158
2	COLÔNIAS POLONESAS NO PARANÁ - 1907	159
3	RUA JOSÉ BONIFÁCIO - 1913	160
4	COLONAS NA RUA JOSÉ BONIFÁCIO - S.D.....	161
5	POLONESAS NO LARGO DA ORDEM - S.D.	162
6	COLONAS POLONESAS - S.D.	163
7.1	COLONOS DEFRONTE UMA IGREJA - S.D.	164
7.2	CASAMENTO DE COLONOS POLONESES - S.D	164
8.1	IMAGENS DA POLÔNIA - 1934.	165
8.2	IMAGENS DA POLÔNIA - 1934	165
9	CHARGES SOBRE CURITIBA - 1908-9	166
10	MAPA DE CURITIBA - 1894.....	167

INTRODUÇÃO

O trabalho teve como ponto de partida compreender os padrões comportamentais das mulheres polonesas em Curitiba, a partir de se constatar a existência do arquétipo *a polaca* como estereótipo da mulher desviante e desqualificada.

As imagens construídas sobre a imigrante polonesa através das notícias dos jornais e revistas do período estudado evidenciaram, prioritariamente, sua ocupação com os trabalhos informais de carroceira, transportadora de hortifrutigranjeiros ou criada de servir nas casas das famílias citadinas. Em decorrência dessas funções, foram sendo instaurados atributos que remeteram a múltiplas imagens sobre seus procedimentos. Os olhares masculinos que percorreram a passagem da polonesa em Curitiba a retrataram através de estereótipos, mas não fundamentalmente associados à questão da prostituição. Pode-se afirmar que os arquétipos emergiram da sua acentuada ocupação como criada de servir, função esta cercada de um tom maldoso não apenas em Curitiba, mas também em outras cidades brasileiras e européias.¹ As imagens que se construíram sobre as polonesas procederam das observações sobre o seu ir e vir pontilhados de

¹ Ao trabalhar com imagens e representações sociais fêz-se uso dos estudos de alguns autores, entre eles Georges Duby: “pois não é em função de sua condição verdadeira, mas da imagem que constroem e que nunca fornece o reflexo fiel, que os homens pautam a sua conduta”. (DUBY, Georges. *História social e ideologias das sociedades*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p.131). Também Denise Jodelet, foi referência obrigatória: “l’acte de représentation est un acte de pensée par lequel un sujet se rapporte à un objet. (...) Représenter, c’est tenir lieu de, être à la place de. (...) En ce sens, la représentation est la reproduction mentale d’autre chose: personne, objet, événement matériel ou psychique, idée, etc.” (JODELET, Denise. *Représentation sociale: phénomène, concept et théorie*. In: MOSCOVICI, Serge. *Psychologie Sociale*. Paris: PUF 1990, p. 362). E ainda Celso Pereira de Sá que retoma o pensamento de Moscovici: “os indivíduos (...) produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmo. Da mesma forma que se trata a sociedade como um sistema econômico ou um sistema político, diz Moscovici (1988), cabe considerá-la também como um pensamento.” (DE SÁ, Celso. *O conhecimento no cotidiano*. In: SPINK, Mary Jane org. *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social* 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 26-28).

dificuldades, incertezas e tentativas de adaptação à nova sociedade, quer como criadas de servir ou como carroceiras transportadoras de hortifrutigranjeiros. Pesou consideravelmente a situação política da Polônia subjugada e excluída do contexto imperialista do final do século XIX pelas grandes potências européias. O aspecto político deu o tom e coloriu as minorias étnicas através da ideologia progressista da época. Enquanto nação, os poloneses pertenciam ao mundo dos comandados: *“De um lado, as raças e os países superiores, cujo destino é se expandir; de outro, as raças e países inferiores, dos operários e camponeses, predestinados a um papel complementar: receber os guerreiros vitoriosos.”*² Em Curitiba, esse contexto também se fez presente.

Para além dos sentidos apontados pelas mensagens jornalísticas, procurou-se conhecer ou desvelar uma possibilidade de entendimento do que pode ter sido o transitar das colônias polonesas por Curitiba, desde a chegada dos imigrantes em 1871, até as primeiras décadas deste século, quando as informações já nos dão evidências de um satisfatório entrosamento da etnia à sociedade adotiva.³

² TODOROV, Tzvetan. *Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*-1. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 127.

³ Em 1920, Curitiba recebeu a visita do primeiro cônsul polonês Casimiro Gluchowski juntamente com outras autoridades polonesas. Naquela ocasião, já se celebrava a “ressurreição da República como um Estado grande e forte”, e as autoridades brasileiras regozizavam-se “em reconhecer a independência da Polônia, que é uma gratidão lembrada pelo povo e governo polacos”. Firmavam-se os princípios de cordialidade nas relações diplomáticas, assim como se asseguravam os interesses comerciais através da exportação da erva-mate paranaense e de outros produtos nacionais. Por outro lado, nas palavras do cônsul, os poloneses que desejassem continuar a emigrar para o Brasil não teriam impedimento, pois aqui dispunham de maiores extensões territoriais para seus cultivos. Reconhecia-se a acolhida oferecida pelo Brasil quando durante a “escravidão política da nossa nação deram aos milhares e milhares de poloneses a liberdade e o pão diário e foram os primeiros de todos os estados do mundo a reconhecer a independência da Polônia”. Afirmava, ainda, que sendo as riquezas dos dois países completamente diferentes, “o estabelecimento das mais estreitas relações econômicas entre os dois é de toda a conveniência”. Do ponto de vista dos brasileiros, a visita era saudada pela possibilidade de se instalar consulado em Curitiba, cuja tarefa seria a “tutela dos cidadãos da dita República, os quais formam neste Estado a numerosa e operosa colônia polaca, que tanto contribui para o engrandecimento desta região”. E ainda: “O Estado da República da Polônia, será um dos maiores países da Europa. Estender-se-á do mar Báltico até os montes Karpathos”. BRASIL - Polônia. *Diário da Tarde*, v. 23 n. 6496, Curitiba, 16 jan. 1920. BRASIL Polônia. *Diário da Tarde*, v. 23 n. 6490, Curitiba, 20 jan. 1920. UMA proclamação aos filhos da Polônia. *Diário da Tarde*, v. 23, n. 6506, Curitiba, 28 jan. 1920.

Tendo como apoio teórico o estudo das obras de Michelle PERROT,⁴ buscaram-se as pegadas da imigrante nas ruas, praças, mercados e arrabaldes, reunindo-se uma documentação diversa. Através das fontes oficiais — relatórios de governo dos Presidentes da Província e correspondências oficiais —, foi possível conhecer o processo imigratório em Curitiba e detectar-se os principais conflitos presentes no contexto daquele tempo. Pode-se afirmar que o movimento de chegada e instalação dos primeiros imigrantes abarcou inúmeras contradições, evidenciando as ingerências administrativas exigindo-se uma predisposição enérgica por parte dos estrangeiros na reestruturação da vida na nova sociedade. Nessa perspectiva, as famílias como um todo, o pai, a mãe e os filhos, realizaram atividades diversas num esforço considerável para manter a sobrevivência. Assim, o contato e a adaptação à sociedade adotiva fizeram-se em meio a dificuldades diversas. Não obstante, ser dono de terras, dispor de liberdade para dirigir suas vidas, reunir-se em associações com finalidades múltiplas, praticar sem reservas sua religião trouxe ao estrangeiro uma certificação de que a vida no Brasil era boa e uma opção viável diante do quadro trágico vivenciado pelos poloneses em seu país de origem. Esse foi um reconhecimento constantemente salientado nas cartas escritas pelos imigrantes aos seus familiares. Em meio às dificuldades, buscaram desde cedo manter suas tradições através da prática religiosa e da celebração de festas e rituais. Houve uma

⁴ As produções historiográficas de Michelle PERROT foram as orientações iniciais para a construção do objeto de estudo: “O ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história do masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou ‘mental’, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres - piedosas ou escandalosas -, as mulheres alimentam as crônicas da ‘pequena história’ meras coadjuvantes da História. Assim também (...) os materiais que esses historiadores utilizam (arquivos diplomáticos ou administrativos, documentos parlamentares, biografias ou publicações periódicas...) são produtos de homens e têm o monopólio do texto e das coisas públicas. Muitas vezes observou-se que a história das classes populares era difícil de ser feita a partir dos arquivos provenientes do olhar dos senhores - prefeitos, magistrados, padres, policiais... Ora, a exclusão feminina é ainda mais forte” (In: PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 185-186).

preocupação desde o início em providenciar escolas para os filhos nas quais uma atenção especial foi dada à língua pátria. O espírito de solidariedade, através da realização de mutirões, tornou possível atender às necessidades emergenciais em situações cotidianas. Mereceu destaque a mulher imigrante nas suas particularidades comportamentais e nas suas posições frente aos desafios que lhe eram apresentados.

No estudo dessa temática esteve presente, fundamentalmente, um rasgo de memória na medida em que havia implícita uma história de família. A lembrança dos conflitos e contradições vividas pelos antepassados, particularmente na pessoa da avó materna, esteve presente como um pano de fundo a orientar o olhar. As atitudes desconcertantes, por vezes masculinizadas, foram evidentes na derrubada de árvores, na organização de um sítio, ou na tarefa de se iniciar uma vida praticamente sozinha. Vagando de um lugar para outro, cozinhando panelões de geléias das frutas da estação, instalando uma pensão para abrigar viajantes, montando uma roça distante, um pomar ou um jardim, conduzindo carroças com as roupas brancas e engomadas das famílias citadinas, a polonesa conseguiu, com seus trocados, ter seu pedaço de chão. Não obstante o grande esforço despendido no trabalho, ainda sobrava tempo e um dinheirinho para se enfeitar e se divertir nos bailes da cidade. Como era bom gastar o fruto do trabalho em roupas bonitas, água-de-colônia e pedrarias! Muitas vezes suas atitudes eram contraditórias. Vendia seus bens e mudava-se para outros lugares, começando tudo de novo. Em outras ocasiões não hesitava em despojar-se de parte do que possuía para ajudar seus familiares necessitados, muitas vezes em prejuízo pessoal. Gostava dos desafios, ora movidos pelas emoções e desejos, ora pela racionalidade objetiva em construir uma vida pontuada pelo trabalho. Para a rotina da roça, saía cedo levando uma porção de

farofa de couve e uma garrafa de café. Em busca de ser feliz, podia casar uma ou mais vezes, aventurando-se a relações nem sempre bem-sucedidas.

O rasgo da memória pessoal alinhou-se à vivência de muitas moças e mulheres polacas que transitaram por Curitiba na virada do século.

Decorrente da limitação documental e considerando as pretensões da pesquisa, procurou-se outras fontes que pudessem oferecer possibilidades de conhecer a vivência feminina polonesa no passado. Além da imprensa periódica na qual as mulheres polonesas foram abordadas com mais frequência, buscou-se através das fontes orais conhecer os olhares sobre os primeiros tempos de instalação das comunidades polonesas em Curitiba. Para isso, realizaram-se entrevistas às descendentes das primeiras famílias polonesas das antigas colônias Abranches e Santa Cândida. As pessoas entrevistadas constituem-se, hoje, 2a. e 3a. gerações das comunidades pioneiras.

Em relação às fontes orais e sobre o trabalho com depoentes, Maria Luiza JANOTTI e Zita de Paula ROSA afirmam que:

Ao rememorar a sua trajetória, da forma mais completa possível, o depoente se esforça na construção de sua própria identidade, que é resultado de um processo de apropriação simbólica do real. Ao contar suas experiências e emitir suas opiniões, ao conferir sentidos aos gestos, o autor se torna sujeito de seus próprios atos, percebendo seu papel singular na totalidade social em que está inserido. As histórias de vida não esclarecem necessariamente os fatos passados, mas são interpretações atuais deles.⁵

Diferentes autores abordam o trabalho com as fontes orais, sendo que Maurice HALBWACHS tem sido sempre uma referência fundamental: *“No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam*

⁵ JANOTTI, Maria de Lourde; ROSA, Zita de Paula. História oral: uma utopia? In: Memória, história, historiografia. Revista brasileira de história. São Paulo: ANPUH, v.13, n. 25/26, p.13, set. 92 - ago 93.



quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais freqüentemente em contato com ele."⁶

Para a elaboração deste trabalho contribuíram fundamentalmente os estudos teóricos realizados no campo de pesquisa História das Idéias, cuja linha traz implicitamente a preocupação com as formas de pensamento que estão ou estiveram presentes no processo de construção das sociedades, na estruturação de imagens ou mesmo na constituição da mentalidade de um grupo ou de uma coletividade. Durante o curso de mestrado, procurou-se refletir sobre o processo de formação do pensamento ocidental incluindo-se nessa reflexão, uma crítica latente ao uso da razão submetida à técnica e ao poder da sociedade industrial. Nessa perspectiva, o tema *mulheres* confirmou-se entre muitos outros, através da denúncia ao pensamento dezenoviano que, na sua caminhada rumo ao progresso e à construção do discurso científico, excluiu ou marginalizou as *diferenças* e as *minorias* de maneira geral.

Ao abordar uma temática feminista, foi possível uma aproximação com os trabalhos que abordam as relações de gênero, encontrando em Joan SCOTT a sustentação teórica. Os estudos feministas firmaram-se nos anos 60, no contexto das lutas das mulheres por igualdade de condições políticas e pelo seu reconhecimento enquanto sujeitos sociais. Nos anos 70 adquiriam novas configurações, deslocando-se para a fixação de um novo campo de pesquisa desarticulado das plataformas políticas anteriores. Nos anos 80, os estudos das mulheres estabeleceram-se através do uso da terminologia — gênero. É de Joan Scott a afirmativa: "*A emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres*

⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 45.

e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise.”⁷

Ainda seguindo a direção apontada por SCOTT, a temática mulheres impõe dentro de suas próprias fronteiras grandes desafios. Um deles diz respeito às diferenças dentro da diferença:

A política de identidade dos anos 80 trouxe à tona alegações múltiplas que desafiaram o significado unitário da categoria das ‘mulheres’. (...) A fragmentação de uma idéia universal de mulheres por raça, etnia, classe e sexualidade estava associada a diferenças políticas sérias no interior do movimento das mulheres. (...) Há uma experiência das mulheres que transcenda os limites de classe e raça? Como as diferenças de raça ou etnia afetam a experiências das mulheres(...)?⁸

A ausência de outros trabalhos nessa direção eliminou a possibilidade de se fazer um estudo comparativo ou um confronto com outras imigrantes ou mesmo na própria etnia. Os estudos e as reflexões ordenaram-se, então, a partir das referências apontadas pela história do povo polonês nos Anais da Comunidade Brasileiro- Polonesa e pelas informações obtidas nas fontes orais. No caso dos poloneses — *um povo de um vocação agrária*— o campesinato constituiu-se na época estudada, o contexto estruturador do seu *modus vivendi*. Para subsidiar os estudos étnicos valeram-se os estudos antropológicos de Claude LÉVI-STRAUSS no sentido de se conceituar as particularidades dos povos, entendendo as diferenças como sendo efetivamente do ponto de vista cultural. Segundo o autor, “*aquilo que se debate não é a diversidade das raças, mas sim a diversidade das culturas*”. Ainda do mesmo autor: “*Na verdade, a noção de raça confunde-se com a procura de traços desprovidos de valor adaptativo(...) Todos os traços sucessivos evocados*

⁷ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. A Escrita da História. São Paulo: Unesp, 1995, p. 65.

⁸ *ibid.* p. 87-93.

para definir diferenças raciais se revelam, uns a seguir aos outros, ligados a fenômenos de adaptação."⁹

A temática — *mulheres e etnia* — pode ser uma contribuição aos estudos históricos que contemplam a questão da identidade, cultura e cidadania, à medida que desloca a atenção para a margem da história, para a experiência das pessoas comuns, que, ao seu modo, considerando suas bagagens culturais, trouxeram sua efetiva participação na coletividade. Junto às pessoas comuns emerge o cotidiano (em contraposição ao espaço oficial do público e político ocupado essencialmente pelas personalidades masculinas e governamentais) como um lugar de produção de conhecimento e de sentido para a vida.

No contexto atual, apontada a crise nos antigos sistemas políticos e econômicos, considerando-se a ausência de uma certeza que politicamente possa oferecer aos homens a esperança de um convívio mais eqüitativo e feliz, a pesquisa une-se àqueles que têm como objeto o estudo das minorais. Nessa direção, convém ressaltar uma preocupação com o estudo das alteridades centrado no cotidiano das pessoas comuns, em que a abordagem das diferenças pode se apresentar como uma possibilidade de transformação. Pensar as diferenças com respeito ao incomum pode ser uma nova maneira de olhar o outro.

⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. O Olhar Distanciado. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 22 -23.

1 A IMIGRAÇÃO EM CURITIBA: ASPECTOS GERAIS

Na busca das tartarugas demasiado profundas, está sempre presente o perigo de que uma análise cultural perca contato com as superfícies duras da vida.

Clifford Geertz

As transformações econômicas ocorridas no País a partir de 1850 encontraram, no Paraná, um forte engajamento político-administrativo. A Lei de Terras, aprovada nessa época, determinava que as antigas terras deixariam de ser devolutas, passando para a administração do governo, sendo, a partir de então, adquiridas mediante o certificado de compra. Também nessa época a abolição do tráfico de escravos que já ocorria em nível internacional, entrava em vigor no Brasil com a aprovação parlamentar da Lei Eusébio de Queirós. Ainda que permanecesse no Brasil o comércio de escravos no contexto interprovincial, principalmente em relação à demanda do café, a necessidade de braços para a lavoura já se fazia emergente. Em Curitiba, as autoridades uniam seus esforços às preocupações nacionais no sentido de dotar as lavouras de mão-de-obra qualificada.

No quadro que se delineava a partir de então, os donos desse país essencialmente agrícola temiam o perecimento total da lavoura frente à iminente falta de braços para esse fim. Nas últimas décadas do século XIX, o Paraná, assim como as demais províncias brasileiras, apresentava uma grande crise na produção de gêneros de primeira necessidade. Os relatórios dos governos provinciais unanimemente expunham sua apreensão diante da possível falta absoluta de alimentos básicos para seus moradores.

Os governos provinciais, no caso o do Paraná, chegavam a importá-los de outros países, particularmente dos da região do Prata. Já no tempo da comarca, a crise na falta de alimentos e o seu respectivo aumento de preço era observado: “*Em 1852, os preços dos gêneros alimentícios chegaram a subir ‘numa proporção de 200%’. A Câmara Municipal de Curitiba, informava que a drástica situação já se avisinhava da fome.*”¹⁰

Enquanto no Brasil os problemas ocorriam nessa direção, nos países industrializados europeus sobrava mão-de-obra rural e urbana. Operários qualificados, artesãos, camponeses ou antigos proprietários de terras que migravam dos campos para as cidades e destas para outras regiões buscavam as condições de sobrevivência. Por essa época caminhava-se para o apogeu da classe burguesa vitoriosa representada principalmente pelas grandes metrópoles da França, Inglaterra e Alemanha. As capitais, com suas sofisticadas vitrines e majestosos monumentos, expunham as potencialidades técnico-científicas decorrentes da nova arrancada do desenvolvimento industrial. A novidade decorria do emprego de novas tecnologias e do uso de variados materiais tais como o aço, o ferro e o vidro nas estruturas definidoras do espaço urbano. Para os homens desse tempo, as mudanças acenavam um futuro otimista e promissor, sustentado pelo progresso. As crescentes transformações urbanas prometiam bem-estar e conforto às sociedades e elevavam as nações européias ao pedestal reservado aos deuses.

Essa aspiração passou a ser pretendida por povos de diferentes lugares. A partir de então, processou-se entre os habitantes das grandes cidades um esforço e

¹⁰ BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. Santa Cândida, pioneira da colonização linista. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 2, n. 16, dez. 1975, p. 1.

um desejo de se atualizar, de assumir novos padrões comportamentais, o que se poderia chamar de uma nova sociabilidade urbana.

Nas últimas décadas do século XIX, definir fronteiras com grandes extensões territoriais, conter em seu espaço um consistente potencial industrial gerenciado por pessoas científica e tecnicamente preparadas, expor suas conquistas nas aparências de belas e suntuosas capitais e na manutenção de colônias de além-mar eram as preocupações dos estados imperialistas. Já naquela época o mundo se tornava menor com o encurtamento das distâncias graças à velocidade das transformações ocorridas nos trilhos e nos transportes marítimos. A espantosa e rápida corrida em direção ao progresso interferiu nas múltiplas dimensões da vida e mereceu conceituações diversas, sendo *La Belle Époque* o signo de um tempo. Além das condições técnico-científicas, os países vitoriosos tentavam ostentar uma tradição histórica para sustentar a idéia de nacionalismo e garantir um passado heróico para seu povo. Quando não dispunham de tal referência, preenchiam com interpretações do passado que induzissem a posição desejada.

Contraditoriamente, o progresso industrial gerava a pobreza. Os campos eram invadidos por novas usinas e novas técnicas que ocupavam terras dos antigos agricultores e colocavam-nos à mercê de misérias incalculáveis. A proletarianização extrapolava os centros urbanos europeus e atingia a zona rural:

Dez quilômetros ao redor não há mato, nem prado: só beterrabas pela planície afora. Pelo outono essas beterrabas pálidas e terrosas enchem carros de boi e convergem para a usina de açúcar. Os camponeses trabalham só para a usina. Em redor dos tristes edifícios de tijolos vermelhos aglomeram-se as casinhas do vilarejo de Krasinec. O próprio ribeirão é um escravo da usina à qual chega límpido e sai imundo de toda aquela espumeira suja.¹¹

Aldeias européias tornavam-se cenários de pobreza fatal. Dos campos para os centros industriais, a migração decorrente da falta de terras e de trabalho

¹¹ CURIE, Eva. Madame Curie. São Paulo: Editora Nacional, 1957, p. 3.

ampliava os problemas urbanos gerando desordens múltiplas: desemprego, amontoado de miseráveis sem solo e sem casa, focos de doenças irradiáveis, mendicância e promiscuidade.

A Polônia, apesar de ter escapado ao projeto de nação bem-sucedida no contexto dezenoviano, não deixava de ter um passado de realeza e aristocracia. Sua história, pouco referenciada e pouco estudada pelos ocidentais, apresentou particularidades que mereceram destaque. Historiadores especializados em questões políticas como Eric HOBSEBAWM, ao se referir a Polônia, emprega a expressão a *questão polonesa* no contexto da formação sentimento nacionalista do final do século XIX. Sob o título “Que a Polônia seja a Polônia”¹², Robert DARNTON escreve sobre a especificidade do povo.

Uma rápida incursão na história polonesa remete-nos a um país de tradição dinástica, outrora possuidor de grandes extensões territoriais, incorporado ao movimento cultural renascentista do século XVI. Sua prática política, para a eleição dos monarcas, organizava-se através de dietas. Seus exércitos destacaram-se em frentes de batalhas contra a Rússia, Suécia e Turquia. As constantes guerras associadas aos interesses políticos da alta nobreza levaram ao seu enfraquecimento à primeira partilha em 1772. Mesmo assim, outra assembléia, a Grande Dieta, reuniu as autoridades políticas polonesas, aprovando em 3 de maio de 1791 a Constituição. Entre outras medidas procurava-se evitar a anarquia decorrente da falta de um sucessor monárquico, considerar os interesses da pequena burguesia e dar assistência de lei para os camponeses. O dia 3 de maio passou a ser comemorado pela comunidade como o Dia da Constituição. Contra esta Grande Dieta

¹² DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 37 - 47.

manifestaram-se os países vizinhos, ocorrendo a segunda partilha, em 1793, entre a Prússia e Rússia. No ano seguinte, Tadeusz Kosciuszko organizou a insurreição contra a dominação estrangeira, mas sucedeu em seguida, a terceira partilha (em 1795).

A dominação estrangeira enfrentou movimentos organizados. As lideranças revolucionárias e intelectuais polonesas foram deportadas para a Sibéria. Apesar da tentativa de resistência dos poloneses, o domínio estrangeiro dilacerou a nação, procurando atingi-la em suas raízes.

Nessa época, muitos poloneses emigraram para outros países da Europa Ocidental, principalmente para a França. Sob a dominação estrangeira, os poloneses sofreram intensa germanização e russificação, proibindo-se a prática religiosa, o uso da língua e a ocupação de cargos públicos. A posse da terra tornou-se cada vez menos possível. A autonomia retornaria somente em 1920, por ocasião do término da Primeira Guerra Mundial.

Com certeza todo esse cenário esteve presente junto aos poloneses emigrantes. A imagem de um povo excluído, sem governo próprio, explorado e sem recursos superou as particularidades de lutas e suplantou qualquer outra lembrança heróica obtida no passado. A expansão imperialista das grandes potências segregava as nações sobrepujando os costumes, a religião, a língua e as tradições. Era a lei do mais forte contra as minorias étnicas, populacionais ou politicamente mais frágeis.

Desde o início da ocupação estrangeira, a realidade vivida pelos aldeões poloneses apresentava um quadro difícil:

No cume da hierarquia polonesa aldeã no início do século XIX encontravam-se as famílias kmiec, considerados pelos aldeões como grandes proprietários, mas que não chegavam a ser latifundiários.(...) Não possuía mais de 50 hectares de terras (...) Em seguida vinham os chalupniki,(...) proprietários de minifúndios(...) As propriedades não ultrapassavam 10 hectares. (...) A miséria e a fome freqüentemente os atingia (...). Em seguida vinham os

komorniki. Estes não eram proprietários. Arrendavam para o cultivo algum minifúndio. No máximo, possuíam alguma choupana própria. (...) na base da pirâmide social aldeã, encontravam-se os parobki trabalhadores rurais que nada possuíam.¹³

Em busca de mão-de-obra para as lavouras, as autoridades brasileiras promoveram na Europa uma intensa propaganda sobre a fertilidade das terras brasileiras. Pretendiam-se representantes da morigerada e laboriosa raça branca, arquétipo do progresso, arauto das iniciativas bem-sucedidas. Para essa visão colaboraram as concepções racionalista e racialista em voga no século XIX, a partir de uma posição eurocêntrica de mundo, de homem e de ciência. Segundo o pensamento de estudiosos franceses tais como RENAN e LE BON¹⁴, a raça branca européia seria predestinada a conduzir as demais à situação de progresso e bem-estar. Só a raça branca havia atingido a complexidade científica e por conseguinte a negra e a amarela encontravam-se num estágio inferior, predestinadas a serem comandadas, tal como “*o homem girando o moinho, sujeito à matéria, assimilado à besta de carga*”.¹⁵ E ainda: “*nas raças primitivas constatava-se sempre uma maior ou menor incapacidade de raciocinar; nas superiores, ao contrário, ‘grandes invenções nas artes, nas ciências e na indústria (...) o vapor e a eletricidade saíram de suas mãos*’”.¹⁶

As autoridades brasileiras, de longa data, assimilavam o pensamento europeu e procuravam aplicá-lo à realidade nacional. Esbarravam em múltiplas contradições e casuísmos como a constatação da formação de uma população

¹³ WACHOWICZ Ruy. O Camponês Polonês no Brasil. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1981, p. 28.

¹⁴ Sob o título de “O racismo vulgar” Todorov discute as idéias dos estudiosos franceses RENAN e LE BON justificando a escolha do primeiro por ser um dos grandes mestres do pensamento do século XIX; o segundo por ser um “vulgarizador de talento, cujas obras, traduzidas em uma dezena de línguas, foram difundidas às centenas de milhares de exemplares” (In: TODOROV, Tzvetan. Nós e os outros: reflexão sobre a diversidade humana 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 113 - 121).

¹⁵ TODOROV, p. 132.

¹⁶ *ibid.* p. 124 - 125.

híbrida. Para tal, acreditavam ser possível reverter o quadro demográfico constituído por uma maioria de negros e mestiços através do branqueamento da população. Com a introdução da raça branca, na quarta geração já seria possível sentir os efeitos benéficos.¹⁷

Com o intuito de promover a vinda de europeus para o trabalho agrícola nas terras brasileiras, as companhias de imigração divulgavam as vantagens oferecidas pelo sistema de imigração brasileiro. As companhias instaladas em diferentes países ofereciam passagens gratuitas aos emigrantes que quisessem tentar a sorte em outros lugares. A pretensão de organizar o caos reinante nas cidades europeias, decorrente do crescimento populacional, facilitava e impelia a saída dos desempregados, o excedente da população rural, os desclassificados que vagavam nas ruas dos centros urbanos, os velhos e as famílias numerosas.

Sobre a imigração para o Brasil, muitos europeus já tinham suas opiniões formadas: país escravocrata, clima tropical, obrigatoriedade da religião católica eram alguns dos empecilhos que aguardavam os mais avisados. Pesavam

¹⁷ MORITZ, Lilia Schwarcz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia de Letras, 1995. Em especial, no capítulo "O Espetáculo da Miscigenação em que a autora discute a questão, apresenta dados demográficos e expõe essa possibilidade através de iconografia. De acordo com a pesquisa realizada pela autora, a composição da população brasileira em 1890 seria a seguinte:

TABELA 1. POPULAÇÃO: SUDESTE, RESTO DO PAÍS E BRASIL, SEGUNDO COR - 1890

COR	SUDESTE	%	RESTO DO PAÍS	%	BRASIL	%
BRANCA	2.607.331	61,6	3.694.867	36,5	6.302.198	44,0
MULATA	1.024.313	24,6	4.909.978	48,5	5.934.291	41,4
NEGRA	583.359	13,8	1.514.067	15,0	2.097.426	14,6
TOTAL	4.215.003	100	10.118.012	100	14.333.915	100

FONTE: Hasenbalg, 1979:149, tendo como fonte o censo demográfico de 1890.

sobremaneira as experiências negativas já realizadas desde a época de D. João VI no Rio de Janeiro.¹⁸

A preocupação com a política imigratória esteve presente no Paraná desde quando o primeiro presidente da província assumiu. Já naquele momento, a intenção era atrair colonos através do sistema espontâneo, de imigração criando para isso as condições adequadas. O objetivo era povoar os imensos territórios, levar vida aos sertões desabitados, estabelecer colônias agrícolas para a produção de gêneros de primeira necessidade. Para que os imigrantes fossem atraídos a um país ainda escravocrata, os administradores empenhavam-se em oferecer-lhes agasalhos, alimentos e atendimento desde o desembarque nos portos até a sua instalação nas colônias.

Desde as primeiras décadas do século XIX, já ocorria a entrada de imigrantes no Paraná. Inicialmente, em 1829, vieram os alemães; em Guarapuava, a colônia Santa Tereza, fundada em 1847 pelo médico Dr. Faivre, apresentava bons resultados. No litoral, porém, a colônia de Superagüi, criada em 1852, revelava alguns fracassos.

Em 1857, ocorreu a intervenção do governo imperial no sentido de autorizar a demarcação do Núcleo Colonial do Assunguy para onde se deslocaram 35 pessoas num processo de reimplantação da colônia D. Francisca, em Santa

¹⁸ Em 1817, o flagelo da fome castigou a Suíça que dependia da importação do trigo. O governo suíço autorizou a vinda para o Brasil de parte da população pobre. D. João VI, determinou a fundação de uma colônia suíça em Nova Friburgo no Rio de Janeiro. O percurso dos imigrantes desde o embarque em condições precárias expostos à doenças, continuou depois no Brasil: miseráveis caminhos, os loteamentos não estavam demarcados, as famílias vindas ultrapassaram as expectativas o que levou a constituição de uniões artificiais, os terrenos eram íngremes e pedregosos, as sementes e o gado eram em quantidade insuficientes. Tais decepções acabaram por desintegrar as colônias. Os solteiros buscavam trabalho nas fazendas próximas. Foram feitas as reclamações a D. João VI que deixou na liberdade dos colonos de abandonar ou não as colônias. Assim permaneceram apenas os mais pobres que não tinham condições de tentar a vida em outros locais. No tempo de D. Pedro I novas tentativas foram feitas com colonos alemães também com os mesmos resultados. Assim, a tradição nas políticas imigratórias brasileiras não tinha boa repercussão na Europa.

Catarina. Para esses imigrantes houve a preocupação em se construírem casas provisórias, paióis e fornos para a fabricação de telhas e tijolos; efetuou-se a derrubada da mata; procedeu-se à colheita de milho, feijão e abóbora para os primeiros assentamentos.

Nos discursos de quase todos os presidentes que passaram pelo Paraná era evidente o enaltecimento das condições naturais da província como fator gerador do progresso. Vez por outra, seus relatórios iniciavam fazendo uma saudação a esta terra tão promissora que tinha tudo para dar certo: *“A pasmosa salubridade d’esta província, a amenidade do seu clima, a uberdade e suas terras, a hospitalidade de seus habitantes e sobretudo a rápida fortuna que n’ella tem adquirido os allemães vindos da colônia D. Francisca, e de outros pontos, estabelecerão bem cedo essa corrente de imigração espontânea, que tanto desejamos(...)”*¹⁹

Até 1870 foi lenta a penetração de imigrantes no Paraná. Havia muitos estrangeiros em trânsito, sem estabelecimento fixo, o que encarecia as despesas do governo que se via forçado a mantê-los com alimentação, transporte e acomodação.

O governo provincial associara-se às iniciativas do governo imperial, através da Associação Central de Colonização, fazendo um contrato para providenciar a vinda de avultado número de colonos para o trabalho na agricultura. Na contratação dos imigrantes ficava evidente o desejo dos provinciais de obter *“colonos morigerados e laboriosos que conhecedores dos processos mais vantajosos ao manejo e cultura das terras, se empregassem nos vastos campos da*

¹⁹ PARANÁ. Governador (1856-1857: Vaz). Relatório do presidente da Província do Paraná José Antonio Vaz de Carvalhaes à Assembléia Legislativa Provincial em 7 de janeiro de 1857. Curityba: Typ. Lopes, 1857, p. 46.

provincia”.²⁰ Pretendia-se dar uma nova visão à lavoura brasileira, libertando-a do caipirismo do agricultor nacional.

Apesar dos efusivos discursos, das propagandas sobre a fertilidade das terras, havia a reclamação da falta de empresas para a contratação de mão-de-obra estrangeira. Posteriormente, em 1874, o Governo autorizava a celebração de contrato para a introdução de quatro mil imigrantes na Província do Paraná no prazo de quatro anos.

Os imigrantes terão plena e completa liberdade de se estabelecerem como agricultores e empregarem-se nas cidades, vilas e povoações do império que escolhem para sua residência, recebendo-os o empresário em casa decente no porto de desembarque, agasalhando-os e sustentando-os gratuitamente durante oito dias.²¹

Em algumas ocasiões, estrangeiros empreendedores percorriam o Paraná com o fito de conhecer a terra e nela instalar colônias. Havia os que se ofereciam para trazer imigrantes para a construção de estradas e em troca desejavam grandes extensões de terras onde poderiam explorar as ricas madeiras naturais.

Além da precariedade das estradas, da falta de recursos para abrir caminhos até os pontos onde as terras estavam disponíveis à venda, a carência de pessoal para administrar as questões da colonização colocava sérios riscos ao projeto imigratório. Faltavam agrimensores para a realização do trabalho de medição dos terrenos públicos e particulares. Muitas vezes, por esses motivos, a venda de terras deixava de ser efetuada.

Entre os poloneses, a divulgação da existência das terras brasileiras, particularmente as do Paraná, encontrou fértil adesão, pois a exigência era de braços para a lavoura. Sendo um povo de vocação agrária, a idéia de possuir

²⁰ PARANÁ. Governador (1857-1859: Matos). Relatório do presidente da Província do Paraná Francisco Liberato de Matos na abertura da Asembléia Provincial em 7 de janeiro de 1858. Curitiba: Typ. Lopes, 1858, p. 6.

²¹ GOVERNO Geral nº 1560. Dezenove de Dezembro. Curitiba: Candido Lopes, p. 1, 16 dez. 1874.

propriedades, plantar e criar animais encontrou entre eles grande ressonância. Em meio à extremas dificuldades, a idéia de emigrar para as terras paranaenses se fez também através de uma visão mítica:

O Paraná acaba de ser descoberto. dissipando-se o denso nevoeiro que durante séculos o envolvera. Foi a Virgem Maria, que, compadecida da sorte dos camponeses da Polônia, lhes apontara a nova terra dizendo que fossem povoá-la. Outra versão da mesma lenda dizia que todos os reis e imperadores da terra fizeram uma assembléia para deliberar a quem caberia a região recém-descoberta. Três vezes apostaram e três vezes saiu vencedor o Papa. Instigado pela Virgem, o Pontífice entregou o Paraná aos poloneses.²²

Vieram para o Paraná os excluídos pelo sistema capitalista, porém de espírito aventureiro dispostos a retomarem novas direções para suas vidas:

A primeira idéia que um mundo oferece ao emigrante é freqüentemente a de uma esfera de possibilidades infinitas onde a capacidade de ação não encontra estorvo. A aptidão para emigrar envolve, sem dúvida, tal capacidade — nisso têm razão os que vêem as migrações como um autêntico processo de seleção — mas envolve também uma capacidade de idealizar em excesso a terra procurada, a terra prometida, criando imagens falsas e ilusórias. Certa dose de fantasia e credulidade, por pequena que seja, certo definhamento do senso de crítica, existiram sempre na origem das emigrações em grande escala.²³

Os primeiros poloneses que chegaram ao Brasil vieram da Silésia e se fixaram inicialmente em Brusque, Santa Catarina (1869), junto às famílias alemãs lá instaladas. Eram 16 famílias. Mais tarde, essas famílias foram transferidas por intermédio de Edmundo Saporski para Curitiba e junto com outras 16 famílias, que chegaram ainda em 1871, foram instaladas nas proximidades da capital, fundando-se dessa maneira a Colônia do Pilarzinho:

O polaco Sebastião Saporoki (sic) apresentou-se como encarregado por diversos compatriotas estabelecidos na província de Santa Catarina pedindo para facilitar-lhes passagem, para virem se estabelecer nos subúrbios desta Capital. Declarei a este indivíduo que os mandaria transportar até Paranaguá, e que dali para aqui correriam as despesas por conta delle ou de seus compatriotas, com o que concordou, e nesse sentido dei as ordens necessárias.²⁴

Em Paranaguá, logo quando chegaram, os poloneses esperavam encontrar Edmundo Saporski para indicar-lhes os terrenos onde deveriam se fixar. Na

²² HOLLANDA, Sérgio Buarque. Prefácio de um Tradutor. In: DAVATZ, Thomas. Memórias de um colono no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, p. xix.

²³ HOLANDA, ibid. p. 19.

²⁴ PARANÁ. Governador (1870 - 1872: Oliveira). Relatório do presidente da Província do Paraná José Venâncio de Oliveira na abertura da Assembléia Legislativa Provincial no dia 15 de fevereiro de 1872. Curitiba: Typ. Lopes, 1872, p. 64.

ausência do guia polonês, o Presidente da Província, que se encontrava no local, providenciou para que “*fossem recolhidos e transportados até a capital por conta da província*”.²⁵

Quando chegaram à capital paranaense já encontraram o rocio povoado por colonos alemães ocupados com o plantio de cereais: “*As chácaras dos alemães, situadas todas em colinas suaves, formando semi-círculo ao norte da cidade, apresentavam um panorama agradável e pitoresco pelo contraste das plantações do campo com florestas próximas.*”²⁶

Em 1873 chegaram mais 64 famílias com 258 pessoas, procedentes da Prússia ocidental, sendo instaladas no Abranches, onde, nas imediações, já havia uma colônia iniciada por alemães. Em homenagem ao Presidente da Província, Frederico Abranches, foi dado nome ao respectivo “*nascente núcleo, situado entre os quarteirões Ahu e Pilarzinho, em que começaram a estabelecer-se os imigrante polacos que espontaneamente vieram em demanda dos fertilíssimos terrenos desta província*”.²⁷ Já no ano de 1874, era benzida, na Colônia do Abranches, a capela consagrada a Santa Ana. Nessa ocasião, podia-se observar que junto às inúmeras casinhas dos colonos: “*já se ostentavam viçosas plantações, que atestam a fecundidade do solo e o atual labor de seus cultivadores (...) uma multidão de imigrantes polacos, homens, mulheres e crianças, erguia suas vozes repassadas do mais profundo sentimento religioso, para dar graças ao onipotente pelos benefícios*

²⁵ *ibid.*

²⁶ KELLER, Francisco. Catálogo da Exposição Provincial do Paraná. Apud MARTINS, Romário. *Quantos Somos e Quem Somos: dados para a História e a Estatística do Povoamento do Paraná*. Curitiba: Empresa Grafica Paranaense, 1941, p. 60.

²⁷ DEZENOVE de Dezembro. *Dezenove de Dezembro*. Curitiba: Candido Lopes, n. 1454, p. 2, 15 nov. 1873.

*recebidos, após uma penosa peregrinação até a terra que os acolhera como filhos”.*²⁸

Nos anos que se seguiram a imigração continuou.²⁹ Para o Paraná vieram poloneses em grande número, chegando a surpreender os administradores brasileiros que nem mesmo haviam providenciado a demarcação dos terrenos a eles destinados. De 1890 a 1896, entraram 27.636 poloneses; de 1907 a 1914, entraram 27.406; de 1914 a 1934 entraram apenas 6.604.

Com Lamenha Lins, no governo da província do Paraná entre 1875-1877, a política imigratória ganhou um apoio particularizado.³⁰ Sua larga experiência como político em diferentes províncias forneceu-lhe uma visão até certo ponto crítica dos procedimentos imigrantistas que ocorriam em âmbito nacional. Realizou visita à antiga Colônia Assunguy, onde obteve uma idéia dos principais problemas enfrentados: poucas opções de cultivo, terrenos acidentados, falta de estradas, distância do centro consumidor e um grande desânimo por parte dos colonos. Além disso, o governo já havia investido uma grande soma em dinheiro nessa colônia.

Considerando esses percalços, elaborou um projeto de largo alcance e de sucesso garantido para atrair o imigrante estrangeiro. De acordo com sua visão, os

²⁸ NOTICIÁRIO. Dezenove de Dezembro. Curitiba: Candido Lopes, n. 1560, p. 3, 2. dez. 1874.

²⁹ Romário Martins em Quantos Somos e Quem Somos. Curitiba: Empreza Gráfica Paranaense, 1941, fornece um quadro geral da imigração no Paraná, de 1829 a 1934, onde fica evidente o predomínio da corrente imigratória polonesa sobre as demais:

poloneses: 47.731

ucrainos: 19.272

alemães: 13.319

italianos: 8.798

outros: 9.826

³⁰ Também a partir de 1870, com a expansão do capitalismo mundial, houve uma grande preocupação em investir capitais nos países não desenvolvidos, financiando a construção de estradas de ferro e aparelhamento dos portos. O Brasil necessitava de mão-de-obra estrangeira para dar conta da sua produção de café e assim ingressar na ordem capitalista. Essa necessidade se intensificou com a extinção gradativa da escravidão.

núcleos coloniais seriam fundados próximos à cidade para abastecer de produtos agrícolas a carente capital da Província do Paraná. A proximidade dos centros consumidores garantiria uma menor despesa na construção das estradas necessárias (condição indispensável para o efetivo êxito) à circulação das mercadorias. Para o acesso, haveria as estradas tronco de onde partiriam as secundárias. Um estudo do presidente estabelecia a despesa necessária por família:

Medidos e demarcados lotes de terras de cultura nos arredores da cidade, traçadas as estradas, entrega-se um lote a cada família, com uma casa provisória, regularmente construída.

Ao colono maior de dez annos dá-se como auxilio de estabelecimento 20\$000. Cada família recebe mais de 20\$000 para compra de utensilios e sementes. Logo que o colono se estabelece é empregado na construção das estradas do núcleo, recebendo ferramenta necessária e cessa, então, a alimentação por conta do governo.

Em cada núcleo funda-se uma escola e edifica-se uma capella, com excepções daquelles que, por muito próximos da cidade, dispensam essa construção. Além do trabalho nas estradas do núcleo, encontra o colono serviço nas obras públicas geraes.³¹

A perspectiva político-administrativa pretendia também, num primeiro momento, tornar o colono proprietário de terras adquiridas a preços facilitados:

Estabelecidos por esta forma, ficam os colonos entregues à sua própria iniciativa e somente obrigados a pagar, no prazo do regulamento de 1867, a sua dívida ao governo. Esta dívida, pelo que respeita aos gastos feitos desde que o colono chega a esta província, ainda não excede a 500\$000 por cada família de 5 pessoas. (...) incluindo o preço das terras, e está garantida pelo valor real do lote, casa e acessórios.³²

O Presidente era de opinião de que o erro cometido pelos políticos nacionais estava em oferecer aos estrangeiros uma visão paradisíaca e, portanto, enganosa da realidade brasileira. Para ele, o procedimento ideal seria:

Dizer a verdade ao immigrante sobre a nova patria que vem procurar, e em vez de poéticas descripções e exageradas promessas, convencei-o de que temos a seu alcance terras fertilissimas, e promovemos a construcção de boas vias de communicação.

Facilitar o transporte, evitando que o immigrante soffra privações e mau tratamento até o termo de sua viagem.

Dividir bons lotes de terras nas vesinhanças dos centros populosos e fazei-os communicaveis por estradas de rodagem.

³¹ PARANÁ. Governador (1875 - 1877: Lins). Relatório do presidente da Província do Paraná Adolpho Lamenha Lins apresentado à Assembléia Legislativa Provincial em 15 de fevereiro de 1877. Curitiba: Typ. Lopes, 1877, p.79.

³² *ibid.*

Fazer o colono adherir á terra que habita, pelo direito de propriedade, facilitando-lhe a aquisição d'ella.

Evitar que o immigrante ao chegar sofra vexames que lhe abatam o animo aos seus primeiros passos em regiões desconhecidas.

Estabelecer bem o colono, com todos os favores promettidos, e depois libertal-o de qualquer tutela, deixando-o sobre si, e entregue ao desenvolvimento de sua propria iniciativa.³³

Lamenha Lins apontava, assim, algumas saídas para aliviar os problemas responsáveis pelos insucessos ocorridos nas experiências já realizadas. Pesava *“contra nós os nossos próprios erros, a nossa incúria, o nosso relaxamento administrativo, a ausência do indispensável critério na decretação das providências que deviam assegurar-nos o êxito das nossas multiplicadas tentativas”*.³⁴

A perspectiva do presidente tornou-se um roteiro para os projetos imigrantistas e referência básica ao se pensar a imigração no Paraná. Seus relatórios de governo revelam dinamismo, evidenciando-se uma certa pressa em dar conta de um programa; um esforço ufanista ou até mesmo uma postura um tanto lisonjeira, pois no segundo ano de governo, já emitia sua opinião sobre o assentamento dos colonos: *“a todos os colonos estabelecidos foram concedidos os favores (...) e todos acham-se animados e satisfeitos, mostrando seu contentamento não só pelas declarações escriptas expontaneamente feitas, como pelas instancias que fazem para que tenham passagem para esta província centenas de familias por elles*

³³ PARANÁ. Governador (1875-1877: Lins). Relatório do presidente da província do Paraná Adolpho Lamenha Lins apresentado à Assembléia Legislativa Provincial em 15 de fevereiro de 1876. Curitiba: Tip. Lopes, 1976, p.79.

³⁴ O jornal Dezenove de Dezembro sob o título de “ Transcrição ”, apresenta um apanhado dos principais problemas imigratórios enfrentados pelas autoridades. In: Dezenove de Dezembro. Curitiba: Candido Lopes, n. 1658, p. 2 20 nov. 1875.

convidadas, como elles por sua vez o foram pelos primeiros que se estabeleceram".³⁵

Em agosto de 1875, chegaram de Antuérpia os colonos destinados à Colônia Santa Cândida, para ocupar os lotes comprados de terceiros, pois nessa época a província não dispunha de terrenos devolutos. Segundo relatório do presidente, as terras eram boas para o cultivo e contavam com a presença de rios nas proximidades. Foram construídas casas de madeira e para a abertura de estradas o presidente contratou o serviços dos próprios colonos. O nome da colônia foi dado em homenagem a Cândida de Oliveira, esposa do presidente. Como de costume, seguiu-se a construção da capela, inaugurada no ano seguinte através de uma solene e significativa manifestação religiosa: "*os colonos dos arredores da capital em número superior a dois mil, seguidos de uma multidão de fiéis d'esta cidade, formaram a procissão que desfilou pela estrada da Graciosa até a bella colina onde está construída a elegante capella da colônia*".³⁶

Além de Santa Cândida, fundaram-se durante o governo de Lamenha Lins, as colônias de Órleans, D. Pedro, D. Augusto, Tomás Coelho, Lamenha, Santo Inácio e Riviera, razão pela qual pode-se afirmar que em seu governo concretizou-se a experiência de instalação de colônias no cinturão verde.

No Paraná, diversamente do sistema de parceria ou do trabalho assalariado que ocorria em São Paulo, o sistema de colonização pretendia conquistar o imigrante a fim de que este produzisse gêneros de primeira necessidade, povoasse a região como pequeno proprietário e assim garantisse o seu real crescimento.

³⁵ PARANÁ. Governador (1875 - 1877: Lins). Relatório do presidente da Província do Paraná Adolpho Lamenha Lins apresentado à Assembléia Legislativa Provincial em 15 de fevereiro de 1877. Curitiba: Typ. Lopes, 1877, p. 82.

³⁶ BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMARIO MARTINS, *ibid.* p. 10.

As propagandas das terras paranaenses encontraram receptividade entre habitantes de diferentes nações européias e particularmente entre os poloneses.³⁷ Ao que tudo indica, os comentários pessoais ou de parentes já instalados no Paraná incentivavam a emigração muito mais do que as propagandas oficiais através das Companhias de Imigração: *“O Dr. Brasília Machado, dirigiu-se aos colonos ali estabelecidos de quem tomou lista exata dos nomes de suas famílias residentes na Europa, que quisessem imigrar. Obtidas essas listas ofereceu-lhes as garantias e territórios.”* E ainda: *“ sistema adotado de propagandas de imigração feitas por boca dos próprios colonos, é tanto simples, quanto mais segura e expedita.”*³⁸

Sem dúvida nenhuma, a possibilidade de se tornar proprietário apontava como o maior estímulo. Para os poloneses, os projetos de vida — construir uma vida mais justa, promovida pelo trabalho, assim como assegurar terras para seus filhos — constituía um forte imperativo emigratório.

A vinda dos poloneses a Curitiba ocorreu num período de grandes transformações urbanas. No final do século XIX, havia na capital da província do Paraná um forte empenho de modernização. Essa busca foi constatada nos jornais, nos relatos de viajantes, nos discursos literários, nos projetos administrativos e nas construções arquitetônicas. Ainda que destoassem das metrópoles européias, considerando sua particularidade em relação ao número de habitantes e crescimento industrial, as transformações que ocorreram em Curitiba por esse tempo foram muito evidentes de acordo com o relato a seguir:

Curitiba, a suntuosa capital do Paraná...Quem se der ao trabalho de uma inspeção cuidadosa em nossa cidade, verá que dobramos o indeciso período de terra do interior e que entramos num período amplo de cidade que, em breves tempos, vai adquirindo no país, lugar entre as de primeira classe. Os poderes executivo e legislativo do Estado, têm sido solícitos em atender as justas e nobres solicitações da corporação municipal com relação a melhoramentos de

³⁷ As exigências para o Brasil eram menos rigorosas do que as impostas pela Austrália ou Canadá. De maneira geral, para estes países iam inicialmente os chefes das famílias por um contrato de dois anos e então caso se adaptassem mandariam buscar a família. Para o Brasil, poderiam vir famílias, daí porque o Brasil foi muitas vezes escolhido pelo critério de exclusão.

³⁸ IMMIGRAÇÃO no Brazil. Dezenove de Dezembro, Curitiba: Candido Lopes, n. 107, p. 1, 1 jul. 1885.

elevada monta, tais como: o de abastecimento de água e rede de esgotos. Hoje possui [...] 56 ruas centrais, e praças magníficas, 9 largos bons e 4 pitorescos bulevares.³⁹

As contradições também estavam presentes:

É o grito que se levanta por todo o município. (...) A imprensa desta capital em demanda do péssimo estado em que se acham as nossas ruas, (...) o asseio da cidade. A câmara municipal tem cerrado o ouvido. (...) Por toda a cidade encontram-se frontões de imundices (...) causa de grandes moléstias que teem atormentado esta população. As ruas em estado deplorável (...) a lavagem de roupa e despejo se fazem em frente a cadeia (...) que obrigue a toda a força os proprietários a conservarem a frente de suas casas bem limpas e proibi-los de lançarem á um qualquer objeto; sujeitando-os ainda a multa quando deixem de observar essas determinações.⁴⁰

Em outros relatos é possível considerar certos costumes da cidade:

A iluminação da Catedral esteve esplêndida. A profusão de lanternas de cores nas torres e em volta do templo produzia um efeito magnifico. (...) Pelas 10 horas da manhã chegaram da colônia Thomaz Coelho, 300 carroças conduzindo os colonos. Mais tarde outra grande multidão de colônias.⁴¹

Tobias MONTEIRO, jornalista republicano, de passagem por Curitiba por ocasião do cinquentenário da emancipação política do Paraná, fez o seguinte relato:

... enfim surgiu Curityba. Havia no panorama algo a lembrar São Paulo. A cidade despontava no dorso das collinas; as torres da Cathedral surgiam de vez em vez, dominando a paisagem, e a casaria elevava-se pouco a pouco, manchando de branco a verdura do quadro. Curityba parecia maior do que eu esperava. Na estação do caminho de ferro o movimento era considerável; muita gente, muitas carruagens. Em frente uma rua para subir. Era a parte nova da cidade, há uns 12 annos coberta de pantanos. O centro principal ficava no alto, do lado opposto; mas a estrada veio ter ali e as construções conquistaram o terreno, entre ellas, o Palácio do Governo e o Edifício do Congresso. (...) A cidade triplicou ...nos últimos annos. O último recenseamento dá 53.000 habitantes para o município; muitas ruas são calçadas, algumas de parallepípedos; a praça da cathedral é ajardinada; toda a cidade e arredores, illuminados a luz eléctrica e servidos de bondes. As construções já tem melhor aspecto, e grandes prédios de boa architettura são dignos de figurar em maiores cidades. Curityba desenvolve-se embora o que está sendo feito de útil esteja mal feito (...) as lâmpadas de illuminação são fracas e, collocadas de um só lado, deixam o outro na penumbra. Chove muito em Curityba (...) e como há muitas ruas por calçar, até as dotadas de melhoramentos enlameiam-se facilmente pelo tráfego de vehiculos; não há serviço de limpeza pública.⁴²

As transformações também pretendiam corrigir hábitos comportamentais dos habitantes, como demonstra o testemunho da época:

Incontestavelmente Coritiba é uma terra fadada para as grandes reformas que o nosso século vem despejando desassombradamente sobre a humanidade exausta de novidades. Tudo pelo progresso! ...E quando lesado em seus principios conservadores um pedaço dessa multidão que Vitor Hugo dizia ser pequena por andar de joelhos, vocifera indignada a solene instituição do "Não pode!"ahi veem carrancudos esbirros de sabre em punho ou com as patas dos seus cavalos, impor silencio com a mesma violencia com que, pro reforma, se põem hoje fucinheiras

³⁹ ALMANACH Paranaense. Boletim do Arquivo do Paraná. Curitiba, n. 25, p. 15-16, 1899.

⁴⁰ FATOS, Diversos - Debalde clama-se. O Paranaense, Curitiba: Typ. Paranaense, n. 39, p. 3, 19 jan. 1879.

⁴¹ FESTA da inauguração da Diocese de Curityba. A República. Curitiba: Leôncio Correa, n. 127, p. 1, 1894.

⁴² MONTEIRO, Tobias. Um relato sobre Curitiba. Boletim do Arquivo Público. Curitiba, n. 19, p. 33, 1986.

nos cãezinhos de estimação. Proibições, censuras, multiplicam-se pela polícia ou chovem empuerçadas nas posturas municipais, (...) porque entendem os novos Solons desta Athenas Nova, que elas são o adubo vigoroso das reformas premeditadas. Queremos o progresso, a reforma mas proibir a serenata, dr. Philinto, não é progresso, é atrazo, não é reforma... é asneira.⁴³

E ainda: “... *monsenhor Alberto proibindo os casamentos à tarde para evitar na Catedral a aglomeração desenfreiada de muito pé-rapado, que ali vão para atirar chalaças aos noivos e dirigir impunemente graçolas às famílias*”.⁴⁴

Uma primeira pretensão dos administradores da capital era acabar com os resquícios de uma vila tipicamente rural, com ar de cidade do interior, definindo-se para isso setorialmente o centro da cidade, dotando-o de fisionomia urbana moderna. Nas últimas décadas do século XIX, a exploração da erva-mate apontava como uma atividade econômica rendosa. Os barões do mate— espelho do arrivismo capitalista europeu em Curitiba — nutriam o desejo de desfrutar das invenções técnicas das metrópoles ocidentais.

Em 1882, houve a suspensão completa do serviço de colonização. Em âmbito nacional, o governo imperial, diante da crise do Tesouro Nacional, suspendeu provisoriamente todo e qualquer sistema de imigração oficial ou subvencionada. Ao imigrante não se proibia a entrada em território brasileiro, mas todas as despesas corriam por sua conta.

No Paraná, e especificamente em Curitiba, tudo era bastante incerto e o mal-estar era geral. Reconhecia-se a necessidade de braços para a lavoura e a urgência em promover-se o povoamento dos espaços vazios, mas o sistema de subvenção até então utilizado era por demais oneroso. Nos relatórios dos presidentes da província, ficava evidente a necessidade da infusão de sangue de raças mais enérgicas para dar maior vigor e dinamismo ao povo brasileiro.

⁴³ A REFORMA. O Olho da Rua, Curitiba: Typ. Imp. Paranaense, n. 8, n. p., 8 jun. 1907.

⁴⁴ *ibid.*

Dos presidentes posteriores a Lamenha Lins, ressalta-se a retomada da política imigratória por Alfredo D'Escagnolle Taunay. Este articulou esforços junto às entidades estrangeiras no sentido de que o Paraná fosse conhecido na Europa e os estrangeiros estimulados a emigrar para as nossas terras. Houve até mesmo um projeto para que o Paraná se fizesse conhecer na Exposição Universal de Berlim, em 1886, através da impressão de carta-folheto de fácil manuseio, contendo mapas e informações sobre a província. A carta-folheto pretendia superar em objetividade as brochuras feitas para divulgar as riquezas brasileiras, que, segundo o presidente, não eram lidas. A carta-folheto seria traduzida para o alemão, italiano e polonês.

O intenso fluxo imigratório ocorrido entre as últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX, conhecido como *febre brasileira* — “devido à rapidez com que se propagou e o número elevado de pessoas atingidas”⁴⁵ — conviveu com a escassez de recursos e o gerenciamento dos conflitos decorrentes exigiu dinamicidade das autoridades. Os relatórios apontavam a permanência das dificuldades no controle do serviço de imigração: “*Em officio circular de n° 36 de 2 de agosto de 1893 communicou o Ministro de Indústria, Viação e Obras Públicas ao Governo deste Estado que o produto da terra devia reverter para os cofres federais, conforme a doutrina estabelecida em aviso do Ministério da Fazenda de 9 de maio do mesmo anno.*”⁴⁶ As autoridades paranaense protestaram contra essa determinação, mas na continuidade passou-se a receber apenas uma ajuda de custo da União para os projetos imigratórios. Continuavam os

⁴⁵ WACHOWICZ, Ruy. A ‘febre brasileira’ na imigração polonesa. In: Anais da comunidade Brasileiro-Polonesa. Curitiba: Superintendência do centenário da imigração polonesa ao Paraná, v. 1, p. 29, 1970.

⁴⁶ SECRETARIA DE OBRAS PÚBLICAS E COLONIZAÇÃO. Relatório-1894. Apresentado pelo Dr. João Baptista da Costa Carvalho Filho ao Governador de Estado do Paraná, em 18 de dezembro de 1894. Curitiba: Typ. d’A Republica. 1894, p. 46.

esforços de se povoarem os espaços vazios e o desejo de que a imigração ocorresse de forma espontânea. Por vezes, registrava-se um grande afluxo de colonos; outras vezes, o pessimismo retornava diante da falta de mão-de-obra para diferentes tipos de trabalhos. A expectativa em torno da raça européia na promoção do crescimento do estado foi constante nos discursos governamentais. Apesar da avultada vinda de imigrantes, permanecia a intenção de se trazerem novas levas de colonos, recorrendo-se para isso a empresas particulares.

Os colonos continuaram sendo inicialmente acomodados nas hospedarias de imigração, repartições vinculadas ao serviço criado para atendimento dos imigrantes sob o nome de “Inspeção Geral de Colonização do Estado”. Para o gerenciamento dos trabalhos, o serviço passou a dispor de administradores, ajudantes, médicos, guardas, sob a chefia dos inspetores e escriturários. Contudo, permaneciam as velhas dificuldades relacionadas à falta de plantas de localização das colônias, atrapalhos nas demarcações ou distribuição de lotes, invasões de propriedades particulares, resultando constantes queixas por parte dos colonos.

Em 1896, Cândido de Abreu, na função de Secretário de Obras Públicas e Colonização, expedia normas para a localização de imigrantes nas colônias. Entre muitas, ficava a preocupação em se manter por pouco tempo os colonos no barracão, no máximo dois ou três dias e, durante este tempo, deveriam construir suas choças e ocuparem-se da construção de estradas. Os trabalhos teriam a fiscalização de um feitor, que numa caderneta tomava nota da assiduidade e dos serviços realizados pelas diferentes turmas: *“A construção das casas compreenderá turmas para tirar taboinhas, ripas e frechames; turmas para serrar taboas ou tirar rachões; turmas para cortar esteios, enfim, as turmas precisas para*

os trabalhos de localização dos imigrantes.”⁴⁷ A jornada de trabalho era de 1 a 3 mil réis. Com as anotações sobre o trabalho realizado e fixado nas devidas cadernetas, os colonos poderiam dirigir-se aos armazéns dos negociantes e ali adquirir as mercadorias, porém dentro do que lhes era possível, isto é, de acordo com os seus rendimentos.

1.1 PRIMEIROS ASSENTAMENTOS: CONFLITOS E DIFICULDADES

De maneira geral, os emigrantes deslocavam-se na sua maioria em viagens de trem de seus países até os portos da Itália, França ou Alemanha e de lá de navios até os países americanos. Constantemente ocorriam situações enganosas e aviltantes em relação aos preços das passagens, encomendas e cargas. Não faltavam os aproveitadores da situação:

Para a transposição da fronteira, o guarda florestal dividiu-nos em tres grupos (...), de tal forma que nossa família também foi dividida. Como eramos os últimos, transportaram minha mãe com apenas duas crianças. Quando ela já se encontrava do lado prussiano, disse-lhe o guarda florestal:

- Se a senhora me der agora 10 rublos, eu lhe transporto a outra criança; se não, retenho-a do outro lado do rio. Além disso, havia a bagagem com inumeros apetrechos caseiros. Minha mãe, desesperada, pagou ao vigarista os 10 rublos exigidos (...) Este porém ordenou ao canoeiro que só transportasse a criança; e, ao retornar, colocou as nossas trouxas nas costas e levou-as para a sua própria casa.⁴⁸

Os imigrantes vinham em grande número, despertando a atenção e curiosos olhares dos transeuntes e policiais. Nas palavras do próprio condutor dos estrangeiros, o episódio assemelhava-se ao transporte de gado.

No Brasil, ao chegarem no porto do Rio de Janeiro, permaneciam instalados na Casa do Imigrante na Ilha das Flores, as mesmas instalações já utilizadas em outros tempos para o comércio de escravos. De modo geral, em todos

⁴⁷ SECRETARIA D' ESTADO DOS NEGÓCIOS DE OBRAS PÚBLICAS E COLONIZAÇÃO. Relatório - 1897. Apresentado pelo Candido Ferreira de Abreu ao Governador do Estado do Paraná Dr. José Pereira Santos Andrade, em 1 de setembro de 1897. Curitiba: Typ. Livraria Economica. 1897, p. 65.

⁴⁸ WACHOWICZ, *ibid.* p. 36.

os sentidos, as instalações deixavam muito a desejar, em razão do grande número de pessoas que abrigavam, das precárias condições de higiene, da proliferação de doenças, da falta de alimentos e dos conflitos emergentes desta situação. De lá seguiam para Paranaguá e em seguida para Curitiba. Inicialmente vinham em carroções, mais tarde pela estrada de ferro Curitiba - Paranaguá.

Também em Curitiba os imigrantes se instalavam na Hospedaria da Imigração. De acordo com o Relatório do presidente da Província:

Os colonos são recebidos em uma chácara situada às margens do rio Belém, na entrada desta cidade. A casa tem boas accomodações que foram ainda augmentadas com outras construcções, offerecendo capacidade para alojar 600 immigrants. Em um dos compartimentos que melhores condições hygienicas offerece, estabeleci uma enfermaria provisoria onde os doentes são tratados convenientemente.⁴⁹

Apesar do esforço administrativo, já no tempo de seu governo, Lamenha Lins constatava a carência de uma infra-estrutura que atendesse eficientemente o serviço de colonização: *“Um agente encarregado da recepção de immigrants em Paranaguá, outro em Antonina e outro nesta cidade; um médico e dous capellães; eis todo o pessoal administrativo das colonias dos arredores de Curityba.”*⁵⁰

O gerenciamento dessas dificuldades aparece em diferentes documentos oficiais. Viveu-se intensamente o período de instalação dos imigrantes. As autoridades provinciais expediam documentos liberando verbas para o atendimento dos imigrantes seja para compra de terras, construção de casas, aquisição de ferramentas, pagamentos aos colonos pelos serviços prestados na construção de estradas ou, ainda, para a compra de medicamentos e agasalhos necessários. Uma grande preocupação era com a instalação provisória dos colonos que aqui chegavam. De acordo com as previsões, os imigrantes permaneceriam por alguns

⁴⁹ PARANÁ. Governador (1875-1877: Lins). Relatório do presidente da Província do Paraná Adolpho Lamenna Lins apresentado à Assembléia Legislativa Provincial em 15 de fevereiro de 1877. Curitiba: Typ. Lopes, 1877, p. 91.

⁵⁰ *ibid.*

dias na hospedaria e, em seguida, deveriam encaminhar-se aos núcleos a eles destinados. Os homens partiriam para o trabalho na construção de estradas e de obras em geral, recebendo para isso pagamento. A partir de então, cessava o auxílio recebido do estado. Enquanto isso, a família aguardava na hospedaria, até que a casa provisória fosse construída. A estimativa era de que em pouco tempo o colono teria condições de construir sua própria casa e providenciar a instalação da família. Se na prática ocorresse o projeto idealizado pelas autoridades, a despesa por conta do estado seria suavizada.

Muitos imigrantes chegavam doentes exigindo grandes despesas para seus tratamentos. As correspondências de governo noticiavam que o pagamento destes gastos eram feitos pela tesouraria da fazenda mediante a presença de um representante-testemunha. Muitas vezes era necessário um tradutor da língua estrangeira para efetivação dos negócios.

Quando chegavam doentes, as moléstias rapidamente se disseminavam contaminando outros:

... imigração em massa como se fasia tinha graves inconvenientes. Os colonos acumulados na proa de um vapor, sem abrigo, sem boa alimentação (...) physicamente acabrunhados pelas más condições hygienicas em que se achavam devido às suas condições precárias de vida, sem asseio, chegavam a Curityba, abatidos de corpo e de espírito os mais fortes; os mais fracos principalmente as crianças, doentes e gravemente doentes de moléstias transmissíveis. A bordo desenvolvia-se o sarampo, a escarlatina, a diphteria, a febre typica, a varíola, as gastro-enterites. Na Capittal do Paraná (...) alojados em casas sem os commodos necessários, sem ar, sem luz, sem agoa, sem espaço, dentro do quadro urbano, em ruas mui concorridas, (...) sem enfermarias para os que soffriam. (...) No dia seguinte ao da chegada dos colonos, não era pequeno o numero de famílias que ia visitar a hospedaria com o fim de contractar creadas para o serviço domestico. (...) Acontecia que adoecia a estrangeira e logo em seguida pessoas da familia. (...) A alimentação fornecida não era adequada e dahi resultavam as perturbações gastro-intestinaes que mais favoreciam a propagação da molestia (...). As hospedarias de imigrantes foram todas ellas focos de infecção. A grande distancia ja se sentia o cheiro nausabundo que dellas se exhalava.⁵¹

Constantemente, faziam-se solicitações para se providenciarem alimentos, agasalhos e remédios para os necessitados.

⁵¹ IMMIGRAÇÃO e Epidemias. O Paraná Moderno. Curitiba: Jayme Reis; Romário Martins, n. 26, p. 1, 25 maio 1911.

Em meio as exigências que surgiam aqui e ali, novos estrangeiros chegavam às colônias. Por vezes perdia-se a noção de quantos eram os imigrantes moradores dos arredores da cidade.⁵² Para isso, organizavam-se mapeamentos estatísticos, procedendo-se à relação nominal das pessoas que chegavam e dos locais de estabelecimentos. Muitos colonos descontentes apresentavam suas queixas. Desanimavam frente aos desafios da natureza e às falhas do sistema, manifestando o desejo de retornar aos seus países. Por vezes abandonavam a colônia e ingressavam nos centros urbanos em busca de trabalhos públicos.

Outros agradeciam pela acolhida: *“Os abaixo assinados, colonos polacos e suíços estabelecidos na colônia Santa Cândida, vem respeitosamente comunicar (...) a mais completa satisfação pela maneira que foram acolhidos e estabelecidos nesta província. (...) De todas as colônias acha-se a nossa a mais colocada tendo os lotes o tamanho suficiente par o desenvolvimento da lavoura.”*⁵³ Sem dúvida, a administração provincial necessitava de muita agilidade para solucionar os problemas e garantir êxitos.

Em relação à hospedaria do imigrante, enquanto uma minoria qualificava como favoráveis as instalações destinadas aos estrangeiros, outros denunciavam os maus-tratos que ocorriam. Assim, além da Casa do Imigrante, construída pelo governo para abrigar o estrangeiro, outras propriedades eram alugadas para esse fim. Evidenciam-se os serviços prestados por Joaquim José B. Bittencourt, que abrigou em sua chácara muitos imigrantes:

Dentro do quadro urbano, porém afastado da povoação, circulado de água corrente onde os colonos fazem suas lavagens à vontade, com bastante terrenos para seus passeios com campo

⁵² A esse respeito, foi realizado um recenseamento, sob o título Estatística das colônias do Paraná organizada em Dezembro de 1887, contendo dados pormenorizados, como por exemplo, nome do chefe de família, nome de todos os filhos, idade, estado civil, profissão, mês e ano de chegada à colônia, número de lotes recebidos, cultura plantada, colheita realizada, bens e propriedades. Exemplificando: João Secpanski, 78 anos, agricultor, (chefe da família); Anna Sscpanski, 65 anos, (mulher); ambos casados, de nacionalidade polaca, chegaram em dezembro de 1872, na Colônia do Abranches, receberam 8 e 9 lotes; plantaram centeio, feijão, milho e batata. Possuíam casa de madeira, paiol, um cavalo, uma carroça e uma vaca. A análise dos dados permite também uma idéia do potencial econômico acumulado nos anos compreendidos entre a chegada e a realização do recenseamento. Arquivo Público do Estado do Paraná.

⁵³ CARTAS dos colonos polacos de Santa Cândida. Dezenove de Dezembro. Curitiba: Candido Lopes, p. 2, 15 maio 1876.

aberto na frente e para os lados, livre de vizinhança com cômodos já preparados, etc. etc. reúne o lugar todas as condições de agasalho e salubridade, aumentadas pela alimentação que recebem a tempo e com abundância de gêneros frescos e sadios.⁵⁴

Mas em relação a esse estabelecimento também ocorriam críticas ferrenhas. Um imigrante sob a assinatura de “Um velho polaco” enviou carta em francês dando queixa do descaso em relação aos estrangeiros:

A situação da chacara do sr. capitão Joaquim Bittencourt é reconhecidamente insalubre, em consequência dos miasmas das águas estagnadas que a circundão quasi por todos os lados. Ora, se entre os filhos da terra as condições hygienicas influem poderosamente no goso da saúde, é bem evidente que essa influencia sobe de ponto em relação ao estrangeiro que vem de clima diverso com costumes novos. (...) Aquela chácara é a menos propria para o primeiro estabelecimento dos pobres polacos (...) Raro é o dia em que o público deixa de contemplar o triste e lugubre espetáculo de varios grupos estrangeiros mal trajados, cabisbaixos, com a dor do coração estampado no semblante macerado e lagrimoso, acompanhando a humilde tumba que conduz para o cemitério um morto! Mas qual a causa efficiente do numero avultado de obitos na população emigrante, n’esta cidade hospitaleira, de clima ameno e sadio? ⁵⁵

Os problemas evidentes na infra-estrutura do sistema de colonização denunciavam a falta de condições de higiene na Hospedaria da Imigração. Ocorria a proliferação de doenças e mortes constantes. Eis a relação dos objetos existentes na Hospedaria de Immigrantes d’esta Capital:

(?) marmitas, 3 tinteiros, 3 bacias de folhas para banhos, 1 moringa de barro, 8 cadeiras de palhinhas, 32 cammas, 32 travesseiros, 29 lenços de algodão, 4 paz de ferro, 4 enchadas, 4 barris para água, 8 orinoes, 4 toalhas de rosto, 40 esteiras servidas, 100 esteiras novas, 1 espanador de penna, 1 triangulo de ferro para signal, 1 relógio de parede, 2 mezas, 1 lavatório de folhas grandes, 1 par de escarradeiras, 1 cabide, 1 carro de mão, 2 fouces, 32 colchões, 60 pratos de folhas, 15 pratos de folhas grandes, 1 balde, 2 bacias de louça.⁵⁶

Nos jornais da época eram comuns as reclamações do descaso do governo a este atendimento: “... recolhida na hospedaria de imigrantes, ali passou fome e se conseguiu às vezes alguma coisa deve-o a patricios ou grande esforço seu; (...) o diretor do estabelecimento após maltratá-la e ao filho, tocou-a para fora sem piedade.”⁵⁷ Ou ainda: “Grande diferença entre os tempos de ontem e os de hoje! Ontem caminhava o serviço de colonização perfeitamente bem, completamente

⁵⁴ COLLABORAÇÃO Emigrantes. Dezenove de Dezembro, Curitiba: Candido Lopes, n. 1651, p. 3, 11 ago. 1875.

⁵⁵ A PEDIDO. Província do Paraná, Curitiba: José Pinheiro, n. 10, p. 4, 04 set. 1876.

⁵⁶ PARANÁ. Correspondência de Governo. Offícios, 1891.

⁵⁷ NA HOSPEDARIA de imigrantes. Diário da Tarde, Curitiba: E. Correia, n. 4063, p. 2, 09 mai 1912.

organizado e era a administração (...) honesta e inteligente. Hoje, tudo é desordem, legítima anarquia, tudo feito sem critério, sem inteligência, sem os conhecimentos técnicos indispensáveis."⁵⁸

As doenças faziam parte integrante do cotidiano dos imigrantes dos primeiros tempos: *"Os polacos quando aqui chegaram entre 1877 e 1879, trouxeram consigo a disenteria que atacou cerca de 478 pessoas."*⁵⁹ Outras epidemias surgiram nos anos seguintes: tifo, febre miliar, febre dengue, sarampo, varíola, escarlatina e coqueluche, sem falar na gastroenterite provocada muitas vezes pela diferença nos hábitos alimentares: *"Relativo ao mes de dezembro entraram 63 doentes; saíram 29 curados; retiraram-se 4; 16 estão em tratamento e 14 faleceram."*⁶⁰ Os colonos reclamavam da falta ou do precário atendimento médico, da inexistência de dietas adequadas para os doentes e da grande espera na hospedaria pela determinação dos terrenos. Neste sentido, os conflitos eram constantes. Inexistia também o recurso da comunicação entre nacionais e estrangeiros. Por vezes, a hospedaria reunia um variado grupo étnico, dificultando o entendimento de questões práticas relativas ao tratamento médico. Contra essa dificuldade, os colonos solicitavam, e chegaram a sugerir, como diretor da casa uma pessoa capacitada no conhecimento de vários idiomas: *"mandar nomear como empregado da 'Inspeção das Terras e Colonização' um moço que entende a nossa e mais língua. (...) Todos os dias temos a ocasião de ouvir queixas por não ter um empregado (...) que pode dar as necessárias explicações aos novos imigrantes"*. E ainda indicavam a pessoa e

⁵⁸ TERRAS e Colonização. A Federação. Curitiba: [s. n.] n. 15, p. 2, 30 mar. 1892.

⁵⁹ *ibid.*

⁶⁰ HOSPEDARIA de Colonização. O Paranaense. Curitiba: Typ. Paranaense, p. 4, 03 fev. 1878.

sugeriam as condições: “*fala a língua portuguesa, alemã, inglês, francês, etc. (...) Está empregado na construção e consertos da Estrada para Tietê*”.⁶¹

No atendimento aos doentes, poucos eram os médicos. Destacou-se, pelos serviços prestados aos imigrantes, o Dr. Trajano Reis, cuja competência foi reconhecida pelos colonos. Durante seu trabalho nenhum só caso de morte de colonos ocorreu na hospedaria da imigração. No contraponto houve a denúncia aos trabalhos médicos apresentados por Dr. Azambuja que proveniente do Rio Grande do Sul, teria proferido célebres discursos acerca das práticas de assepsia. Questionava-se a competência do referido médico apontando-se as contradições dos inúmeros casos de mortes apresentados nos relatórios remetidos às repartições competentes: “*Se mais perícia houvesse, não se daria tantos casos de morte; dando-se remédios, segundo se afirma, para uma moléstia e atestando-se o falecimento por outras; dando-se dietas a uns e a outros em casos idênticos*.”⁶² As ambigüidades estavam presentes também em relação às justificativas assumida pelo tal Dr. Azambuja diante das mortes que ocorriam. Segundo ele, as causas das enfermidades eram procedentes: “*as moléstias que atormentam os colonos originam-se da mudança de clima e que as crianças e os velhos são os que mais sofrem*”;⁶³ já em outro discurso justificava a insalubridade do local como causa das constantes doenças.

Durante os primeiros tempos, persistiram as dificuldades nas demarcações dos terrenos. De maneira geral, os imigrantes eram acomodados na periferia da cidade, e a falta de um procedimento legal e coerente na medição dos espaços a

⁶¹ CORRESPONDÊNCIA DO GOVERNO. Requerimentos. 27 abr. 1891, p. 135.

⁶² A PEDIDO - O médico das colonias. O Paranaense. Curitiba: Typ. Paranaense, n. 10, p. 3, 17 fev. 1878.

⁶³ *ibid.*

serem ocupados provocava dissabores, intrigas e violência entre os colonos. Muitas vezes os loteamentos obstruíam passagens entre vizinhos trazendo conflitos difíceis de serem solucionados. Houve também um momento de exaustão das terras devolutas: *“Nas colonias dos arredores de Curitiba não existem lotes devolutos; e seria convenientes que esses colonos fossem se estabelecer na cidade de Castro, onde ha lotes preparados em terrenos municipaes.”*⁶⁴

A respeito da demarcação das terras, os catálogos da imigração apontam para uma questão bastante polêmica. Torna-se interessante analisar o procedimento da população em relação à polaca Catarina Grabowsky, cuja profissão era de lavadeira. De acordo com os relatos, Catarina fizera a solicitação de terreno às autoridades competentes e fora atendida. O terreno situado na rua do Observatório (na confluência das atuais ruas Ermelino de Leão e Cândido Lopes), desfrutava de uma situação geográfica privilegiada, além de comportar uma fonte natural. Esta trazia-lhe um grande benefício pois, na profissão de lavadeira, dispunha dos meios necessários para o exercício de seu trabalho no próprio espaço de habitação.

Em época de seca, a população reivindicou o uso coletivo da fonte, que se tornara privada. Além do problema referente ao uso particularizado das águas, a demarcação do terreno também obstaculizava o acesso ao caminho do Mato Grosso e assim os moradores precisavam fazer um longo contorno para chegar ao seu destino:

solicitar a graça de mandarem cassar a Carta de foro de um terreno concedido a polaca Catharina de tal. (...) Este terreno fecha uma travessa que principiando do Largo de D. Pedro 2º em linha recta deverá ir naturalmente até no Bigorrião —afim de que do Largo do Conselheiro Osório e das ruas adjacentes não sejam obrigados a darem uma volta quando queirão ir ao alto de S. Francisco e suas ruas. Esses terrenos foram respeitados por muitos annos por ser travessa do dito Largo e nele existirem fontes de lavagem e de beber e

⁶⁴ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ. *Correspondência de Governo*, v. 25, 1885, p. 192.

considerada de servidão pública, onde parte da população se serve e onde mais de 20 lavadeiras pobres tirão com seu o trabalho o sustento para si e suas famílias.⁶⁵

Sobre essa questão, a Câmara realizou muitas sessões mediante a pressão dos moradores, que fizeram abaixo-assinados para resolver o problema. Organizou-se comissão para estudo do terreno e das suas condições de uso. Houve até mesmo sugestão para se fazer um desvio do olho d'água existente no terreno. Anteriormente, já havia sido realizado um outro estudo sobre o traçado de rua no local e verificou-se impossibilidade devido à umidade da região.

No contraponto da questão em litígio, Catarina Grabowsky também recorreu argumentando que havia feito o trâmite legal para a aquisição da propriedade. Em seu depoimento salientava-se a existência de outros lugares comuns a mulheres, para a lavagem de roupas:

nem com o fecho desse terreno soffrem as poucas lavadeiras (2 ou 3) que alli exercião seu mister, visto como a pequena distancia e na mesma rua sae o rio Ivo com agua abundante e local apropriado onde lavão outras, existindo outros pontos de lavagem proximas entre outros o braço ou o regato, que em pequena extensão corta o referido terreno.⁶⁶

O posicionamento da Câmara foi favorável à recorrente, porém subentende-se que houve redução na extensão da propriedade concedida à imigrante. Esta ainda foi vítima de agressões de moradores vizinhos e mais especificamente de um em particular *“arrombou em mais de um lugar a cerca divisoria feita recentemente pela supPLICANTE na mesma linha em que já havia outra cerca antiga, arrancando a viva força algumas ripas para franquear a passagem e invasão de sua propriedade onde penetrou a família do mesmo Celestino [invasor] e outras pessoas”*.⁶⁷

⁶⁵ CURITIBA. Offícios da Camara Municipal de Curitiba. 10 out. 1885.

⁶⁶ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ. Catálogos da imigração. 1885.

⁶⁷ Ibid.

Catarina recorreu às autoridades em corpo de delito e pediu a nomeação de peritos para comprovar o vandalismo. Os estragos foram comprovados pelas autoridades, avaliando-se os custos.

Em defesa dos imigrantes que buscavam hospitalidades em nova terra, a comissão instaurada defendeu os direitos e deveres assegurados aos novos integrantes da população: “*tendo já pela imprensa proclamado solenemente a proteção devida ao estrangeiro immigrante, que procura esta hospitaleira terra e aceita esta patria como sua, commungando no combate pelo seu progresso e cuja proteção é um dever de patriotismo das autoridades e cidadãos e um direito de quem imigra da terra natal para levar sua iniciativa, trabalho e esperança de prospero futuro a paizes novos*”.⁶⁸

Os documentos evidenciam questões tensionais entre a população local e os novos integrantes revelando que problemas dessa natureza foram comuns, motivando organizações espontâneas ou planejadas e a agilidade política das autoridades. Evidenciou-se a preocupação dos administradores em proporcionar aos imigrantes uma boa acolhida, garantindo-lhes condições propícias para uma vida digna de respeito e indispensáveis ao progresso da região. Nas entrelinhas da tramitação dos documentos fica latente que a imigrante recorrente já produzira transformações no local através da construção de casa e demarcação da propriedade, possuindo reservas de materiais para novos empreendimentos. Em seu procedimento deixa transparecer a imagem de uma mulher bem-sucedida ainda que se ocupasse de trabalhos informais. Por outro lado, a ocorrência pode ser pensada também como um ato de provocação armada contra a vítima, uma vez que, entre os componentes da comissão pela cassação da carta de foro, figuravam pessoas

⁶⁸ *ibid.*

estranhas à circunvizinhança. Na relação dos nomes dos assinantes do documento que exigiam justiça, verificou-se que apenas José Libano Guimarães e Isaías F. Fernandes eram proprietários e vizinhos contíguos a Catarina Grabowski (graças à existência de mapa em anexo onde consta o nome dos proprietários). Constatou-se também a existência de muitas mulheres como proprietárias de terrenos próximos ao rio Ivo e que talvez se ocupassem da prática do serviço de lavagem de roupas. Eram elas Anna das Chagas, Maria Balbina da Conceição, Cândida Dias de Oliveira, Marcolina Maria da Trindade, Liosinda (sem sobrenome), Francisca de Paula Ribas e Rosa Maria Rodrigues.

Assim, registrou-se através do estudo do mapa da região que as mulheres proprietárias de terrenos às margens do rio Ivo eram em número de nove contra oito homens proprietários. Possivelmente, além da indisposição na situação de vizinhos outros motivos associados às relações de poder interferiram na questão.

O exemplo citado evidencia apenas um dos casos de conflitos envolvendo uma mulher estrangeira polonesa ou polaca. Ilustra também a atuação da mulher imigrante na luta pelos seus direitos. Sua passagem pela documentação oficial revela integridade e vivência de cidadania, pois fez uso de processos legais na exigência de suas reivindicações. Na profissão de lavadeira, reuniu condições para adquirir propriedade e de acordo com a documentação participava da “*contribuição pecuniária*”.⁶⁹

Situações como essas, além de outras já relatadas anteriormente, salientam o clima tensional vivenciado pelos primeiros poloneses quando estes se estabeleceram em Curitiba.

As contradições latentes na integração dos poloneses à nova sociedade foram nuançadas pelo enaltecimento dos aspectos positivos circunscritos à apologia da fecundidade da terra e à vocação particular do europeu para o trabalho. Uma perspectiva ufanista associou à prodigalidade da terra a visão afirmativa da

⁶⁹ *ibid.*

experiência do emprego da raça branca e morigerada ao progresso da região. Ainda que tenha ocorrido o reconhecimento, por parte dos imigrantes, da qualidade da terra, da inexistência da escravidão tão propalada na Europa, da confirmação do acesso à terra e da legitimidade do título de propriedade, as dificuldades estiveram presentes no cotidiano dos imigrantes, exigindo esforços constantes e em múltiplas direções. Muitos homens, para conhecerem as reais condições da região e garantir uma boa instalação para os familiares, vieram sozinhos, deixando esposas e filhos. Nesse período faltavam-lhes notícias, o serviço de colonização era desorganizado de modo que as cartas dificilmente chegavam ao seu destino. Assim, inviabilizava-se qualquer perspectiva de envio de dinheiro conseguido a duras penas para o transporte dos familiares que ansiosamente aguardavam.

Na nova terra, suplantando os desafios que se apresentavam, o imigrante demonstrou dinamismo ao viabilizar condições objetivas para concretizar sua existência: abriu caminhos das colônias ao centro da cidade, montou ferrarias e olarias, transportou lenhas cortadas para os fogões da cidade, construiu lavouras, dedicando-se principalmente ao cultivo de hortaliças, cereais e à criação de animais:

As colonias (...) devido ao poder expansivo que possuem os polacos, ao trabalho assíduo dos colonos e às condições favoráveis que encontraram em sua segunda pátria, em que gozam plena liberdade, garantida pela constituição do país, encontrando a brandura do clima e as vantagens de um solo admiravelmente fértil. (...) O colono polaco é agricultor por excelência; ele lavra a terra que o sustenta com amor.⁷⁰

As dificuldades estiveram presentes na precariedade dos recursos para uma vida imediatamente faustosa, decorrente da falta do domínio sobre a natureza por vezes selvagem, na perda de familiares atingidos pelas constantes doenças, do não-atendimento adequado a suas necessidades ou da ausência de uma acolhida mais calorosa. Não obstante, o imigrante seguiu em frente.

De extrema notoriedade constituiu-se o trabalho das mulheres polacas na lavoura e na venda do produto de seu trabalho no centro da cidade. As carrocinhas transportando hortaliças, legumes, leite, pinhão, lenha, manteiga e requeijão marcaram peculiarmente o cenário da cidade por muitas décadas. Com seu vaivém,

⁷⁰ AS COLONIAS polacas no município de Araucária. O Paraná Moderno, Curitiba: Jayme Reis e Romário Martins, n. 14, p. 2, 26 fev. 1911.

constituíram importante incremento no comércio dos mercados da cidade quando a falta de gêneros de primeira necessidade era gritante.

As antigas colônias ocupadas pelos imigrantes poloneses—São Venâncio, Abranches, Pilarzinho, Santa Cândida, Órleans, D. Pedro, D. Augusto, Thomaz Coelho, Lamenha, Santo Ignácio e Rivière — constituíram mais tarde os bairros e também alguns municípios onde se evidenciou a cultura polonesa.

2 AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E DE VIDA DAS MULHERES POLONESAS EM CURITIBA NO FINAL DO SÉCULO XIX E NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?

Walter Benjamin

De acordo com o levantamento estatístico do Presidente da Província apresentado no Relatório à Assembléia Legislativa, um número significativo de mulheres integravam as sucessivas correntes imigratórias polonesas com destino às colônias agrícolas criadas em Curitiba nas últimas décadas do século XIX.

TABELA 2 - NÚMERO DE COLONOS POR SEXO, SEGUNDO COLÔNIAS - 1876

COLÔNIAS	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
ABRANCHES	235	197	432
PILARZINHO			
SANTA CÂNDIDA	135	131	266
ORLEANS	125	126	251
D. PEDRO	19	-	19
D. AUGUSTO	138	143	280
THOMAZ COELHO	375	365	739
LAMENHA	385	361	746
SANTO IGNÁCIO	241	273	534
REVIERRE	199	207	406

FONTE: COLONIZAÇÃO. RELATÓRIO DE GOVERNO, LAMENHA LINS, 1876.

Nos quadros demográficos realizados nos anos seguintes, estes dados permanecem, reforçando-se essa possibilidade.

TABELA 3 - POPULAÇÃO POR SEXO, SEGUNDO NACIONALIDADE - Colônias do Município de Curitiba, 1890.

NACIONALIDADE	MASCU- LINO	FEMI- NINO	SOLTEI- RO	CASADO	CATO- LICO	SABEM LER	NÃO SABEM	TOTAL
BRAZILEIROS	982	960	1.921	16	1.873	578	1.364	1.942
ITALIANOS	558	496	531	430	-	439	615	1.054
POLACOS	1.118	987	1.217	820	-	796	1.309	2.105
ALLEMÃES	108	64	114	68	-	92	95	187
FRANCEZES	41	29	49	18	-	28	45	70
DIVERSOS	58	36	62	28	84	34	60	94
TOTAL								5.452

FONTE: ARQUIVO PUBLICO DO ESTADO DO PARANA. CORRESPONDENCIA DE OFFICIO. 1890.

Eliminado-se uma confiança total nestes dados devido às condições instáveis do movimento migratório ou porque, por vezes eram incontrolláveis pelas autoridades da época, considera-se a sua importância na medida em que podem, de certa forma, subsidiar a reflexão que está sendo realizada. Na atualidade, os estudos teórico-filosóficos contemplam a subjetividade como parte integrante na elaboração de categorias de análises sócio-históricas sem, no entanto, desconsiderar por completo a objetividade.¹ A falência dos modelos explicativos e a constatação da

¹ De grande contribuição para o presente trabalho, foi o conteúdo da Conferência proferida por ocasião do I Congresso de Ciências Humanas das Universidades Federais de Minas Gerais, São João del Rei, em maio de 1993 por Norberto Luiz Guarinello (Universidade de São Paulo). Neste artigo, o autor coloca um certo equilíbrio em relação às questões teóricas da história que agitam hoje o universo dos historiadores.

Norberto vai além da atitude pessimista ou até mesmo paralisante dos discursos fatalistas ao constatar a impossibilidade de fechar um acordo sistemático rigoroso com a verdade, deslocam-se para a alienação, beirando o abismo do irracionalismo, corroborando para a dissolução da história e de seus próprios postulados. Permanece o compromisso do historiador com um passado "determinado" e não criado ou inventado; segue-se o uso de documentos, alargando-se as fronteiras para outros tipos de fontes, inclusive os depoimentos orais. Firma a história como "um produto social, produto de um lugar socialmente determinado e historicamente constituído". E ainda: "Um lugar institucional, apartir do qual os historiadores propõem representações do passado que não são meros exercícios inocentes de estilo, pois interagem com a memória e as representações coletivas. (...) Se a história, enquanto disciplina, possui uma subjetividade, esta não é uma subjetividade individual de cada historiador nem aquela, sem sujeito do texto, mas a subjetividade de um lugar, instituído como tal e custeado pela própria sociedade contemporânea".

ausência de verdades absolutas trouxeram para os historiadores novos desafios. As novas tendências historiográficas aproximam-se dos discursos ficcionais e das teorias literárias, sugerindo um revisionismo acerca dos postulados específicos do historiador. Na presente perspectiva, a escrita da história procura privilegiar o estudo de um tempo determinado, seguindo-se da utilização de diferentes tipos de fontes, inclusive os depoimentos orais. O repensar historiográfico se coloca hoje no entendimento do deslocamento da produção de verdades absolutas para a produção de representações sobre determinadas sociedades ou determinados sujeitos sociais.

Uma nova concepção teórico-metodológica oferece as fontes orais como perspectiva documental. Nesse sentido, uma incursão junto à memória social ² possibilita, para o presente trabalho, referências significativas no que diz respeito às relações de gênero: a mulher polonesa constituiu para a sociedade curitibana, uma presença bastante expressiva, seja do ponto de vista numérico, seja pela sua inserção no contexto socioeconômico da época. Esta é, em parte, a argumentação que sustenta a presente pesquisa.³

De acordo com o Relatório do Presidente da Província, de 1876, os imigrantes instalados no espaço rural de Curitiba organizaram-se basicamente em colônias agrícolas que formavam o cinturão verde, ardorosamente apoiado e defendido por Lamenha Lins. Nessas colônias (com exceção de Colombo, Água

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória Coletiva e Memória Científica. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, v. 14, n. 28, 1994, p. 180- 193.

² Ainda de acordo com Norberto Luiz Guarinello: "História científica e memória coletiva não se confundem, assim como facetas intercambiáveis de uma mesma visão irracional do mundo, mas se constituem e se diferenciam pelos lugares distintos em que são produzidas. Ambas são produtos sociais e, como tal, ambas são marcadas pelas determinações de seu local de produção. Embora se voltem igualmente para o passado, memória e história fazem-no de modo distinto. Essa diferença funda a possibilidade de uma história científica" (*ibid.* p. 185).

³ Em entrevista com os descendente dos primeiros imigrantes (Leocádia Krainski- 2a. geração-entrevista em 13 dez. 95) evidencia-se o grande número de moças para se empregarem como criadas nas casas das famílias em Curitiba. Instaladas nos devidos empregos, tudo faziam para agradar às patroas, pois a concorrência de domésticas era grande, apesar de que não havia nem salário fixo nem jornada de trabalho limitada.

Verde e Santa Felicidade), foi notório e expressivo o predomínio de imigrantes poloneses sobre os representantes das demais nacionalidades. A partir destas considerações, é possível compreender o emprego não habitual, mas por vezes freqüente, da expressão Curitiba Polaca, ainda que entre a grande maioria dos poloneses habitantes destes espaços, houvesse também outras nacionalidades, porém em número bastante inexpressivo. É o caso de alguns irlandeses, suíços, franceses e ingleses, além de alemães, que, apesar de se concentrarem quase que exclusivamente no centro da cidade, possuíam também suas representações nas colônias agrícolas.

Apontadas estas referências como alinhavos do que se poderia chamar de algumas incursões junto às questões objetivas, ou seja, quantos são e onde estão, procedeu-se ao estudo e à análise das condições de trabalho e de vida das mulheres polonesas, tendo como referência as antigas colônias agrícolas de Abranches e Santa Cândida. Nessas comunidades, atualmente bairros de Curitiba, permaneceram evidências de um passado construído na virada do século, representado na igreja, na escola e na sociedade beneficente. Parte dos descendentes — 2a. e 3a. gerações — das primeiras famílias de imigrantes constituem, hoje, as famílias mais antigas dos bairros. O olhar buscou detalhadamente nos documentos existentes nas comunidades a presença das mulheres.

Percorrer essa trajetória constitui um desafio que impõe uma multiplicidade de considerações. Em princípio por caracterizar-se em um trabalho que contempla as ações das mulheres que, segundo Michelle PERROT, são as esquecidas da história pela postura tradicional e clássica por “ *excluír duplamente as mulheres: da sua área, visto que se consagra à vida pública e política; da sua escrita, visto que esta profissão é vedada às mulheres. Profissão de homens que*

escrevem a história dos homens, apresentada como universal”.⁴ Em seguida, colocam-se outras peculiaridades — são polonesas e representantes da classe campestre. Com isto salienta-se que, pertencendo ao campesinato, não possuíam muitos documentos escritos, os quais, apesar das críticas atuais, continuam sendo referências de peso para a historiografia.

Apesar destes obstáculos, ousou-se incursionar pelas teias das pesquisas através de uma aventura, pode-se dizer, assaz fascinante. Conhecer particularidades das comunidades sob o viés do feminino foi uma experiência bonita e atual em termos de referenciais teórico-metodológicos. Para isso, contou-se com as contribuições oferecidas pela história oral. A história das mulheres, assim como a de outros segmentos sociais outrora excluídos pelos postulados oficiais, tem buscado novas fontes, encontrando nos depoimentos orais também uma forma de apoio. Para a temática do presente trabalho, considerou-se a fala de mulheres descendentes (2a. e 3a. gerações) dos primeiros habitantes das colônias. A análise dos depoimentos orais possibilitou um contraponto entre os ditos dos documentos oficiais ou das mensagens jornalísticas e a memória individual ou coletiva dos descendentes. De maneira geral, questões estruturais transitavam de uma fonte para outra, ou seja, nos diferentes tipos de fontes, certas informações eram reconhecidas como procedentes de uma mesma matriz: o contexto imigratório, as dificuldades de assentamento, a falta de mão-de-obra, entre outras. Pode-se afirmar, porém, que as interpretações variavam, pois nos jornais as informações já estavam postas segundo o gosto e as intenções de seus articuladores, sugerindo significados desviantes e muitas vezes pejorativos.

⁴ DUBY, Georges e PERROT, Michelle. História da Mulheres: A Antiguidade, Porto: Afrontamento, v. 1, 1990, p.13.

Através das entrevistas foi possível conhecer a trajetória de muitas vidas conduzidas por lutas, sacrifícios e trabalhos. A realidade por elas vivida foi profundamente marcada por essa trilogia, não havendo espaço para outras versões. Algumas temáticas, sugeridas por mensagens jornalísticas, foram realmente ventiladas nas comunidades, mas sob outra abordagem. É o caso da faceirice da polaca, do jeito atrevido de ser de algumas mulheres ou do gosto pela bebida alcoólica (era costume na Polônia consumirem vodca e aqui opinaram ser a cachaça a bebida equivalente e de boa qualidade). A observação desses procedimentos, descolados do *modus vivendi* camponês, ganhou o sentido que os seus divulgadores desejaram salientar.

As discussões teórico-metológicas acerca das relações de gênero impõem em não dissociar o universo feminino do masculino, considerar que a história de ambos os sexos se realiza numa relação conjunta. Assim, quando se pensou o feminino, foi necessário ter presente o masculino e desta forma os papéis ou as funções ocupadas e determinadas por ambos os sexos. A abertura que as reflexões sobre as relações de gênero proporcionaram ao considerar esta possibilidade trouxe como referência não ignorar os homens presentes na história que se pretende escrever sobre as mulheres. Esta visão chegou a tempo de incluí-los como parte desta escrita, ainda que a preocupação específica sejam as mulheres polonesas.

Há ainda outra referência teórica a considerar. Ela diz respeito ao cotidiano e às pessoas comuns. Concebe-se o cotidiano como um campo fértil, onde as pessoas coletivamente formulam teorias, procedimentos, conceitos que estruturam valores, orientam suas vidas e constituem, para MOSCOVICI, a classe

de pensamento chamada “*universos consensuais*”.⁵ Do estudo das comunidades polonesas depreendem-se situações que se alinham nessa direção, visto que, para muitos imigrantes, a realidade na nova terra exigia improvisar medidas para sanar dificuldades múltiplas e imediatas. Os poloneses organizaram seu cotidiano de modo a dar conta das necessidades básicas para assegurar a sobrevivência, conservando, porém, dentro do possível, suas tradições e costumes. Dessa maneira, as dificuldades do cotidiano impunham constantemente às comunidades situações inusitadas, que soavam como novos desafios e ocasiões para o exercício de adaptabilidade.

2.1 A VIDA NOS PRIMEIROS TEMPOS

Para as famílias polonesas instaladas em Curitiba na virada do século, a tônica energética que movia o ir e vir das pessoas era pontuada por uma realidade assaz sacrificante. Pouco dinheiro ou quase nenhum, muito trabalho e grandes obstáculos. A idéia de que o Brasil “*era o país da fartura, onde não era necessário trabalhar, porque o pão ali crescia em árvores e as frutas eram tão abundantes que até apodreciam*”⁶, rapidamente se dissipou. Picadas esburacadas no lugar de estradas: “*com dificuldades chegaram a Abranches, distante 6 km da estação ferroviária, às 10 horas da noite, depois de penosa viagem*”⁷; grandes e frondosas árvores para serem derrubadas; poucas ferramentas e instrumentos de trabalho; falta de sementes; insetos nocivos por eles antes desconhecidos; animais perigosos e as

⁵ Em trabalho apresentado à disciplina História, Imagem e Narrativa, sob a orientação do Prof. Ronald Raminelli, foram realizados estudos sobre Moscovici através de Celso Sá e Denise Jodelet, abordando-se a questão das representações sociais.

⁶ KULA, Marcin. Cartas dos Emigrantes do Brasil. In: Anais da Comunidade Brasileiro - Polonesa. Curitiba: Superintendência do centenário da imigração polonesa ao Paraná, v. 8, p. 9, 1977.

⁷ CHEGADA das irmãs polonesas. Histórico da Província. Curitiba, n. p., 1904.

doenças eram algumas das inumeráveis dificuldades impostas aos poloneses que se estabeleciam na nova terra. Dona Leocádia CZERWONKA, nascida no Brasil, mas filha de poloneses que aqui chegaram em 1928, comenta os primeiros tempos, de acordo com as lembranças de seu povo: *“Encontraram matas virgens, tinha que cortar, fazer picadas, abrir uma estrada e fazer suas barracas, suas casas, para poder viver ali. Então muitos ficaram aonde nasceram as colônias polonesas ali naquela terra. Outros não. (...) E ainda: “Não eram terras como na Europa, onde as terras já estão prontas para a lavoura. Tinham que arrancar as árvores, preparar a terra e começar ali. Ali eles ficaram, construíram suas casas, igrejas e escola.”*⁸

De como ocorreram as primeiras instalações, a memória dos mais antigos moradores confirmou que:

A cada família coube um bom pedaço de terra (...) Com o início de outubro, os caçadores do Pilarzinho ouviram sobressaltados o eco produzido pelos machados e serras e o estrondo dos pinheiros que tombavam. (...) Como nos tempos antigos, trabalhavam em grupo, passando de um para outro sitiante. Este costume de ajudar-se mutuamente trabalhando em conjunto, numa atmosfera de alegria e com o lema ‘todos por cada um e cada um por todos’, chamava-se (...) - puxirão.⁹

Para assegurar a sobrevivência das famílias recém-chegadas e de acordo com a política provincial: *“havia bastante trabalho nas obras públicas, onde ganhariam salário suficiente para soccorer às suas necessidades”*.¹⁰ Dessa forma, de acordo com o relato da época, *“aos homens garantiu trabalhos na conservação das ruas” e para as mulheres “procurou serviços domésticos e de jardinagem junto a seus amigos”*.¹¹

⁸ CZERWONKA, Leocádia Dzienkoswki. Entrevista. Curitiba. 6 dez. 1995.

⁹ NIKODEM, Pawel. Saporski—o pioneiro dos semeadores. In: Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa. Curitiba: Superintendência do centenário de imigração polonesa ao Paraná, v. 1, p. 86-87, 1970.

¹⁰ PARANÁ. Governador (1870-1873: Lisboa) Relatório do presidente da Província do Paraná Venâncio José de Oliveira Lisboa na abertura da Assembléia Legislativa Provincial do Paraná em 15.02.1872. Curityba: Typ. Lopes, 1872.

¹¹ *ibid.* p. 87.

Construídas no sistema de mutirão, casas simples, coletivas ou improvisadas abrigavam-nos nos primeiros tempos. Alguns alicerces, bambus e taquaras, folhas trançadas ou, ainda, quem sabe, quaisquer madeiras existentes em grande quantidade na região definiam as moradias iniciais:

(...) para a construção de suas moradias, os colonos utilizavam cascas de pinheiros, que, bem ajustadas, proporcionava abrigo àquela população de pele clara e olhos azuis. Se não eram confortáveis, pelo menos eram úteis, (...) poucos materiais tinham em mãos. Logo depois, (...) passaram a fazer suas casas com troncos de pinheiros, até surgirem as primeiras olarias.¹²

Nessas casas, o encaixe das madeiras era perfeito descartando-se o uso de pregos. Durante muito tempo, o assoalho era constituído de chão batido. As pessoas entrevistadas, lembrando o tempo de seus avós, afirmaram:

Eles molhavam com água e depois batiam bem (...) passavam a vassoura, aquilo ficava que nem fosse concreto. As casas eram cobertas de taboinhas. Vidro não tinha. Só aquela janela escura, e se fechavam a janela ficava tudo escuro. Os lampôezinhos eram aqueles pequeninos de querosene. Se faltava querosene eles punham no pires um pouquinho de banha e do lado um paviozinho e assim era. O fogão era feito no chão. Tinha aquele panelão com três pézinhos, (...) lenha por baixo.¹³

Os móveis eram simples e dispunham de poucas coisas inicialmente: “As camas eram feitas por eles mesmos de madeira bruta. Toda a palha do trigo colocada na cama era o colchão. Os lençóis eram de sacos bem grandes e folgados. Chamavam-se “slömas.”¹⁴ D. Clara SKRYSZOWSKY complementa: “Às vezes o lençol escorregava e a gente amanhecia dentro daquela palha (...) Às vezes nós suava, suava porque [era] um calor e nós debaixo da coberta de pena.”¹⁵

Com a instalação das olarias, bastante comuns nas colônias polonesas, foram construídas casas melhores e as antigas passaram a funcionar como estábulos.

¹² CHEVINSKI, Luis. História do bairro Abranszes. In: Diário do Paraná. Curitiba: Assis Chateaubriande, p. 5, 07 jun. 1975.

¹³ SKORA, Cândida, SKRYSZOWSKY, Clara, SCHULUGA, Filomena e WOS, Maria Baude (3a. geração da antiga Colônia Santa Cândida), Entrevista. Curitiba, 29 nov. 1995.

¹⁴ KOWALSKI, Maria Luiza (2a. geração). Entrevista, 04 nov. 1995.

¹⁵ *ibid.* Entrevista coletiva com as mulheres de Santa Cândida.

Completava o cenário um grande galpão (às vezes maior que as casas) para guardar as sementes e as colheitas. Estes galpões por vezes serviam de cenário para a realização das tradicionais festas de casamentos: *“O paiol, às vezes era bem maior que as casas. Era usado para as festas e também para bater centeio.”*¹⁶

Dona Leocádia KRAINSKI afirma:

Naquela época era tudo chácaras. Não tinha casas [tantas como hoje] não tinha loteamentos, só chácaras. A vizinhança era assim, uma casa longe da outra, mas eles eram assim unidos, eles se davam bem. Domingo se visitavam. Tinha a missa das dez que era a missa solene. Todo o domingo (...) vinham as carroças das colônias com os cinceros batendo.(...) A gente escutava de longe. (...) O pátio da igreja ficava cheio de carroças. Era aquele barulho. Era aquele encontro das pessoas daqui [Abranches] com os da Lamenha Pequena.¹⁷

Sobre como decorria o modo de viver nos primeiros tempos, de maneira geral, as mulheres entrevistadas afirmam que a vida era muito difícil e o dinheiro muito raro. Em busca de ganho, os homens saíam para o trabalho fora, permanecendo durante semanas ou meses empenhados na construção de estradas ou na derrubada da mata. Mesmo com esse trabalho, ganhavam muito pouco. Essa dinâmica foi constante nos primeiros tempos da vida dos homens imigrantes. Contudo, considera-se que muitos chefes de família, antes de partir para as viagens sazonais, costumavam deixar a terra arada e preparada para a semeadura. Ainda sobre o trabalho dos homens nos primeiros tempos explica Sophia Sgoda: *“O único trabalho que ele conseguiu foi de fazer valetas nas estradas. As valetas, naquele tempo, eram a maneira de demarcação de uma divisa para os cavalos não passarem na rua.”*¹⁸ Sobre o trabalho masculino, complementam Maria BAUDE e Filomena SCHLUGA: *“Eles cortavam pinheiros, serravam para transportarem para Paranaguá, para [ser usado em] vigamento.”*¹⁹ De acordo com as informações

¹⁶ *ibid.* Entrevista com as mulheres de Santa Cândida.

¹⁷ KRAINSKI, Leocádia. Entrevista. Curitiba, 13 dez. 1995.

¹⁸ SGODA, Sophia (3a. geração). Entrevista. Curitiba, 14 dez. 1995.

¹⁹ *ibid.* Entrevista realizada com as mulheres de Santa Cândida.

obtidas com as mulheres entrevistadas, a partir da construção das olarias muitos homens passaram a se empregar neste tipo de trabalho. Na entrevista realizada, Dona Leocádia KRAINSKI afirma: *“Então os homens, eles foram trabalhar na olaria. O meu pai, com quatorze anos, ele contava que tinha que levantar às três horas da manhã para pegar cavalos, soltar os cavalos para o pasto, para sair às cinco horas da manhã, (...) ia com meu avô buscar toras no rancho (...) Tinha o engenho e junto a olaria. Então era o trabalho deles (...) [Quando] começou a surgir fábrica para os homens, tirou o tempo porque eles também ajudavam [no plantio].”* Outros trabalhavam nas ferrarias: *“O cavalo tinha que ser ferrado”*²⁰; outros dedicavam-se exclusivamente ao trabalho de buscar lenha no mato, geralmente bracatinga, que serravam, empilhavam nas carroças e saíam vender na cidade. De acordo com o Arquivo Paroquial, em 1909 havia na colônia Abranches: *“4 olarias das quais 3 são de poloneses e 1 de alemão; 2 marcenarias de alemães; 3 moinhos de alemães; 2 serrarias de alemães; 1 cortume de polonês; 3 sapatarias de poloneses; 8 barricarias de poloneses; 2 ferrarias de poloneses e 2 latoeiros de poloneses”*.²¹ Ainda sobre a rotina dos homens no trabalho, a Revista Paraná Moderno informava: *“Os homens chegam de manhã e partem à tarde, ou se a distância é muito grande, não voltam à colônia senão no domingo.”*²²

Na saída dos homens, as mulheres assumiam os cuidados com a casa e a família. Ainda que de um grupo para outro se registrem diferenças, pode-se dizer que, na maioria das vezes, toda a família trabalhava: *“Olha, serviço tinha de monte(...) Uma fazia o café, outra ia buscar leite, outra buscar os cavalos no*

²⁰ GUBAUA, Ignez (3a. geração). Entrevista. Curitiba, 8 jan. 1996.

²¹ WACHOWICZ, Ruy C. Abranches: um estudo de história demográfica. Curitiba: Vicentinas, 1976, p. 17.

²² A COLONIZAÇÃO no Paraná. Paraná Moderno. Curitiba: Jayme Reis; Romário Martin, v. 1, p. 2, 11 dez. 1910.

campo. E daí, juntar pinhão para o café da manhã com broa feita em casa (...) Tinha poço, mas quando dava a seca, tinha que ir buscar água lá nas barrocas (...). ”²³ Ou ainda: “*A gente cortava centeio, ficava aquele toquinho assim. (...) Colocava tudo nas costas. As crianças carregavam, parecia formiga carregadeira, mas descalço, naqueles toquinhos assim aquelas frepes entravam no meio do pé.*”²⁴ Por vezes, a família toda passava o dia na roça e então até mesmo uma cozinha era improvisada. Enquanto a família trabalhava, num caldeirão sobre as brasas o feijão cozinhava, e as crianças pequenas dormiam em redes penduradas nas árvores.

As colônias eram praticamente auto-suficientes na produção da quase totalidade dos gêneros de primeira necessidade: “*A gente fazia tudo, na época. Mas o que a gente plantava, comia. Não se comprava coisas fora. Banha, a gente sempre tinha porque tinha porcos.*”²⁵ Em geral, plantavam-se legumes, além do centeio e do trigo; cultivavam-se pomares com frutas; criavam-se aves e animais. Tudo isso garantia uma certa fartura em termos de alimentação: “*Centeio, milho, batata, batata-doce, aipim, feijão. Tinha vaca, cavalo, porcos (...) e gansos.*”²⁶

O trabalho na roça seguia uma rotina organizada D. Leocádia KRAINSKI explica:

Minha vó era muito organizada. Tinha cada dia uma coisa. Segunda-feira ela lavava roupa (...) No outro dia era fazer alguma plantação. Daí tinha um dia na semana que era [para] buscar lenha no mato. Tinha aquelas bracatingas que secava sozinha; então a gente mexia assim, ela caía, a gente ajudava puxar. Aí trazia pra casa [onde] era picada. Lá fora tinha uma cozinha velha e lá dentro um forno; tinha um fogão com um tacho pra fazer marmelada (...) Lá era empilhada a lenha pra semana inteira. A semana inteira ninguém precisava se preocupar de ir atrás de lenha. Aí, de tarde, a gente (...) ia buscar trato pra vacas (...) Às três horas da tarde, era a hora de soltar os gansos e marreco pra fora (...) No sábado era feita a limpeza da casa.²⁷

Na organização diária do trabalho familiar, preparar o solo, escolher as sementes, plantar, às vezes com precários instrumentos, exigia empenho redobrado:

“O imigrante recebia auxílio financeiro para a construção de sua primeira morada

²³ *ibid.* Entrevista com as mulheres polonesas de Santa Cândida.

²⁴ *ibid.*

²⁵ GUBAUA, *ibid.*

²⁶ SZCZEPANSKI, Augustina (2a. geração). Entrevista. Curitiba, 18 nov. 1995.

²⁷ KRAINSKI, *ibid.*

(...) ao mesmo tempo, recebia também alguns utensílios agrícolas como enxadões, machados, foices, facões, dependendo do tamanho de cada família.”²⁸

Nessa labuta, as mulheres ocupavam um papel fundamental, senão insubstituível. Participavam das atividades na roça e do trabalho na criação de animais. Na lide cotidiana, o amanho da terra, o preparo das hortaliças e legumes para a venda nos mercados da cidade eram ocupações essenciais à sobrevivência: “Minha mãe batalhou desde menina até o fim da vida dela. Ela lidava com as vacas e tudo que é criação — porcos, galinhas, cabras e tudo. E plantava.”²⁹

Muitas mulheres garantiam com este trabalho a criação e educação dos filhos e orgulhavam-se dessa conquista. Algumas eram viúvas, ocupavam o lugar do chefe de família, organizavam o plantio e a colheita. Administravam a propriedade, garantindo a colheita. Como exemplo pode-se citar Maria Bykala que, em 1875, chegou à Colônia Santa Cândida. De acordo com a estatística oficial, em 1887 ela era viúva, mãe de três filhos: Anastázia, de 10 anos, Juliana, de 16 anos e João, de 12 anos. Com seus filhos tocava os negócios da chácara, onde investiu na plantação 3 alqueires de centeio e colheu 20 alqueires; 5 litros de milho e colheu 6 alqueires; 4 alqueires de batata e colheu 6 e 2 litros de feijão e colheu um alqueire. Além das terras para o plantio, possuía uma casa de madeira e uma vaca. Da mesma forma, Ana Arasma, viúva, 42 anos de idade, mãe de seis filhos de 3 a 18 anos de idade, plantou 5 alqueires de centeio, colheu 25; 5 litros de milho, colheu 4; 5 litros de feijão, colheu 1 e 5 alqueires de batata e colheu 6. Em suas terras, possuía uma casa de madeira e duas vacas. Na Colônia Abranches ocorreu a mesma situação, de

²⁸ NIKODEM, *ibid.* p. 74.

²⁹ *ibid.* Entrevista coletiva realizada com as polonesas da Santa Cândida.

acordo com os registros oficiais. Dona Joana Dubida também era viúva e chefe de família. Além dos quatro filhos com idade de 7 a 18 anos, seu sogro de 70 anos morava com ela. Também sua plantação de 6 alqueires de centeio renderam-lhe 25 alqueires; 10 litros de milho renderam-lhe 15 alqueires; 5 litros de feijão produziram 3 e 5 alqueires de batata renderam 15. Em sua propriedade foi construída uma casa de tijolos e um paiol. Além de uma vaca possuía também uma novilha.³⁰

As estatísticas revelam a simplicidade da vida das imigrantes nos primeiros tempos. Também confirmam o trabalho na produção de gêneros de primeira necessidade, cuja escassez era reclamada pelas autoridades provinciais. Centeio, milho, batata e feijão eram as principais plantações. Sobre o cultivo desses produtos, as mulheres entrevistadas da Colônia Santa Cândida confirmaram que, quando ocorria a colheita do trigo e do centeio, não tinha lugar no paiol para armazenar, tamanha era a quantidade: *“Fazia aquele [morro de produção] e deixava secar no quintal (...) Às vezes semeava um saco de trigo para nós, porque a mãe era o homem e mulher dentro da casa.”*³¹ D. Ignez GUBAUA, hoje moradora da Lamenha Pequena, passou sua infância na Colônia Abranches e acrescenta: *“Em casa de meu pai em um ano nós fizemos 99 “kokóski” (pequenos montes de cereal). Aí meu pai tinha que fazer paiol novo porque no paiol velho não cabia.”*³² No processo de transformação do trigo em farinha, situações eram improvisadas nos galpões para a produção de ventos ou movimentos necessários à separação das ramas das sementes. O trigo e o centeio produzidos na própria colônia passavam depois para os moinhos instalados nas circunvizinhanças e, em seguida, retornavam

³⁰ PARANÁ. Estatística das colônias da Província do Paraná organizada em dezembro de 1887. Curitiba: Arquivo Público do Estado do Paraná.

³¹ ibid. Entrevista com as mulheres de Santa Cândida.

³² GUBAUA, ibid

às famílias. Sobre a plantação do trigo, explicou D. Augustina SZCZEPANSKI: *“Quando me lembro, era bonito...Quando florescia isso balanciava, fazia fumaça por tudo, parecia que tá se queimando. E nós tava [ficava] sentado, olhando assim.”*³³

Da rotina da roça fazia parte também o puxirão de moças empenhadas na malhação do trigo e centeio. Além do trabalho na roça familiar, costumavam empregar-se nas chácaras vizinhas, onde garantiam alguns trocados também para a ajuda nas despesas das famílias: *“É interessante que os melhores malhadores são as mulheres e moças. Quando na colônia recolhia-se o centeio para os celeiros, estas iam em grupos de quatro procurar os proprietários, geralmente os mais abastados, e contratavam a malhação e a limpeza do centeio.”*³⁴ O sistema de mutirão, largamente empregado pelos poloneses, atendia às necessidades da coletividade: *“Se tinha um serviço para fazer na lavoura, um serviço meio grande e que não davam conta, então todo mundo ia lá ajudar. Outro dia iam no outro. No terceiro dia iam no outro. Então a vida deles era assim.”*³⁵

Grande parte do trabalho ficava sob a responsabilidade das mães, muitas vezes sozinhas no controle dos serviços, da casa e das crianças. Na simplicidade das primeiras moradias, sob a luz do lampião ou lamparina, as mães ou as avós produziam as roupas para toda a família. Lençóis, toalhas, pano de prato e até mesmo as roupas de uso pessoal, muitas vezes, eram todas feitas de sacos de trigo, depois tingidas de cores escuras:

A minha vó fazia roupa na mão, não tinha máquina. Costurava na mão, fazia de sacos de farinha ou de açúcar, daí tingia de marron, de azul e verde. Eu mesmo andava com roupa de saco que mamãe fazia (...) As vezes a gente andava com letreiro, só que daí ela procurava deixar pelo avesso e tingia mas mesmo assim aparecia. Então a mamãe fazia assim: pra nós só cortava as cavas, um buraquinho para passar as cavas [os braços] e decote e pronto. A gente usava assim porque era ainda a pobreza.³⁶

³³ *ibid.*

³⁴ PINIOR, D. Pedro II, na Kandydzie e w Abranches. Kalendrz Ludu. Curitiba. Apud WACHOWICZ, Ruy. Santa Cândida: pioneira da colonização linista. Boletim Informativo: Fundação Cultural de Curitiba, n. 16 dez./ 1975, p. 12.

³⁵ *Ibid.* Entrevista com as mulheres polonesas de Santa Cândida.

³⁶ KOWALSKI, Maria Luísa. Entrevista. Curitiba, 4 nov. 1995.

Sapatos eram raros. Muitos andavam descalços. As roupas do dia-a-dia eram simples. Os meninos até os nove anos também usavam camisolões esbarrando nos tornozelos. Para a alimentação, fartas broas de centeio eram assadas nos fornos nos fundos dos quintais: “*Nove broas grandes ela fazia. Nove por semana. Também tinha tantos filhos [!] .*”³⁷ A broa era um alimento básico na mesa polonesa. O diferente para as crianças polacas era comer pão com banana, daqueles que havia na cidade e que consumiam quando acompanhavam seus pais nas viagens.

No centro da cidade compravam-se apenas “*fósforos, sal, açúcar e querosene*”.³⁸ Algumas peças de fazendas ou tecidos mais tarde passaram a ser adquiridos no Largo da Ordem, assim como os conhecidos e fartos aventais:

E quando elas queriam comprar tecidos pra fazer avental. que naquela época usava-se muito avental, elas iam até o Largo da Ordem (...) A minha vó usava também roupa comprida. Era tudo meio pregueado, meio assim... Daí, o avental da cintura para baixo era listrado, mas o vestido era liso (...) Era uma coisa assim mais rústica. Também com aquilo iam à missa, trabalhavam no quintal e não tinham luxo. E ela andava de lenço também. A minha vó usava lenço amarrado atrás [quando] estava em casa; agora, quando ia à missa, ela amarrava aqui [sob o queixo].³⁹

Frente às condições iniciais, estruturou-se socialmente uma certa continuidade do “*modus vivendi*” campesino do tipo polonês no Brasil. Segundo os trabalhos do Prof. Ruy WACHOWICZ, entre os primeiros poloneses que chegaram ao Brasil, alguns haviam sido proprietários de minifúndios, enquanto outros possuíam no máximo uma choupana como propriedade. Ambos, durante o inverno, costumavam acolher, debaixo do mesmo teto desfrutado pelas suas famílias, os animais para aquecê-los do rigor do frio. E ainda: “*Era comum que, sob a mesma choupana, morassem duas ou três famílias (...).*”⁴⁰

³⁷ SZSPEPANSKI, Augustina. Entrevista. Curitiba, 18 nov. 19 95.

³⁸ *ibid.*

³⁹ KOWALSKI, *ibid.*

⁴⁰ WACHOWICZ, R. C. O Camponês Polonês no Brasil. Curitiba: Casa Romário Martins, 1981, p. 29.

O jeito atávico, desconfiado e ressabiado das comunidades rurais esteve presente entre os primeiros poloneses que chegaram em Curitiba. No cotidiano, na luta pela sobrevivência, inibiam-se pretensões sonhadoras, idealísticas ou de aprimoramento cultural. Grande trabalho tiveram as mestras religiosas, segmentos intelectualizados urbanos da Polônia, designadas para suprir as necessidades educacionais da Colônia *Abranszes*.⁴¹ Quanto a freqüentar escolas, dois anos no máximo eram suficientes para os meninos; para as meninas, bastava apenas um: *“Meninas iam pouco na escola, mais os meninos. Era pouco tempo.”*⁴²

Mas aos poucos, as transformações ocorreram. Por ocasião das sabatinas, realizadas publicamente, de acordo com o costume da época, um fato inusitado acontecia: famílias inteiras passaram a se interessar pelo desempenho cultural dos filhos:

Nos últimos dias do mês de novembro, realizou-se, pela primeira vez, o exame final do ano. Com certeza era o acontecimento mais importante na vida das nossas crianças. (...) Haverá muita gente? talvez sentir-se-ão acanhados para vir? (...) mas que surpresa, nesse dia tinha tanta gente em volta da escola como se fosse a solenidade em Czeszochowa (Monte Claro). Os pais, parentes, conhecidos, curiosos - todos apressados rumavam para a Escola das Irmãs, ‘a fim de ver, como essas irmãzinhas farão o exame’. O exame durou quatro horas (...) e o povo no maior silêncio em pé, ouvia a resposta das crianças. Os pais e as mães com orgulho olhavam para os seus Zezinhos e Mariazinhas, os quais com faces rubras e olhos brilhantes como em arco iris olhavam para Irmã, esperando impaciente as perguntas para demonstrar o que aprenderam.⁴³

⁴¹ Em relação a educação de seus filhos, os poloneses demonstraram constantemente uma grande preocupação com a formação escolar das crianças. Mesmo durante a ocupação estrangeira, quando a Polônia era rigorosamente dominada, os camponeses costumavam reservar algumas horas para ensinar o que podiam aos seus filhos. Logo que se instalaram em Curitiba, houve a preocupação com a construção da igreja e de escolas para as crianças. No início do século XX começaram a chegar os primeiros intelectuais, acelerando os programas culturais. Havia, porém, a distinção de que as meninas, cuja principal ocupação no futuro seria cuidar da casa e da família, não teriam necessidade de freqüentar a escola por muitos anos. Com a chegada das religiosas, esta realidade foi sendo alterada. Dança, canto, trabalho manuais, aulas de teatro, educação física foram atividades incluídas no currículo.

⁴² SGODA, *ibid.*

⁴³ SUCHÓSWIAT, Irmã. Carta da Filha de Caridade. Arquivo do Colégio São José, 16 jan. 1906.

Estes eram alguns traços fugidios da permanente introspecção e reclusão que caracterizavam a vida dos colonos nos primeiros tempos, principalmente em se tratando da adaptação à nova terra.

Apesar da estranheza inicial, alguns relatos demonstravam que no interior das colônias o clima era de constante trabalho e de grande dinamismo: *“A animação aí é extrema; vão vender-se à cidade leite, ovos, legumes, madeiras. Mulheres levam cestos, raparigas loiras guiam carrinhos polacos, menos pesados que as carriolas de Minas ou de São Paulo. De mil modos diversos, sentirei, que toda aquela gente rural vive da vizinhança da cidade e que a política do presidente Lamenha Lins tem frutificado.”*⁴⁴

A imagem das aldeias, cujas casas cercadas de plantações e jardins definiam-se mais ou menos próximas à igreja, que se fazia notar por pesado campanário, conquistava o sentimento poético do viajante de passagem pelo local:

De repente, avistei uma aldeã trajada com vestimenta minha desconhecida que despertou minha curiosidade pelo seu original. Chapéu de couro, vestea de pano escuro de abinhas, sobre colete de traspasse e saia de outra cor formavam este traje que me dizem nacional polaco. Seguindo com os olhos esta camponesa, vi-a tomar um atalho e dirigir-se a uma casinha de madeira de aspecto agradável e pitorescamente situada no meio de viçosas árvores ainda novas e cercadas de uma horta bem plantada de milho, feijão e batatas, aonde pareciam esperá-la com ânsia crianças que se lhe atiraram ao colo logo que aí chegou.⁴⁵

2.2 CARROCEIRAS E LEITEIRAS: CONDIÇÕES DE TRABALHO

Na função de agricultoras, as mulheres foram notáveis na venda dos hortifrutigranjeiros, de lenhas, pinhão e frutas da estação: *“Desde cedo há naquela rua (...) uma concentração de carrocinhas coloniais (...). No inverno abarrotadas*

⁴⁴ A COLONIZAÇÃO no Paraná. Paraná Moderno. Curitiba: Jayme Reis e Romário Martins. n. p., 11 dez. 1910.

⁴⁵ A PEDIDO - Um passeio à colonia Santa Cândida. Dezenove de Dezembro. Curitiba: Candido Lopes, n. 1664, p. 3, 1 dez. 1875.

de pinhão, milho e abóboras. No verão de frutas e hortaliças. Guiam-nas mulheres, em geral velhas e maduras.”⁴⁶

Ou ainda: *“Era justamente a essa hora matinal, numa temperatura já bem esperta, bem européa, quando um fino e translucido nevoeiro cobria a cidade, que nas ruas curitibanas quasi não se viam outros typos a não ser o dos colonos e principalmente os das colonas polacas e allemãs [vindos] dos arredores para a mercancia quotidiana, mutuamente proveitosa.*”⁴⁷

Ao se considerar as vendedoras dos produtos das colônias no centro da cidade, há que se registrar algumas especificidades, ainda que essa atividade se constituísse em rotina na organização da vida cotidiana das colonas. Algumas mulheres possuíam suas freguesias já devidamente conquistadas. No trajeto da colônia ao centro da cidade, percorriam as casas através das vendas em domicílio, de modo que até as imediações do anel periférico urbano já não dispunham de muitos produtos: *“Lotava a carrocinha de lenha, verdura, requeijão, manteiga, ovos ...tudo. Precisava vender pra sustentar a família né? Quando era tempo de pepino e tomate, ia duas vezes por semana. Ia terça e sexta.*”⁴⁸

No entanto, muitas prosseguiram até o Largo da Ordem:

Descem uma a rua Claudino dos Santos. Sobem outras a São Francisco. Vêm algumas pela Conselheiro Carrão. Surgem muitas pela Praça Tiradentes (...) Caminham estas [carroças] a trote, guizos chocalhando à cadência andadeira dos rocins, gordos e educados. Seguem essas a passo, cincerros badalando à marcha das alimárias. Vê-las-ás acantonadas no Largo da Ordem e na rua José Bonifácio, aglomeradas acolá ou encordoadas aqui junto das guias.⁴⁹

⁴⁶ GOMES, Raul. Os sábados na rua José Bonifácio. *Ilustração Paranaense*. Curitiba: J. B. Groff, v. 2, n. 6, n. p., 1928.

⁴⁷ VICTOR, Nestor. *A Terra do Futuro*. Rio de Janeiro: Typ. do ‘Jornal do Comércio’, 1913, p. 191.

⁴⁸ GUBAUA, *ibid.*

⁴⁹ GOMES, *ibid.*

Após estacionarem suas carroças, partiam para a venda em domicílio nas casas do centro da cidade. Nessas ocasiões aproveitavam também para comprar as mercadorias necessárias para o consumo caseiro. Algumas colonas costumavam acompanhar seus maridos nas carroças carregadas de lenha, já devidamente cortada em proporções adequadas à capacidade dos veículos. A lenha servia de combustível para os fogões das famílias urbanas. Por cima da carga, costumavam-se colocar também alguns legumes e hortaliças. De requeijão e manteiga, ovos ou galinhas, quase todas dispunham para vender: “*Galiii - nha - óóó - vos.*”⁵⁰ Quando não se vendia o leite, ofereciam-se os seus derivados. Isto porque a produção do leite era por vezes maior do que seu consumo: “*Lá, nós levava requeijão, daí nos ia até a rua Monsenhor Celso, mas daí nós ia a pé.*”⁵¹ Ou ainda: “*Elas iam com a cestinha vender manteiga e ovos (...) Elas faziam aquelas manteiga assim, faziam umas bolinhas coberta de couve (...) com o peso certo.*”⁵²

No trajeto da colônia ao centro da cidade, a carroça era a aliada principal da imigrante e condição básica para efetivar seus negócios. Pelos caminhos vicinais, uma tarefa nem sempre fácil, conduziam as mulheres polonesas seus produtos para a venda nas feiras e nos mercados da cidade: “*Compra feijão, batatas, cebolas, lenhas, ovos ...*”⁵³

As que prosseguiram até os locais determinados para as vendas com certeza enfrentaram os regulamentos oficiais draconianos.

⁵⁰ TREVISAN, Dalton. Em busca da Curitiba perdida. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 7.

⁵¹ GUBAUA, *ibid.*

⁵² KOWALSKI, *ibid.*

⁵³ TREVISAN, *ibid.*

⁵³ BANDEIRA, Euclides. Cronica locais. Curitiba: Typ. da Escola de Artífices, 1941, p. 74.

Por esse tempo, o governo provincial organizou o Código de Postura para a cidade, no seu limiar rural-urbano. Dividiam o espaço urbano, na produção e oferta de hortifrutigranjeiros, sobretudo, os poloneses e os italianos. Há que se ter essa referência, quando a análise remeter ao abastecimento da cidade, de hortifrutigranjeiros pelos colonos do cinturão verde.

A experiência cinturão verde já havia sido usada pelos urbanistas estrangeiros na intenção de se conceituar os espaços urbano e rural. Buscava-se preservar a qualidade de vida e impedir a formação de resquícios inqualificáveis, ou seja, os amontoados periféricos destoantes do novo urbano e do antigo rural.⁵⁴

Em Curitiba, a experiência de instalação das colônias agrícolas nos arredores apresentava-se como uma possibilidade viável. Outras províncias brasileiras explicitaram tentativas semelhantes, mas não com os mesmos resultados. A cartografia de Curitiba das últimas décadas do século XIX revela a concentração de colônias, preferencialmente polonesas, do norte para o oeste e o sudoeste, circundando a limitação do espaço urbano: Lamenha Grande, Lamenha Pequena, Santa Cândida, S. Venâncio, Abranches, Pilarzinho, D. Pedro, Órleans, Riviera, Ferraria e Thomás Coelho.

⁵⁴ A partir do surgimento das ferrovias, instalaram-se às suas margens os subúrbios ferroviários (1850-1920). Descontínuos e convenientemente distanciados e, sem a ajuda da legislação, eram limitados tanto em população quanto em superfície; com efeito, os maiores raramente tinham os seus dez mil habitantes e menos de cinco mil era o habitual. As casas eram situadas dentro de uma distância facilmente percorrida a pé da estação ferroviária. (...) Graças a paradas espaçadas, o subúrbio ferroviário a princípio foi impedido de se espalhar ou de crescer indevidamente em população, pois um cinturão verde natural, muitas vezes cultivado para fornecimento aos mercados, continuava existindo entre os subúrbios e aumentava a área de recreação disponível. Foi provavelmente a própria existência desses cinturões verdes naturais, que isolavam as comunidades suburbanas, pequenas, contidas em si mesmas, mas intimamente ligadas, que levou o economista Alfred Marshall a sugerir em 1899 um imposto nacional de ar puro na Inglaterra, como meio de garantir a permanência de cinturões verdes entre as cidades.(...) Precisamos também impedir que uma cidade cresça sobre outra ou sobre uma aldeia vizinha: precisamos manter faixas intermediárias de campo em fazendas de criação, etc... bem como terrenos de diversão pública (In: MUMFORD, Lewis. A cidade na história, suas origens, transformações e perspectivas. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1991, p. 544).

A preocupação da organização interativa dos espaços urbano e rural orientou os regulamentos de funcionamento dos mercados e das feiras. Os meios de transporte, os carroções de modelo russo ou polonês, também passaram a se submeter à licenças e emplacamentos. Os animais criados deveriam ser matriculados. O leite seria fiscalizado. Um sistema de pesos e medidas era oficialmente estipulado. A essa legislação estavam adstritos os trabalhadores rurais.

O mercado, em Curitiba, funcionava desde 1874 no *Largo da Cadêa*, que levava esse nome devido a sua localização. Construído em terreno baixo e pantanoso, condenado por muitos como depósito de lixo, o mercado da capital foi oficialmente inaugurado no dia 14 de outubro de 1874. Anteriormente, funcionava na Praça Zacarias, junto ao chafariz e, ao que tudo indica, em péssimas condições de funcionamento:

Tão urgente era a necessidade de um mercado nesta cidade em razão das acanhadas e não apropriadas acomodações que oferece a casa que para esse mister a província concedeu à câmara - que um dos primeiros cuidados da mesma câmara foi contratar a construção de um novo mercado, embora contasse apenas com a exígua verba de obras públicas para acudir a tal despesa.⁵⁵

E ainda: *“O mercado pede como complemento um matadouro publico afim de aí fazer-se o corte do gado de qualquer espécie, destinado para o consumo da população.”*⁵⁶

Um detalhado regulamento organizava o funcionamento e as instalações do novo espaço criado para compras e vendas. O mercado destinava-se à venda de gêneros de primeira necessidade, excluindo-se, portanto, a venda de *“ferragens,*

⁵⁵ CÂMARA Municipal. Dezenove de Dezembro. Curitiba: Candido Lopes, n. 1487, p. 4, 11 mar. 1874.

⁵⁶ *ibid.*

líquidos alcoólicos, calçados, chapéus importados, miudezas, sal em grosso, pólvora e seus artefatos.”⁵⁷

Por outro lado, os gêneros básicos “*milho, farinha do mesmo cereal, feijão, queijos fabricados na província, toucinho, charque, rapadura e quaisquer outros*”⁵⁸ necessários ao abastecimento da população, não poderiam ser vendidos fora da praça.

As mulheres imigrantes que transportavam produtos correspondentes estavam submetidas a essas normas, uma vez que se incluíam entre os lavradores “*que trouxerem tais gêneros para o consumo serão obrigados a expô-los a venda - a miúdo - no mercado durante 24 horas e só depois de findo este prazo poderão obter alta na praça, a fim de vende-los em grosso, dentro ou fora dela*”.⁵⁹

Aos que pretendiam violar o regulamento na perspectiva de desviar a venda, a lei punia com multas ou até dias de prisão: “*Serão considerados atravessadores e como tais sujeitos a multa de 30\$000 e a 2 dias de prisão, os que fora das pontes da cidade, ou nas ruas destas, procurarem desviar gêneros de mercado, comprando-os para qualquer fim que seja.*”⁶⁰

E ainda diretamente relacionado com as mulheres imigrantes:

Não será permitida pela ruas até 10 horas da manhã a venda de hortaliças e quaisquer verduras, frutas e aves. Até essa hora deverão esses legumes ser levados ao mercado, onde nenhum imposto pagarão, ocupando o centro da praça na ordem do dia em que o fiscal designar-lhes. Um toque de sineta anunciará o momento em que os vendedores podem deixar o mercado. (...) Os vendedores (...) só ocuparão o centro da praça até 2 horas da tarde. a fim de ser em seguida aí feita a limpeza necessária.⁶¹

⁵⁷ REGULAMENTO do Mercado. Dezenove de Dezembro. Curitiba: Candido Lopes, n. 1552, p. 1, 1874.

⁵⁸ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ. Leis (1884-1885/ TOMO XXXI). Decreto nº 797. Título VIII- Disposições Gerais - art. 380, 24 out. 1884, p. 104.

⁵⁹ *ibid.*

⁶⁰ REGULAMENTO de Mercado art. 9. Dezenove de Dezembro. Curitiba, n.1552, p. 1, 1874.

⁶¹ *ibid.*

Para as vendedoras de leite havia normas a serem consideradas:

O leite destinado a venda, na cidade, no mercado ou fora dele, será conduzido em latas fechadas com cadeado, ficando a chave em poder do dono do leite exposto ou oferecido à venda. O leite será tirado ou extraído da vasilha na ocasião da venda, por uma torneira, colocada na parte inferior. As latas serão herméticamente fechadas, de modo a não se poder introduzir nelas qualquer líquido que falsifique ou altere o leite e serão conservadas em perfeito ou rigoroso asseio.⁶²

Esboçava-se assim o contexto normativo, no ir e vir das carroceiras com seus produtos coloniais.⁶³ Além do horário estipulado, tempo de venda a miúdo ou a grosso, o preço e a pesagem também seguiam orientação padronizada: *“nas vendas a miúdo ninguém será obrigado a retalhar seus gêneros em quantidade menor de 500 gramas ou 1 litro, nem poderão fazê-los em porção maior de 50 kilogramas ou 80 litros”*.⁶⁴ Em relação aos preços a serem fixados, a legislação garantia uma “certa liberdade”, porém, para prevenir possíveis “conluíus entre lavradores e comerciante”, impunham-se penas aos que se *“recusarem a vender nas primeiras 24 horas por não convir-lhes o preço que oferecem”*.⁶⁵

As carroças deveriam permanecer estacionadas fora da praça. Uma incursão pelas normas reguladoras do trânsito dos veículos também se faz necessária. De acordo com os DECRETOS REGULADORES DO GOVERNO PROVINCIAL de 1875:

⁶² PARANÁ. Correspondência do governo. Offícios, v. 24, 1884, p. 197-199. Os descendentes dos colonos expressaram sua opinião sobre a fiscalização do leite em Curitiba. Afirmam eles que havia abundância de leite, exigindo muitas vezes a produção de derivados para o aproveitamento do produto. Assim, as colonas fabricavam a manteiga e o requeijão, fartamente consumidos pela população. Pode-se aqui até mesmo retomar a visão dos viajantes europeus do século XIX e suas observações da falta de hábito dos portugueses em produzirem sua própria manteiga. Apesar da grande quantidade de gado, preferiam comprar manteiga importada da Europa. Teriam sido os imigrantes os precursores da fabricação do produto, também para obter lucros. Afirmam ainda os descendentes que a reclamação geral da população era a de que o leite era muito gordo, aconselhando-se o acréscimo de água. Descarta-se desta forma qualquer intenção de adicionar água como forma de aumentar a produção e obter maiores lucros.

⁶³ Ainda que essas normas não fossem do conhecimento de todos os colonos, visto que, apesar de proibido legalmente, alguns vendiam em domicílio seus produtos, há depoimentos comunitários sobre o controle do Governo Provincial atrapalhando a liberdade de venda. As entrevistas confirmam as inspeções rigorosas sobre o leite, fiscalização e selagem dos produtos agrícolas, inscrições de animais nos departamentos e o pagamento de taxas ao transpor as barreiras.

⁶⁴ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ. Leis, decretos e regulamentos da província do Paraná. Curitiba, v. 31, p. 5, 1884.

⁶⁵ REGULAMENTO do Mercado art.11. Dezenove de Dezembro. Curitiba, n. 1552, p. 1, 1874.

Os carros ou carroças do município que transitarem pelas ruas da cidade estão sujeitos conforme sua espécie, classe ou destino, aos impostos anuais. Seus donos serão obrigados a matriculá-los todos os anos. O fiscal encarregado da matrícula fará o competente lançamento em livro para isso aberto, numerado e rubricado em suas folhas pelo presidente da câmara, e marca-los-á em lugar visível com o número.⁶⁶

Da mesma forma, o espaço de circulação também passou a ser controlado:

“Fica proibido o trânsito de carros e carroças por dentro do largo ‘Dom Pedro 2º’; os contraventores incorrerão na multa de 2:000 reis e do dobro nas reincidências.” E ainda: *“Fica proibido o estacionamento de carroças no largo da Ordem: os contraventores ficam sujeitos à multa de 2:000 reis e do dobro nas reincidências.”*⁶⁷

Ao definir o espaço de vendas, seja dos produtos agrícolas das colônias ou dos importados das metrópoles européias, as autoridades levavam adiante o projeto de urbanização, impondo e organizando os setores urbanos estruturais. Evidenciava-se, assim, a cidade dos magazines, dos armazéns de secos e molhados. Alinhavam-se as áreas reservadas aos mercados populares.

As autoridades administrativas, cujos interesses se coadunavam com os da elite dominante, expressavam um forte desejo de tornar a cidade moderna, nos moldes das grandes metrópoles européias. Para isso, realizavam construções arquitetônicas com materiais importados, organizavam novas vias de cruzamentos, eliminando os resquícios tortuosos das antigas e espontâneas ruelas, criavam novos espaços de lazer e de culturas. Cuidavam da atualização no modo de pensar, de vestir e de se comportar, criando espaços de lazer. Esforçavam-se por imitar os europeus através da inauguração de pontos de encontro especiais tais como os cafés, onde a intelectualidade costumava se reunir para discutir idéias filosóficas. Nestor Victor oferece uma visão bastante clara do cenário da cidade naquele tempo. Apesar dos investimentos no sentido de se transformar a imagem da cidade atribuindo-lhe

⁶⁶ PARANÁ. Governo Provincial. Decreto n. 430. p. 1, 24 abr. 1875.

⁶⁷ PARANÁ. Leis e decretos da provincia do Paraná. Tomo XXIX. n. 736, p. 27, 23 out. 1883.

um “ar europeu”, permaneciam velhos costumes. O jogo ainda continuava a ser o verdadeiro vício de parte da sociedade. “*Bebia-se e jogava-se para quebrar a monotonia da vida.*”⁶⁸ No lugar do café, as pessoas preferiam a cerveja, e esta seria uma das razões pelas quais “*nenhum ou muito poucos cafês puderam subsistir em Curitiba*”.⁶⁹ Ainda segundo Nestor VICTOR as discussões políticas ou os comentários sobre o cotidiano ocorriam “*nas rodas de pharmacies e em outras casas de commercio (...)*”.⁷⁰ E ainda:

Pelo inverno, em dias de sol, certos patrões lagarteavam com seus amigos na esquinas. ociosos, referindo aneddotas, cavaqueando, segundo o habito dos centros pouco movimentados, em que se procura matar o tempo seja como fôr. Contavam-se ainda em Curitiba entre a gente que constituia taes circulos typos afamados e temidos como ‘tesouras’, ou maldizentes. Eram elles tratados na intimidade por Nho-Fulano, Nho-Sicrano, — nota essa a mais flagrante possivel de caipirismo no Brazil”.⁷¹

Mas apesar do tradicionalismo da sociedade, as autoridades não poupavam esforços em promover a melhoria material e social da cidade. Baixavam decretos, ordens, normas e punições aos infratores, pois, segundo os sanitaristas da época, “*a nova Curitiba apresentava condições de salubridade não muito adequadas para os padrões da época*”.⁷² Com o objetivo de combater os miasmas decorrentes das águas paradas ou a possibilidade de contaminação dos alimentos, particularmente do leite, as autoridades públicas promoveram uma série de medidas visando o bem-estar da população. De acordo com o pensamento da época, a higiene era a parte mais importante da Medicina.

Assim, as colonas leiteiras entravam no esquema de controle promovido pelas autoridades sanitaristas. Deveriam matricular o gado na Diretoria da Hygiene Municipal, cuidar da saúde do animal leiteiro, das condições ideais para a

⁶⁸ VICTOR, *ibid.* p. 110.

⁶⁹ *ibid.*

⁷⁰ *ibid.*

⁷¹ *ibid.*

⁷² GANZ, Ana Maria; GANZ, Angela Lúcia. A questão do leite em Curitiba: o saber preventino e a resistência cotidiano (1890-1920). In: *O viver em uma sociedade urbana: Curitiba 1890-1920*, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 1989, p. 29. (série monografias, 1)

construção e limpeza dos estábulos e higienizar a pessoa encarregada da ordenha. De acordo com a legislação criada, era proibida “a venda de leite proveniente de vacas extremamente magras”⁷³ e a “venda de leite proveniente das vaccas nos últimos quarenta dias de prenhez e nos quinze primeiros dias do parto”.⁷⁴ Também para o transporte do leite deveria ser observado que:

A Diretoria de Higiene Municipal tem proibido a condução de legumes e outros gêneros nas carrocinhas de transporte de leite, não só pelo desasseio que era de praxe manter nesses pequenos veículos, como também por ter se verificado freqüentemente o abuso de vendedores de leite esconderem garrafas d'água muito disfarçadamente entre os artigos com que abarrotam as carrocinhas, afim de viciarem o leite depois de examinado.⁷⁵

Explicitavam-se, assim, as normas que deveriam ser seguidas pelos habitantes envolvidos com o comércio dos produtos rurais. Se esses preceitos foram seguidos fielmente pelos colonos, as entrevistas orais confirmam apenas que as autoridades procuravam complicar sua vida. De acordo com as entrevistas, os colonos pagavam pedágio, matriculavam os animais no Departamento de Hygiene Pública, colocavam selos em alguns produtos e emplacavam as carroças. As entrevistas afirmam também que, além de se subordinarem a essas normas, os “colonos vendiam seus produtos a preços muito baixos. Pagavam muito pouco pelos produtos coloniais”.⁷⁶ Ao que tudo indica, os colonos, com o passar do tempo, foram realizando outras atividades que trouxeram um ganho mais consistente. Alguns passaram a trabalhar na cidade, outros abriram um negócio próprio. O entrosamento à nova sociedade ocorria ainda que lentamente e com dificuldades.

⁷³ Ibid. p. 37.

⁷⁴ Ibid. p. 37.

⁷⁵ NOTAS e Notícias. A República. Curitiba: Leoncio Correia. n. 241, p. 2, 29 out. 1913.

⁷⁶ SGODA, *ibid.*

2.4 CREADAS DE SERVIR

Na ausência de outras opções de emprego, as filhas dos colonos poloneses passaram a trabalhar como empregadas domésticas nas casas das famílias do centro da cidade. Na fala das pessoas entrevistadas, ficou confirmada esta questão. Não havia outro trabalho, restando apenas essa opção. Como *creadas de servir*, realizavam todos os tipos de serviços: lavar, passar, engomar, cozinhar, cuidar de crianças e fazer compras. Moravam no serviço. Trabalhavam desde cedo até algumas horas da noite. Folgavam nos finais de semana, mas voltavam já no domingo para a retomada do trabalho. Não tinham salário fixo. Os patrões pagavam o que queriam. Segundo registro do Arquivo Paroquial, as domésticas ganhavam de 30 a 40 \$ por mês.⁷⁷ Mesmo ganhando pouco, tinham como obrigação contribuir com o ganho de seu trabalho para as despesas familiares. Como criadas domésticas enfrentaram ou viveram uma vida conflituosa e difícil:

Anástacia, ontem, como de costume, foi comprar carne no açougue ali das redondezas. Chegando à casa, com a cestinha à mão, teve o desprazer de ver a compra condenada por sua patroa: o gênero não era grande coisa e por isso Anastácia voltou ao açougue, a trocar o filé: (...) a carne era pior, pelo que a criada voltou novamente ao açougue. Mas o açougueiro não esteve mais pelos antos e recusou-se a fazer nova substituição do gênero.⁷⁸

Através das entrevistas, ficou evidente a vinda das filhas dos colonos, do campo para o centro da cidade, em busca de trabalho para assim contribuir de alguma forma com o arrimo familiar. A maioria dos autores que abordam a ocupação das mulheres na função de criada de servir utiliza um tom pejorativo, freqüentemente reservado às ocupações inferiores. As criadas povoavam o universo dos males que rondavam os casamentos burgueses. Eram consideradas perigosas nas casas das famílias citadinas, pois podiam despertar sentimentos não

⁷⁷ WACHOWICZ, *Abranches*: um estudo de história demográfica. Curitiba: Vicentina, 1976, p. 18.

⁷⁸ QUEIXA - Creada de servir. *Diário da Tarde*. Curitiba: E. Correia, n. 2402, p. 2, 04 jan. 1907.

condizentes com os padrões pensados para a moralidade urbana. Estavam presentes na intimidade das famílias, participando do cotidiano, mas deveriam permanecer caladas, omissas, ausentes das festas ou das comemorações, existindo apenas para cumprir tarefas: *“Tinha o Hauer, que ainda existe, tinha a sacada e a procissão que passou pela rua José Bonifácio. A minha tia e as amigas [que eram empregadas] ficaram olhando lá de cima [a procissão passar lá embaixo]. Aí chegou a patroa brigou com elas (...)— Aonde é que se viu, passei uma vergonha tão grande assim olhando lá em cima vocês.”*⁷⁹

Morando longe da cidade, não podendo voltar para casa, não dispunham do espaço privado. *“Geralmente solteira, a criada, em princípio, não tem amante, nem marido, nem filhos. Se acontece alguma desgraça, ela se vira.”*⁸⁰

Nas entrevistas realizadas, D. Leocádia KRAINSKI explicou que suas tias tinham folgas aos sábados e quando voltavam para as chácaras era uma festa. Elas dançavam, cantavam e eram presenças alegres e divertidas. Quando se preparavam para voltar ao trabalho, deixavam saudades nas pessoas das famílias. Também para seu retorno, a carroça era o transporte utilizado.

Por esse tempo, vigorava no País, e também em Curitiba, a concepção de trabalho em que a atividade braçal ou o serviço pesado era entendida como coisa de escravo. Herança do pensamento clássico grego e muito presente na maneira de pensar dos portugueses durante todo o Brasil colonial, este pensamento prolongou-se durante a República. Assim, mesmo após a abolição da escravatura, as elites permaneceram sustentando procedimentos autoritários e uma forma de pensar discriminatória. Faltava originalidade ao encarar a realidade brasileira. A

⁷⁹ KRAINSKI, Leocádia. *Entrevista*. Curitiba, 13 dez. 1995.

⁸⁰ PERROT, Michelle. Figuras e Papéis. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v. 4 p. 184.

intelectualidade nacional importava idéias européias e procuravam adaptá-las à situação brasileira. No final do século XIX, as questões étnico-raciais aliadas à preocupação com o progresso e desenvolvimento do País ocupavam os debates políticos. Com a abolição da escravatura, esta problemática ficou mais evidente, urgindo-se encontrar-se um caminho. Nossa diferença em relação às nações européias era grande, a começar pela presença de uma população híbrida numerosamente constituída por mestiços, fator considerado um peso para o progresso da nação. As discussões racialistas imbricavam-se com as idéias de progresso técnico e científico. Só aos países constituídos por raças puras estava assegurado o progresso. Possivelmente, as pessoas que executavam trabalhos braçais, à semelhança dos antigos escravos, eram consideradas socialmente inferiores.

Em Curitiba, a realidade não era diferente das demais cidades brasileiras. As contradições do sistema capitalista atingiam também os imigrantes que aqui chegavam e principalmente os poloneses representantes do campesinato, atividade associada ao passado, de acordo com as concepções técnico-científicas das elites industriais e cosmopolitas. Tal como em outras cidades, também em Curitiba o fenômeno social do desemprego ou subemprego e a conseqüente marginalização foram sintomáticos neste período.

Os imigrantes politicamente privilegiados dispunham do apoio das autoridades de seus países. Constatadas as condições nefastas, freqüentemente retornavam à terra de origem apoiados pelos seus governos. Para muitos e particularmente no presente caso, os poloneses, as condições impostas eram irreversíveis, já que seu país estava completamente dominado pelas potências européias.

Nas relações sociais citadinas, além da falta de trabalho, os poloneses enfrentaram as dificuldades em relação à nova língua ainda quase que completamente desconhecida. Não obstante, havia a necessidade urgente de reunir recursos para a sobrevivência das famílias. O dinheiro, muito raro, era difícil de ser conseguido.

Do ponto de vista das pessoas entrevistadas, trabalhar como mensalista, diarista, babá ou empregada doméstica era um trabalho como outro qualquer e praticamente realizado por todas as moças: *“A polonesa Anna D. é uma pobre mulher que cava honestamente a vida, trabalhando no penoso serviço de lavar casas.”*⁸¹ Afirmam várias vezes com um tom um tanto conformista: *“Não havia trabalho. Curitiba não tinha nem indústria! Os tecidos vinham de fora!”*⁸² Entre elas não se verificou uma omissão ou uma atitude preconceituosa em relação ao trabalho de empregada doméstica. Simplesmente era o que sabiam e podiam fazer.

Há que se considerar também que apenas as moças solteiras trabalhavam fora e nas casas de famílias. As que podiam juntavam o suficiente para fazer o enxoval, por vezes extremamente simples. Após o casamento passavam a integrar o quadro das mulheres casadas, ocupando-se então da casa, dos filhos ou de serviços que permitissem a conciliação às funções caseiras.

No perímetro urbano, que se organizava através dos projetos de inspiração européia, buscar água nos chafarizes situados em pontos estratégicos da cidade constituía-se em uma rotina. Tudo indica que era precário o abastecimento de água aos habitantes urbanos. Havia manifestações exigindo a abertura de novos chafarizes: *“Os moradores à praça General Osório dirigiram um abaixo assinado*

⁸¹ CAHIU da escada. Diário da Tarde. Curitiba: E. Correia, p. 1, 04 dez. 1914.

⁸² ZGODA, *ibid.*

à câmara municipal pedindo-lhes que a referida praça seja dotada com um chafariz, modesto embora (...). A câmara sabe o quanto necessitamos d'água, e que a do quasi único chafariz que a supre, a do largo Zacarias, torna-se muitas vezes insuficiente.”⁸³ E, além disso, o que existia funcionava precariamente: “O estado ruinoso em que se acham as torneiras do chafariz do largo de conselheiro Zacarias reclama pronto reparo. Além disso conservando-se o canal, por onde se escoam as águas, completamente entupido, estas caindo alagam o largo, transformando-o em lodaçal.”⁸⁴ Quais as preocupações dos administradores para deixar a cidade moderna?

Os chafarizes definiam-se como pontos de conflitos e tensões, apesar do forte esquema policial: “Neste chafariz, a Câmara sempre mantivesse a vigilância de uma praça de polícia afim de prohibir alli a pratica de actos e inconveniências contrárias a moralidade pública, por ocasião que naquelle ponto se reúne toda a classe de gentes e ao mesmo tempo impedir os estragos das torneiras do referido chafariz que apezar disso, terem sido concertadas por várias vezes.”⁸⁵ Dessa forma, compreende-se que um grande número de pessoas buscavam servir-se de água nesse locais, fazendo deles espaços altamente concorridos: “As brigas, violências e tapas, pedradas e pauladas, não raramente até saíam. A gente pobre, honesta e pacífica, essa vinha durante o dia suprir-se da água, ou a tardinha, antes do escurecer, para evitar noturnas confusões.”⁸⁶ Alguns anos mais tarde, o Boletim da Prefeitura Municipal de Curitiba noticiava uma mudança ocorrida nos hábitos dos moradores

⁸³ PEDIDO Justo. Dezenove de Dezembro. Curitiba: Candido Lopes, n. 210, p. 2, 20 out. 1886.

⁸⁴ CHAFARIZ Melhoramentos. Dezenove de Dezembro. Curitiba: Candido Lopes, n. 1826, p. 3, 25 jun. 1877

⁸⁵ CURITIBA. Correspondência do Governo da Província. Curitiba, 18 dez. 1885. p. 141.

⁸⁶ SANTOS, Nicolau dos. Curitiba e o Ivo. Boletim da Prefeitura Municipal de Curitiba. Curitiba, n. 2, 1943. p. 9-10.

sempre atentos a reclamações e exigências pela melhoria dos serviços. De costume os pipeiros abasteciam-se de água nos chafarizes e a revendiam em domicílio. Quando do aumento do imposto sobre a venda da água, os pipeiros automaticamente também subiram o preço do barrilote. Para espanto geral, não houve manifestação pública por parte dos consumidores devido à presença de numerosas criadas disponíveis para se empregarem na tarefa de apanhar água nos chafarizes da cidade. Ocorreu, então, uma mudança nos costumes citadinos. As pessoas passaram a contratar “as criadas geralmente polonesas [que] afluíam em ondas das colônias à busca de colocação por via da procura que havia de quem baldeasse a água e prestasse outros serviços domésticos”.⁸⁷ Para as famílias citadinas, manter duas criadas dava mais lucros do que pagar o preço de água pedido pelos pipeiros: “Houve daí uma invasão de polonesas serviçais que enxameavam à noite o chafariz da praça Zacarias, (...) xingando os mais atrevidos apesar do rigoroso policiamento solicitado pelos patrões.”⁸⁸ As criadas transportavam a água destinada ao café da manhã e ao preparo dos alimentos, já que para a higiene e lavagem de roupa todos dispunham de poços em seus quintais. Pode-se imaginar o que seriam as imediações desses chafarizes. Lugar úmido, disputado por pessoas pobres, criadas, cercado de policiais atentos, além de transeuntes interessados em tirar proveito da situação.

Aos poucos, a situação das criadas foi se alterando. Buscando lares onde houvesse um tratamento mais humano, migravam de uma para outra família, mas sempre se deparavam com as mesmas dificuldades. Além da baixa remuneração, da grande quantidade de serviços, da submissão às ordens que lhes eram dada,

⁸⁷ *ibid.*

⁸⁸ *ibid.*

estavam sujeitas ao assédio dos patrões. Quando saturadas dessas inconveniências, assumiam atitudes de rebeldia contra as patroas mandonas e autoritárias. Através das revistas da época, essas questões chegavam ironizadas:

A dona da casa sympathizou logo com ela. Era muito esperta, muito asseada, fazia tudo muito bem feitinho, enfim era uma criada “*comme il faut*”. Isso, porém, não durou muito, logo Mariazinha começou a abusar. Já não passava um dia que não precisasse a dona da casa reprimê-la em alguma coisa: Ó Maria, isto está mal feito. Você varre muito mal a casa. Não espanou a sala. Que diabo... Mariazinha não respondia, mas também não se indreitava, continuava no mesmo.⁸⁹

Ao longo do tempo em que permaneceram realizando esse trabalho, foram formando conceitos sobre a cidade e sobre os procedimentos dos patrões: “*Pois é verdade: é impossivire incontrá um home sério e... patroa que não arreie. (...) no primeiro dia olham a gente de cima para baixo e se a patroa está perto franzem o focinho e encolhem os ombros; no segundo dia vão certa hora pela cosinha ver si tem agoa fervendo e dão risada pra gente; no terceiro dia começa a coisa: — Então como é bonita, heim? Lindeza... meu anjo... etc. até que.*”⁹⁰ Manifestando uma certa ousadia, vez por outra, encontravam-se nas praças ou nas imediações dos chafarizes, confabulando sobre as coisas que aprendiam:

Conforme a praxe geral
Catharina e mais a Rosa
No mercado ao fazer compras
Pegam dois dedos de prosa

Palavra puxa palavra.
Um caso puxa outro caso.
E a vidinha dos patrões
Vem p’ra rua em prato cheio

Um dia a Rosa pergunta
Com certa ironia má:
- E que tal, come-se bem
Na casa em que você está?

- Se se come!... (a outra responde)
A comida é tante e boa
Que já nem mais posso usar
O espartilho da patroa!⁹¹

⁸⁹ UMA creada. A Rolha. Curitiba, n. 7, n. p. 21 maio 1908.

⁹⁰ UMA façanha de Anastácia. O Olho da Rua. Curitiba, n. 31, n. p. 27 jun. 1908.

⁹¹ ENTRE creadas polacas. art. 11, O Olho da Rua. Curitiba, n. 16, n. p. 30 nov. 1907.

Verificava-se que os criados tornavam-se irreverentes, e rejeitando os conselhos dos patrões, buscavam atingir seus objetivos próprios. Não obstante o grande fascínio que a vida na cidade despertava nas moças da colônia, as exigências e as necessidades familiares continuavam a orientar seus procedimentos. Constantemente abandonavam o trabalho para ajudar nas colheitas ou atender os parentes doentes. Ao que tudo indica ganhavam muito pouco como criada de servir. Era mais vantajoso aumentar o mutirão na roça, em época de plantio ou de colheita do que servir como criadas na cidade. Nessa perspectiva, foram muitas as queixas das patroas contra as travessuras das criadas que faltavam aos compromissos assumidos, deixando as patroas a “*ver navios*”.

Ao que tudo indica, porém, nas primeiras décadas do século XX, quando da intensificação das fábricas, muitas foram integrando-se como mão-de-obra no mercado de trabalho, provocando uma quebra na antiga função: “*Uma coisa que hontem me informaram, lembrei, a proposito da creada que nos servia á mesa (...) Disseram-me que as polacas estão agora desertando aos poucos do serviço doméstico em Coritiba e que essa é uma das causas por ha verdadeira crise nesse particular aqui, e talvez mais accentuada no Rio.*”⁹²

2.3 OUTRAS OPÇÕES DE TRABALHO PARA AS POLONESAS

Mas não foi somente nos trabalhos relacionados à agricultura, criação de animais ou como criadas de servir que se distinguiram as mulheres polonesas. Destacaram-se também como costureiras, tecelãs, crocheteiras, lavadeiras de casas, cozinheiras, lavadeiras de roupas, pensionistas, garçonetes, além de professoras.

⁹² VICTOR, *ibid.* p.120.

Inicialmente, qualquer opção de trabalho aliviaria o aperto enfrentado pelas famílias quase sempre numerosas. As dificuldades sempre estiveram presentes. As mais evidentes estavam relacionadas à baixa remuneração, à distância do centro até a colônia, à falta de meios de transporte, a ausência de consumidores para seus produtos ou mesmo à falta de acolhimento da nova sociedade. Não obstante, ao que tudo indica, a realidade na nova terra era um caminho sem volta. A alternativa era prosseguir. Considerando-se as precárias opções de trabalho que a cidade oferecia, salienta-se que muitas mulheres sustentaram e educaram seus filhos dispondo apenas de míseros trocados conseguidos a duras penas. Verificava-se também em Curitiba, à semelhança do que ocorria em outras sociedades:

Ela não tem acesso ao dinheiro, a não ser pelos serviços miúdos, que sempre se esforça em fazer caber dentro dos interstícios de tempo em que lhe deixa a família: atividades comerciais - venda em bancas ou cestos, à moda camponesa, que persiste apesar de todas as regulamentações, que exigem cada vez mais alvarás e autorizações, mas ainda mais horas de faxina para fora, lavagem de roupas, trabalho de costura, tomar conta de crianças, recados e entregas domésticas; a entregadora de pão é quase sempre uma mulher casada. As mulheres desdobram uma extrema engenhosidade para os múltiplos comércios nas cidades (...) para completar o orçamento da família (...) Nunca trabalham tanto como quando o homem está desempregado.⁹³

Percorrendo as famílias dos descendentes, percebe-se que a maioria das mulheres polonesas dedicavam-se, e ainda hoje o fazem, aos trabalhos manuais. Bordados, crochê, tricô, tapeçaria, chinelo estão expostos em suas casas evidenciando grande habilidade, demonstrando serem estas atividades uma tradição nas comunidades.⁹⁴ Em parte, estes trabalhos integravam os programas de educação feminina que foram comuns na virada do século. Nas escolas, as religiosas ensinavam essas artes às moças e as famílias as estimulavam como parte da

⁹³ PERROT, *ibid.* p. 190.

⁹⁴ A visita à casa de Augustina Szeszepanski, 89 anos, demonstrou esta questão. Dona Augustina foi à escola a mando dos pais para aprender artes manuais. Lá, as irmãs ensinavam várias delas, assim como também a fazer os majestosos chapéus usados pela congregação. Augustina ficou um tempo, mas avisou aos pais não ser bem este o seu prazer. Fazer modas, roupas bonitas para mulheres era o que ela mais queria. Com alguns figurinos conseguidos, foi praticando sozinha, vindo a adquirir grandes habilidades. Atualmente possui uma amostragem de trabalhos manuais a partir de finos fios e complicadas tessituras.

preparação para o casamento. Toda moça da colônia gastava um tempo na produção do enxoval, em que estavam presentes as artes manuais. Ao que tudo indica, muitas sobreviveram desses trabalhos e os ofereciam em domicílio. Sobre seu tipo de trabalho, a professora Helena Skurniewska anunciava no jornal da época: *“De Filet, crivo, macramê, renda de almofada, trabalhos a seda, crochet, desenho, pintura, pirugravura, enfim, todos os trabalhos que podem ser executados a mão. Aceitam-se encomendas dos trabalhos (acima) mencionados, que serão executados com gosto e perfeição.”*⁹⁵ D. A. SZSEPANSKI também confirma que essa era a sua grande paixão: *“Crochê, tricô, bordado, filet, tudo tudo, o que existia eu experimentei. Eu vendia, essas coisas tudo tinha saída (...) Eu gosto de tudo o que é feito à mão. Então eu gostava de fazer vestidos.(...) Eu era costureira fina.”*⁹⁶

A costura em domicílio era também uma prática constante. Nos primeiros tempos, todas as roupas eram feitas à mão. As costureiras iam às casas das famílias para pequenos consertos ou reparos. Nesta perspectiva, a chegada da máquina de costura foi um alento saudado por todas com muito prazer: *“Por sua leveza, pelo seu caráter individual ela preenchia as condições que as mulheres podiam desejar.”*⁹⁷ Na fala das entrevistadas, a chegada da máquina de costura inaugurou um novo tempo. Verificava-se, no início do novo século, uma boa acolhida aos empregos de novas técnicas pela sociedade industrial: *“Nos anos 1900, qual a operária [francesa] que não sonha em ter sua Singer, comprada a prestação no sistema Dufayet? Parece que a mulher conheceu sua grande glória com a máquina de costura.”*⁹⁸ Também em Curitiba, ter uma máquina de costura era o sonho de

⁹⁵ HELENA Skurniewska- Professora. Diário da Tarde. Curitiba, n. 6727, p. 4, 1920.

⁹⁶ SZSEPANSKI, *ibid*.

⁹⁷ PERROT, *ibid*. p. 34.

⁹⁸ PERROT, *loc. cit*.

muitas mulheres, mas não de fácil aquisição: “*Amélia Kendrick(...) comunicou à polícia que tendo comprado uma máquina Singer para pagar em prestações e não tendo podido saldar os últimos meses, por estar seu marido desempregado.*”⁹⁹

No centro da cidade, em busca de trabalho, as mulheres polonesas incorporavam-se ao excedente de mão-de-obra. Excluídas na Europa, vinham ocupar em Curitiba as precárias vagas oferecidas nos cafés como garçonetes, costureiras dos grandes magazines ou como operárias nas fábricas que iniciavam. Nas últimas décadas do século XIX, porém, eram poucos os locais de trabalho em Curitiba: “*Além de uma fábrica de phosphoros, modelo no gênero, montada para receber das mattas os toros de pinhos transformá-los em palitos e caixinhas, há também fábricas de velas, sabão, cerveja, meias e agora começa a funcionar, (...) outra destinada a produzir louças.*”¹⁰⁰

Nos arquivos disponíveis da fábrica de fósforos Fiat Lux, o mais antigo fabricante do produto no País,¹⁰¹ foi possível constatar a presença das mulheres polonesas ocupando-se de diferentes tipos de trabalho. De acordo com o livro de registro dos operários, a fábrica de fósforos possuía nos primeiros tempos 200 operários, dos quais 92 eram mulheres de diferentes etnias. Destas, 35 eram polonesas admitidas entre 1906 e 1934; vinte delas foram admitidas durante a década de 20. As principais ocupações por elas desempenhadas eram as de maquinista das automáticas, ajudante da mestra de selo, seladeira, pacoteira, mestra

⁹⁹ POR CAUSA de uma máquina Singer. Diário da Tarde, Curitiba, n. 5665, p. 13, 1917.

¹⁰⁰ MONTEIRO, *ibid.*

¹⁰¹ Interessava sobremaneira consultar os arquivos mais antigos da fábrica onde se poderia perceber a passagem, principalmente, das moças filhas dos colonos, ocupando-se de diversos serviços. Só foi possível consultar dois livros de registro de operários, do período compreendido entre os anos de 1906 e 1930. Outros exemplares estavam no Rio de Janeiro e não foi possível obter 2a. via ou outra forma de consulta. Nos livros disponíveis, procurou-se as operárias empregadas no período correspondente às duas primeiras décadas do século XX. Mesmo com reduzida documentação, pode-se confirmar sua presença no trabalho das primeiras fábricas em Curitiba.

do selo, enlatadeira, maquinista de caixa, ajudante de etiqueteira, etiqueteira, servente de caixas e gavetas, lixadeira, litografista, contramestre das etiquetas, ajudante de lixas, empacoteira e servente de etiquetas. Procurou-se, quando possível, conhecer o tempo de permanência das operárias na fábrica e verificou-se que a maioria permaneceu de 5 a 10 anos, desligando-se por livre e espontânea vontade. A forma de pagamento caracterizava-se por hora ou por unidade produzida e a média de ganho aproximava-se dos 500 réis por hora. Iniciavam o trabalho às 7h30 e paravam às 16h30, dispondo de uma hora de intervalo para refeição e descanso. Verificou-se que recebiam a metade do salário pagos aos homens. Esta ocorrência constatou-se na ocupação de litografista, pois, enquanto a mulher recebia \$500 por hora, o homem recebia pela mesma função 1:000\$000 (um conto de réis). Na mesma fábrica, a gerência era o cargo máximo, ocupado também por um homem, que recebia 2:500\$000 (dois contos e quinhentos mil réis) por mês.¹⁰² Outras observações revelaram a ocorrência de alguns acidentes de trabalho e o período de férias desfrutado pelos empregados.

2.6 DA COLÔNIA À CIDADE PROSSEGUIAM OS PROBLEMAS

Já anteriormente se afirmou não ser nada fácil para os imigrantes, de maneira geral, os primeiros tempos no novo país. Para as mulheres, entre os problemas cotidianos estavam os diretamente relacionados à sobrevivência, à conquista dos recursos necessários para alimentar a família quase sempre numerosa. Para isso, as mulheres polonesas prosseguiram, aqui em Curitiba, na prática da venda dos hortifrutigranjeiros, atividade já realizada nas cidades européias,

¹⁰² REGISTRO dos empregados da fábrica Hürlimann transferido para Cia Fiat Lux. Curitiba, 15. 01. 1937.

especificamente na Polônia nos *grands marchés*¹⁰³ montados em praças públicas. Em Curitiba, esse trabalho foi incentivado pelos administradores para dar conta do suprimento dos gêneros de primeira necessidade.

Ainda que a maioria das colônias agrícolas se concentrasse em áreas não muito distantes do centro urbano, a precariedade das estradas, ou por vezes a inexistência destas, impedia um acesso tranqüilo aos locais de venda. Muitas vezes as estradas não eram mais que simples atalhos. Esburacadas e escorregadias nos dias chuvosos, provocavam constantes acidentes: “*Essas estradas aqui, agente afundava (...) Levava duas horas [da colônia Lamenha Pequena até a cidade]. Não podia tocar ligeiro porque tava carregado (...) O cavalo tinha que ser ferrado.*”¹⁰⁴

Por vezes, as carroças eram pequenas e de fácil manuseio; outras exigiam grandes esforços. Também nas carroças, algumas mulheres carregavam, de uma propriedade à outra, pesados fardos de capim ou ramagens de colheitas destinados aos pastos. Formavam grandes morros de cargas em cima dos quais se acomodavam para a condução do veículo.

Os acidentes ocorriam com freqüência nos caminhos que cruzavam a cidade. Além da lama, uma constante reclamação dos colonos, os cavalos nem sempre eram mansos. O jornal *Diário da Tarde* noticiava um acidente de carroça envolvendo um pessoa já idosa que, perdendo o domínio sobre os cavalos, foi de encontro ao barranco, sofrendo as conseqüências do tombo: “*Perto do Hospício N. S. da Luz, deu-se um triste incidente que punziu deveras os que presenciavam (...)*

¹⁰³ Observar fotografias anexadas no final do trabalho onde se evidencia a prática da venda de flores, hortifrutigranjeiros e leite pelas mulheres nas principais cidades polonesas: Cracóvia, Varsóvia, Wilno e Lwow. In: FRANCASTEL, Pierre. *La Pologne Pittoresque*. Grenoble: B. Arthaud, 1934. O cenário apresenta-se semelhante àqueles que ocorreram em Curitiba, segundo a visão de autores que escreveram ou representaram com imagens o comércio das polacas com suas cestas de produtos agrícolas.

¹⁰⁴ GUBAUA, *ibid.*

As rodas do carro foram de encontro a um barranco (...) A ferida é bastante idosa, conta seguramente 55 anos e por isso julgamo-la impotente para resistir a tão graves ferimentos.”¹⁰⁵ Ou ainda: “Na estrada de Campo Comprido o carroceiro Ignacio S., por imperícia, fez com que o seu carro fosse ao encontro de um outro guiado pela poloneza Martha S., ocasionando o choque dos 2 veículos e espatifamento de 1 [uma] das rodas do carro de Martha, conforme queixa recebida pela polícia da 2a. circunscrição.”¹⁰⁶

O governo provincial, na pessoa do Presidente Lamenha Lins, favoreceu a instalação das colônias próximas ao eixo comercial, mas nos anos que se seguiram uma série de normas foram estipuladas para regular o comércio e transporte de mercadorias. Os colonos viam-se obrigados a enfrentar medidas controladoras. Além do registro do animal na Diretoria Municipal, das normas de construção de estábulos e higienização do leite, os colonos deveriam pagar pedágios nas barreiras situadas em pontos estratégicos, no caminho das colônias à cidade. Sobre essas imposições sobressaíram-se os moradores de Santa Cândida, reclamando dos empecilhos no transporte das mercadorias:

Os (abaixo assinados) imigrantes estabelecidos na Colonia Santa Cândida nas proximidades desta cidade vêm requerer a V. Exa. que se digne dar as providências necessárias afim de os suplicantes não continuarem a pagar o imposto de passagem pela barreira do “Bacachery” por ocasião de conduzirem a esta cidade, em seus carros, o produto colhido de sua lavoura e mais outros gêneros que podem dispor, para assim subsistirem -se.¹⁰⁷

Solicitavam às autoridades medidas urgentes para a abertura de novas estradas:

Os (abaixo assinados) colonos estabelecidos na Colonia Santa Cândida vem respeitosamente pedir a V. Exa se digne de ordenar a abertura de uma estrada a partir da extremidade da dita colonia até a estrada de S. Venâncio por uma vereda já conhecida que oferece todas as vantagens de trânsito para carros, e que aproxima a dita colonia Sta Cândida muito desta

¹⁰⁵ LAMENTÁVEL. Diário da Tarde. Curitiba: E. Correa, n. 2266, p. 1, 27 jul. 1906.

¹⁰⁶ NOTAS e Fatos. Diário da Tarde. Curitiba: E. Correa, p. 2, 1910.

¹⁰⁷ PARANÁ. Correspondência do Governo. Requerimentos. Curitiba, 1879, p.137.

capital, e por onde podem facilmente sair na Colonia Abranches e conduzir madeiras e gêneros de sua lavoura, sem dependência de pagamento de direitos de barreira no Bacachery.¹⁰⁸

Apesar de não figurarem entre os suplicantes (assinantes) do requerimento,¹⁰⁹ as mulheres carroceiras transportadoras de legumes, frutas, lenhas e leite participavam dessa reivindicação.

Transpostas as barreiras que se colocavam no trajeto da colônia ao centro da cidade, as imigrantes entravam em contato com o esquema controlador promovido pelas autoridades administrativas. Não raro ocorriam situações conflituosas e problemáticas decorrentes do não-cumprimento das normas:

Hoje, às 8 e ½ da manhã, na rua Riachuelo, esquina da rua S. Francisco, tivemos a ocasião de assistir o exame procedido no leite, pelo ativo e correto agente sanitário. Examinado o leite conduzido pela polaca Amalia Lanson,(...)encontrou 38 garrafas de leite, tendo cada uma a metade em leite, as quais foram todas inutilizadas.¹¹⁰

Contra as medidas reguladoras, ao que tudo indica, ocorreram manifestações tais como greves, enfrentamentos com a polícia, reclamações para autoridades do modo como eram tratadas pelos fiscais. Os colonos eram de opinião que essas normas deveriam ser aplicadas aos que morassem mais próximos ao centro os quais dispunham das condições ideais para tal.¹¹¹ Na maioria das chácaras estabelecidas nas colônias agrícolas faltavam as condições básicas de saúde pública, como instalação de esgoto e água tratada. As autoridades cuidavam com rigor da fiscalização, mas as condições oferecidas para que ocorresse a prática dessas medidas eram mínimas, ou melhor, nenhuma. Possivelmente, os colonos tomavam conhecimento dos perigos das contaminações através de cartilhas populares fornecidas pelos departamentos especializados. Isso ainda quando dominavam a nova língua.

¹⁰⁸ *ibid.* p. 138

¹⁰⁹ Na lista de assinatura somente estão presente os nomes masculinos.

¹¹⁰ NOTAS e Notícias. *A República*, Curitiba: Leoncio Correia, n. 246, p. 2, 5 nov. 1913.

¹¹¹ Ver GANZ, p. 27 - 46.

Nas colônias, em decorrência das péssimas condições sanitárias ou da falta de água tratada, o índice de mortalidade infantil crescia assustadoramente para o desespero das famílias. A doença que mais matava era a disenteria: *“Também morriam muitas crianças. Tinha aquelas doenças graves como por exemplo a desidratação. Quantas crianças morriam por causa disso.”*¹¹² Esbarravam ainda na falta de médicos para prestarem o pronto atendimento, buscando dessa maneira alternativas, como, por exemplo, as benzedadeiras, as parteiras ou a utilização de remédios caseiros. Em socorro das comunidades foi de grande e fundamental importância o trabalho das missionárias Filhas da Caridade de São Vicente de Paula.¹¹³

Das chácaras para a cidade, o rol de dificuldades se ampliava quando as colonas não dispunham das carroças para o transporte dos produtos. Mesmo assim, não deixavam de sair para as vendas. Então, todo o trajeto até as freguesas era feito a pé, com as cestas enlaçadas ao braço. Nos depoimentos, fica evidente que os percursos eram longos, as viagens a pé, penosas e cansativas. Nem mesmo as crianças eram poupadas: *“A mãe arrumava uma trouxa com requeijão, ovos e manteiga no cesto e eu junto com ela pela linha. Geada, eu descalça, porque não tinha chinelo, não tinha sapato. Descalço ia até lá. Chegando lá, primeiro sentava,*

¹¹² KRAINSKI, Leocádia. *Entrevista*. Curitiba, 13 dez. 95.

¹¹³ Convém salientar aqui o trabalho das religiosas como enfermeiras e na prestação dos primeiros socorros. Junto ao local de ensino, eram instalados ambulatórios, atendendo sobretudo às comunidades necessitadas. De carrocinha, as Filhas de Caridade de São Vicente de Paula percorriam as comunidades prestando assistência social e primeiros socorros, dando conta, em terras longínquas, do trabalho de missionárias. Inicialmente, vieram três: Irmã Natália, Irmã Leocádia e Irmã Luiza, chegando à colônia em outubro de 1904. Enquanto a escola era construída em terreno doado pelo Sr. José Preiss, as irmãs foram hospedadas na casa da família doadora, recebendo instruções da Sra. Preiss sobre os costumes da nova terra. Em novembro, iniciaram as aulas com 25 crianças, passando logo em seguida a funcionar o internato para abrigar as crianças de lugares mais distantes. As Irmãs Luiza Olsatynska, Helena Bruska e Tereza Domakowska, realizaram um trabalho pioneiro junto às comunidades. Possuindo diplomas de enfermeiras e farmacêuticas, reuniam aos conhecimentos as regras da congregação: *“Servirão os pobres doentes e todos os que sofrem”*. Por ocasião da comemoração dos 90 anos do Instituto São José, foi realizada em 1994 a respectiva exposição onde o público pode conhecer alguns dos instrumentos e aparelhos utilizados na época pelas irmãs para o atendimento da população nos primeiros socorros.

sentava só as duas porque não (dava) pra andar, porque aquela sacola arrastava no chão com aquele requeijão.”¹¹⁴

Por esse tempo havia uma reclamação geral devido às constantes chuvas em Curitiba, o que colaborava para ampliar as dificuldades. A lama fazia parte do cotidiano dos habitantes da cidade em outros tempos. Era comum os colonos caminharem descalços até determinados trechos das picadas e, próximos à igreja, lavarem os pés nas águas dos rios e calçarem os sapatos para irem à missa ou a solenidades que ocorriam.

As dificuldades estavam presentes também no transporte de cargas quando ocorria o deslocamento de um ponto a outro das colônias: *“Quando trazia os fardos de capim para as vacas, do quintal até a estrebaria parecia que o fardo de capim estava andando sozinho, tal era o tamanho do fardo e tão pequena era a mulher.*”¹¹⁵

Não se pode deixar de registrar os obstáculos decorrentes do não-domínio da nova língua, principalmente no trato com o público. Muitas permaneciam caladas, outras se aventuravam na arte da comunicação, sendo por vezes motivo de zombarias ou de estranhamento: *“Nas falas, aos nossos ouvidos confusas, puras algaravias que nunca escutáramos, até no respirar delles, fumegante como os dos cavallos, por essas frias manhãs naquelle clima frio, em todo o quadro que representavam, nós brasileiros da zona quente viamos um outro mundo intercalado como por milagre de magica no Brazil.*”¹¹⁶

¹¹⁴ *ibid.* Entrevista com as mulheres de Santa Cândida.

¹¹⁵ SCHLUGA, Ana. Depoimento escrito sob a coordenação de Felipe Skora.

¹¹⁶ VICTOR, Nestor. A Terra do Futuro. Rio de Janeiro: Typ. do ‘Jornal do Comércio’, 1913, p. 2.

Ao anunciarem seus produtos, expressavam os limites dos encontros culturais: “*Mío, fisson, patata, óvo!*”¹¹⁷

A falta de comunicação levou muitas polonesas a abandonarem o emprego, pois não entendiam as ordens ou sentiam o desconforto do ambiente desconhecido.

Também entre as filhas dos colonos que buscavam trabalho no centro da cidade, eram evidentes as dificuldades. Estas decorriam das exigências das patroas na prestação de serviços perfeitos: tudo sempre limpo, engomado e brilhando; dos reduzidos salários; das diferenças culturais e da grande distância espacial que as obrigava a residir no local de trabalho ou em pensionatos em péssimas condições. Frequentemente ocorriam brigas, acusações de roubos, assédios sexuais, agressões, acidentes com ferimentos e prisões, suicídios, defloramentos, entre outros: “*Sábado à noite quando passava pela rua 15 de novembro, Helena Picorska da Silva, esta foi agredida pelo sapateiro João da Silva, que sacou de uma faca que trazia na cintura, ferindo-a levemente no braço direito.*”¹¹⁸

Já no dia-a-dia na propriedade rural, as mulheres polonesas, de maneira geral, enfrentaram os problemas comuns às donas de casa: “*Administrar a miséria é antes de tudo, sacrificar-se.*”¹¹⁹ No mais das vezes, a família quase sempre numerosa impunha desafios colados à questão da sobrevivência. Era comum a divisão do trabalho, até mesmo para dar conta da imensidão do serviço, do nascer ao pôr-do-sol. Cuidar dos animais, preparar a terra para o plantio, semear, colher, malhar o trigo, cuidar dos jardins e pomares eram tarefas também realizadas pelas

¹¹⁷ AS COLÔNIAS do Paraná. Boletim Colonial e Agrícola do Estado do Paraná. Apud MARTINS, Wilson. Um Brasil Diferente. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989, p. 49.

¹¹⁸ *ibid.*

¹¹⁹ PERROT, *ibid.* p. 192.

crianças e jovens num sistema de rodízio. De maneira geral, o cultivo da agricultura e a criação de animais garantiam a sobrevivência. Nas cartas dos imigrantes compiladas por Marcin KULA, os poloneses escreveram aos seus familiares sobre a fertilidade da terra, as razoáveis condições do clima, enaltecendo a liberdade e o prestígio de se ter uma propriedade, mas também afirmavam que para viver têm que trabalhar e muito. O dinheiro era muito difícil de se obter e necessário para comprar ferramentas, tecidos, sementes e alguns alimentos não produzidos na colônia. Os colonos buscavam esse dinheiro através do trabalho na cidade, na venda dos hortifrutigranjeiros ou nas obras de construção de estradas.

Devido ao montante de trabalho diretamente ligado à questão da sobrevivência, também as crianças participavam intensamente das atividades rurais. Apesar da constante preocupação entre os colonos em dar escolas para os seus filhos, muitos interrompiam seus estudos e as moças abandonavam seus trabalhos na cidade para ajudar na colheita.

2.7 FESTAS, CELEBRAÇÕES, RITOS

Como já foi dito, mesmo distantes de sua terra natal, os poloneses, em Curitiba, procuraram dar continuidade à prática de suas tradições e à vivência de seus costumes. Num primeiro momento, destaca-se a religião católica como um preceito sagrado, assumido e vivenciado fervorosamente por todos os integrantes das comunidades. Ainda hoje, as comunidades reúnem-se sob a égide religiosa, realizando trabalhos de assistência social às famílias carentes, catequese das crianças, comemoração das festas religiosas. É espantosa a permanência dos laços afetivos e de solidariedade entre os integrantes das antigas colônias. Nas cartas dos imigrantes aos seus familiares da Polônia, costumavam sempre iniciar com uma

saudação profundamente religiosa: *“Que esta carta não ultrapasse os umbrais da casa, sem antes louvar a Deus: Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.”*¹²⁰

No final de ano, pode-se acompanhar a programação natalina, quando as mulheres já idosas estavam sobrecarregadas de obrigações, todas elas vinculadas à religiosidade. Dona Sophia ZGODA, descendente das primeiras 16 famílias que reimigraram da Colônia Dona Francisca para Curitiba, afirmava que não podia assumir mais nenhum compromisso, pois encontrava-se envolvida com tantos, o suficiente para sentir-se por vezes com um pouco de estafa, necessitando de constantes repousos. Assim, passou a vida inteira. Trabalhou como professora em lugares distantes da colônia, fazendo os trajetos a pé, morando em casas improvisadas próximas à escola. Nunca se casou, e quando foi interpelada sobre esse assunto, respondeu naturalmente: *“Não tive tempo para casar-me.”*¹²¹

As festas religiosas sempre ocuparam uma atenção especial, particularmente o Natal, a Páscoa, a Festa dos Reis, Pentecostes e as Festas dos Santos Padroeiros. É também D. Sophia ZGODA quem descreve como eram vividas as celebrações natalinas: *“As crianças iam olhar no céu e quando a primeira estrela aparecia a brilhar, iniciava-se a ceia de Natal. Antes, porém, partiam a “opwatek” — hóstia não consagrada oferecida pela dona da casa. O grande pão era repartido em pequenas porções e, enquanto comungavam, desejavam-se Boas Festas.”* E continua: *“Na ceia, antigamente, não se comia carne. Era servido apenas peixe, pierogi, arroz, batata, salada de beterraba, “krin”, cerveja caseira e vinho. Acompanhava como sobremesa “piernik” (doce de mel*

¹²⁰ GMUCHOWSKI, Luis. Carta de São Mateus do Sul, Paraná para a Sra. Maria Zóltkowski. In: Anais da Comunidade Brasileiro- Polonesa. Curitiba: Superintendência do centenário da imigração polonesa ao Paraná, v. 8, p. 49, 1977.

¹²¹ ZGODA, *ibid.*

com nozes). Depois da ceia entoavam cantos natalinos e em seguida, dirigiam-se para a Igreja a fim de participar da Santa Missa.”¹²²

Outra comemoração rigorosamente vivenciada pela comunidade é a Festa do Dia de Reis. Sobre ela D. Sophia SGODA informa que “no dia 6 de janeiro, são feitas as visitas de casa em casa, entoando cânticos natalinos. Após a cerimônia, uma grande e farta mesa com doces e salgados espera as famílias”.¹²³

Além dessas celebrações, a Páscoa também era vivida com a realizações de procissões de acordo com os ritos da Igreja Católica. “Nos sábado de aleluia, os rapazes tiravam os portões das residências e os transportavam para outro lugar. Na segunda-feira da Páscoa, 2º dia santo, era dia de “jogar água nas moças”. Esse hábito ocorria, para lembrar que “quando Jesus ressuscitou, um grupo de pessoas comentava os acontecimentos e para dispersá-los derramavam [água] sobre elas. As moças voltavam para casa molhadinhas, molhadinhas!”¹²⁴ Segundo a maneira de pensar, as que não se molhavam não casavam.

Promoviam-se festas também por ocasião da colheita do trigo. Dona Ignez GUBAUA afirma que costumavam cortar o trigo muitas vezes à noite com luar. Isto porque, quando ocorria a época da colheita, não se podia perder tempo. Fazia-se o mutirão e depois de seco o trigo era acomodado no paiol onde o assoalho tinha que ser de madeira e bem grosso, próprio para se fazer a malhação. Costumavam malhar em número de três ou quatro. Geralmente era por ocasião do carnaval: “Malhava lá em casa e lá nos Wolf nos escutavam: Eslava e José estão malhando porque se escutava ...tam...tam...tam...”¹²⁵

¹²² ZGODA, *ibid.*

¹²³ ZGODA, *ibid.*

¹²⁴ ZGODA, *ibid.*

¹²⁵ GUBAUA, *ibid.*

A entrevista coletiva realizada com as mulheres polonesas de Santa Cândida também confirma: *“Eles batiam os batedores, batiam aqueles centeio mas tudo compassado. Mais ninguém batia junto. Parecia uma música, era um conjunto que batia. Mas coisa linda! Quem não sabia bater já não pegava. E daí, a gente escutava quantos [estavam] batendo. Se é dois, ou três se é de quatro.”*

Muitas vezes fazia-se a coroa do cereal e escolhia-se a rainha, seguindo-se o costumeiro baile.

Em se tratando das festas, uma incursão nos tradicionais casamentos de polacos, que, segundo o senso comum já incorporado na visão da sociedade curitibana, duravam três dias. Geralmente aconteciam na segunda-feira. O padre não permitia aos sábados, pois os festeiros podiam dormir e perder a missa do domingo. Assim, já estavam habituados, logo cedo, a prepararem o café com cuque e doces e depois, na volta do casamento, ofereciam o almoço. Em seguida, dançava-se a tarde e a noite inteira.

Não havendo outras opções de diversões, os bailes eram freqüentes e ocorriam principalmente por ocasião desses casamentos. Dona Sophia SGODA informa como eram realizadas essas cerimônias:

A sala toda enfeitada com bambus e fitas coloridas, assim como os cavalos e as carroças. O transporte era feito por carroças através das quais os noivos e os convidados, com muita alegria, dirigiam-se para a Igreja. A festa de casamento era sempre na casa da noiva onde era servido o almoço. O primeiro prato: sopa de galinha. Em seguida arroz, macarrão, carne de porco, carne vermelha, galinhas assadas, vinho tinto, cerveja (...). Terminado o almoço, começava a dança ao som do violino e violoncelo. Durante parte da dança, que era muito animada, gritavam “jeszcze nasss”, isto é, “ainda é nossa” (a noiva). Mais ou menos a meia noite dava início ao “czepiny”. O “nosso” sentado numa cadeira, enquanto a noiva convidava os homens para dançar com ela. Daí, cada um que dançava punha no prato uma moeda. Terminava o “czepiny”, era a despedida da noiva. As moças solteiras formavam uma roda e aí a noiva com um beijo nas moças despedia-se da vida de solteira para ingressar na vida de casada.¹²⁶

Fazia parte da festa trazer a cozinheira com o braço enfaixado simulando um acidente de trabalho e pedir aos convidados uma colaboração em dinheiro a ela destinado.

A festa de casamento continuava no domingo seguinte. Essa repetição da festa era chamada de “Propovyne”.

Mas não apenas para as festas havia ritos especiais. Nas ocasiões difíceis e dolorosas como, por exemplo, o falecimento de alguém da família, uma grande preocupação era proporcionar uma boa acolhida aos amigos solidários na dor os quais muitas vezes chegavam de grandes distâncias. Para isso, por vezes, matavam-se muitas galinhas, assavam-se carnes para serem servidas durante a noite no guardamento. Nessas ocasiões, as pessoas mais próximas, o pai, ou os filhos, apesar dos sentimentos, passavam um bom tempo na cozinha ocupados na preparação dos alimentos destinados às pessoas que chegavam.

Acompanhavam os funerais com rezas, cantos e ladainhas. Sobre os costumes polacos durante os funerais, o jornal *Dezenove de Dezembro* informava:

O público desta capital foi surpreendido no dia 15 à tarde por ocasião do enterro do menor Francisco, filho do Sr. Joaquim José Belarmino Bittencourt. Sem ser esperado, à hora do saimento apresentaram-se à porta do Sr. Bittencourt cerca de 200 polacos, entre homens e mulheres, velhos e crianças, cada um munido do seu livro.

Foram distribuídas velas a todos eles, que se tinham formando em linha ao defunto; a direita os homens, principiando pelos mais velhos, no centro as mulheres e a esquerda as crianças dos maiores para os menores. Logo que saiu o féretro principiaram os polacos os cantos de seus hinos de Glória a Deus em voz sonora, e seguiram atrás do ataúde e do acompanhamento dos nacionais, cantando sempre e arrancando lágrimas por toda a parte por onde o enterro passava.

Chegando à Igreja do Rosário calaram-se, e durante a recomendação conservaram-se de joelhos.

Finda a cerimônia saiu o féretro e em carro seguiu para o cemitério, e eles o acompanharam a pé, cantando sempre (...) Ao descer o corpo à sepultura, cantaram novo salmo até fechar-se esta.¹²⁷

¹²⁷ COLLABORAÇÃO-Costume polacos nos enterros. *Dezenove de Dezembro*. Curitiba: Candido Lopes, n. 1873, p. 2, 19 jan. 1876.

Além dos rituais comuns à tradição polonesa, houve em Curitiba um intenso esforço para reunir condições concretas para o auxílio da Polônia no seu processo libertador. As mulheres costumava encontrar-se para confeccionar roupas, que eram enviadas aos necessitados da pátria distante. Frequentemente ocorriam espetáculos teatrais, bailes e festivais com o objetivo de reunir recursos destinados a fins diversos:

Assisti ontem a uma festa sympathica e tive a ocasião de verificar a importancia da colonia polaca neste Estado.

Foi a festa promovida por uma comissão de senhoras polacas em beneficio da independencia da Polonia.

O motivo da festa era já por si apreciavel e mais apreciavel se me apresentou ainda. depois que me foi dado observal-o de perto.

Vi alli uma multidão de homens. mulheres e crianças, entregues ao mais franco jubilo.

Lia-se nos semblantes dos mais velhos a satisfação que o bem estar proporcionava.

Nota-se que os representantes de infeliz povo, esmagado pela ambição de governos tyrannicos vive feliz nesta terra.

Gozando dos proventos da liberdade, neste tranquillo e bemfazejo pedaço da Patria brasileira, os polacos não se esquecem dos patricios que, na Polonia escravizada, gemem sob (...) os opressores.

Havia, como disse muita gente: todos se divertiam, deixando cahir nas saccolas o obulo em beneficio da infeliz escravizada (...)

Uma cousa me prendeu a atenção foi ver diversas senhoritas polonesas, ou polono-brasileiras, muito bonitas e trajando com certo esmero, no rigor da moda. ¹²⁸

Além do auxílio para a libertação da Polônia, demonstravam uma grande preocupação com a manutenção das escolas para as crianças polonesas: *“Temos a honra de convidar as exmas famílias curitibanas para uma festa que terá lugar no Parque da Polonia, domingo, 6 de dezembro, à rua Comendador Araújo n° 69, às 2 horas da tarde, em beneficio do movimento libertador da Polonia e da escola*

¹²⁸ CORITIBA- Jornal. Diário da Tarde. Curitiba: E. Correia, n. 4952, p. 1, 26 nov. 1914.

polaca em Curitiba, terminando com um concerto e espetáculo representado pelas crianças da escola.”¹²⁹

Os convites para as festas com o objetivo de angariar recursos de ajuda à Polônia oprimida, assim como para a fundação de escolas polacas, figuraram com muita frequência nos periódicos da época. Os relatos também acusam que estas festas tinham uma boa acolhida pelos integrantes da comunidade e pela sociedade curitibana em geral. Nas festas públicas ocorriam apresentações de peças teatrais, coral, concertos, assim como realizavam-se os bailes nas sociedades beneficentes. Nas primeiras décadas do século XX, quando chegaram os intelectuais e religiosas para o trabalho com a educação dos filhos dos colonos, as festas cívicas passaram a ser comemoradas, destacando-se o dia 3 de maio como o Dia da Constituição.

¹²⁹ SECCÃO Feminina Poloneza. A Republica. Curitiba: Leoncio Correia, n. 286, 05 dez. 1914.

3 POLONESA & POLACA: COMO FORAM VISTAS OU CONSIDERADAS AS MULHERES IMIGRANTES EM CURITIBA

A diversidade humana é infinita: se quero observá-la, por onde começar?

Todorov

Walter Benjamin preocupa-se com a denominação das coisas e recomenda voltar o olhar para a origem das idéias.

Compreender o sentido das expressões polaca ou polonesa significa buscar seus primeiros significados e acompanhar as possíveis representações que ocorreram no interior de uma coletividade. Na história polonesa, “polano” denomina os povos descendentes dos luzycas (pré-eslavos) que se estabeleceram às margens dos rios Odra e Vístula: *“De todos os antigos nomes étnicos dessa bacia, a denominação ‘polanie’ (polanos) foi a que mais se generalizou e consolidou.”*¹ Explicação de estudiosos sobre a temática oferece o seu significado: *“Polano vem de clareira, quer dizer, clareira dentro da clareira, terreno apropriado para o cultivo.”*² Polanos seriam também os primeiros integrantes das tribos eslavas que se converteram ao cristianismo. Do polano (dos primórdios) ao atual polonês (pertencente ou relativo à Polônia, o nascido na Polônia), coloca-se a expressão polaca, hoje também

¹ DASZIEWICZ, Walenty. A República Popular Polonesa. In: Cartão da Polônia. Polska Agência Interpress, Polônia, 1988, n. p.

² Informação concedida por Jan Krawczyk, da Sociedade União Juventus, quando dos preparativos para a realização do II Congresso Polaco da América Latina. Curitiba, 13 - 16 mar. 1996.

aplicada no sentido de pertencimento à Polônia, mas que tem a ver com a construção de estereótipos. Uma rápida consulta aos manuais sugere como significado para a palavra polaco: do polonês *polak* para o francês *polaque*, polonês pertencente ou relativo à Polônia; natural ou habitante da Polônia. O mesmo não se verifica em relação ao seu feminino polaca. Essa expressão pode ser entendida como uma determinada dança de andamento moderado e caráter pomposo originária da Polônia ou a música para essa dança, mas logo em seguida, coloca-se o sentido vulgar e chulo de meretriz estrangeira; tem no feminino conotação pejorativa. Tão assumido foi esse último sentido, que um estudioso político, ao fazer referências à Constituição Brasileira de 1937³, conhecida como Constituição Polaca, traz como nota explicativa para a palavra polaca o nome com que se designam as meretrizes.⁴

Margareth RAGO, em estudo sobre prostituição e sexualidade feminina⁵, investiga o conceito da palavra polaca no Brasil e na América do Sul. No capítulo Dramaturgia, a historiadora aborda a questão do tráfico das mulheres brancas provenientes das empobrecidas aldeias européias para as grandes cidades dos

³ “As palavras polaca ou polonesa são expressões pejorativas usadas na época, pois grande número de prostitutas no Brasil são desta origem. É natural que a denominação tem sentido maior, e não só aquele (In: CARONE, Edgar. *A Terceira República (1937 -1945)*. São Paulo: Difel, 1982, p. 142).

⁴ O dicionário etimológico, além de alguns dos significados já enfatizados, apresenta o sentido referente à palavra polonês: da *língua eslávica do grupo ocidental*(1562); ou do polonês *polak*, provavelmente através do italiano *polac(c) o*; em carta de 1562, datada de Roma, lê-se: ‘o embaixador delrey de Polonia fesse sua entrada neste sacro concilio a 16 de outubro (...) com seus ditos polacos (...). Considera ainda que a expressão *polaca* já se documenta em 1716; em 1656, acrescida do *nez* (De Polon (ia + -ês); já aponta como pouco provável a influência francesa. *polonais*, o que teria ocorrido somente no século XVIII, mas, em 1653, já se emprega a variação francesa *pollonois*. Modernamente, o vocábulo designa, de maneira quase exclusiva, as famosas composições musicais de Chopin entre as quais se destaca a *Polonaise Militaire Op. 40*. E ainda no mesmo verbete: “Cumprer assinalar que, das quatro formas de etnônimo - polaco, polonês, polônio (essa terceira terminologia diz respeito à descoberta do elemento atômico, radioativo, metálico, pelo casal Pierre e Marie Curie em 1898 - polonium - derivado de Polônia, pátria de Marya Skłodowska: 1867-1934) e polono, a que predominou nos séculos XVII, XVIII e XIX e que se documenta em inúmeros textos portugueses desse período foi polaco: hoje, particularmente no Brasil, a forma usual é polonês (e, no feminino, polonesa)” (In: CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 617).

⁵ RAGO, Margareth. *Os prazeres da Noite: a prostituição e os códigos da sexualidade feminina em São Paulo de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Estados Unidos e América Latina, ocorrido nas últimas décadas do século XIX. Na condução desse negócio altamente lucrativo, estiveram os caftens judeus ligados a organizações poderosas como, por exemplo, a Zwi Midgal. O objetivo de tais empreendimentos era o emprego de moças nos bordéis de Buenos Aires, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. O estado de extrema pobreza das famílias aldeãs teria sido uma das causas que levaria as moças a viagens de além-mar em busca de melhores condições de vida para si e para as suas famílias. Homens de negócios, luxuosamente vestidos e aparentemente bem-sucedidos propunham casamentos a essas jovens, inspirando uma possibilidade de mudança de vida. Já nos navios, porém, elas percebiam o engodo e a situação indesejável a que haviam sido submetidas. No local de destino, uma complexa e sólida organização, cujas lideranças diluíam-se em vários pontos do continente, colocava-as na prática da prostituição, trazendo a prosperidade garantida para seus idealizadores.

Luiz Carlos SOARES, em estudos sobre a prostituição no Rio de Janeiro, afirma: *“A importação das prostitutas européias, sobretudo daquelas provenientes dos países da Europa Centro-Oriental (Polônia, Rússia, Alemanha, Áustria, Hungria etc.) era organizado pelos ‘caftens’, quase todos de origem judaica, que exploravam as prostitutas e a prostituição, obtendo avultados lucros e fomentando o tráfico das escravas brancas.”*⁶

Jeffrey D. NEEDELL, em obra sobre a modernidade no Brasil, faz distinção entre as mulheres francesas e as polacas que se ocupavam da prostituição, sendo a primeiras destinada a um público elitizado e as últimas as que *“sofriam nos bordéis dos bairros de luz vermelha”*. Mas afirma a seguir: *“Elas eram geridas por*

⁶ SOARES, Luiz Carlos. Rameiras. Ilhoas. Polacas... A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo: Ática, 1992, p. 57.

*empresários, com frequência judeus também, que prometiam maridos e vida nova na América para mulheres pobres dos territórios judeus da Rússia, para depois violentá-las e mandá-las para bordéis do Rio e Buenos Aires.”*⁷

Na literatura, outras obras problematizam a temática merecendo destaque o romance *O Ciclo das Águas*, de Moacir SCLIAR (1977). Nele, a protagonista Esther vivencia a dura realidade das moças judias saídas da Polônia e integradas aos prostíbulos de alto luxo em Buenos Aires.

Apesar do ativo tráfico de mulheres brancas estrangeiras, eram as brasileiras que compunham o maior número de prostitutas nas primeiras décadas do século XX, de acordo com as estatísticas da época. Mas, como afirma Margareth RAGO: “o fenômeno [o tráfico das mulheres brancas] teve repercussão bastante ampla, levando mesmo a que se associasse o termo ‘polaca’ a ‘prostituta’”.⁸ A versão mais corrente era a de que as prostitutas francesas e as polacas integravam, em maior número, o quadro de meretrizes das grandes cidades. Afirma ainda que a divulgação da expressão, da maneira como ocorreu, relaciona-se à postura anti-semita que com certeza existia. RAGO desloca ainda os outros significados e implicações relacionados à expressão. Considera que o conceito polaca-prostituta não é unívoco no País, evidenciando particularidades regionais e significados distintos, como no caso dos estados do Sul, para onde grandes levas de imigrantes poloneses agricultores se dirigiram. E ainda ressalta: “Por ‘polacas’ entendia-se as mulheres loiras vindas de países da Europa oriental, que a imaginação popular romantizava e confundia totalmente.”⁹

⁷ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 203.

⁸ RAGO, *ibid.* p. 291.

⁹ RAGO, *ibid.* p. 292.

Em Curitiba, imagens fugidias desta realidade encontraram suas versões de forma particularizada. Com certeza, a sociedade curitibana daquele tempo não passou indiferente à apreensão dessas conceituações com a diferença de que a inserção da polonesa na sociedade local ocorreu de maneira diversa, motivada por fatores distintos. Era uma outra realidade e um outro contexto. Para Curitiba ocorreu a imigração polonesa com base na constituição familiar.

De maneira geral, ao se referirem às mulheres polonesas, as fontes revelaram impressões de que elas eram diferentes. Exibiam ares de liberdade, independência e auto-determinação em seus procedimentos. As atitudes, ora do campo, ora da cidade, despertavam estranheza ou encantamento. Sua passagem pelas ruas da cidade como camponesas ou como criadas de servir despertou a atenção de diferentes articuladores.

3.1 OLHARES SOBRE A MULHER

Uma incursão imediata nas fontes disponíveis favorece a construção de arquétipos sobre a mulher polonesa, no sentido de classificá-la como protótipo do feminino desqualificado. Grande parte dos jornais e revistas da época exploraram a imagem da mulher imigrante polonesa como sendo pobre, infeliz, criada doméstica, atrapalhada, arruaceira e outros atributos. Somou-se a essas idéias um sentimento jocoso, sugerindo possibilidades alternativas, principalmente ao homem casado infiel, desejoso de novas aventuras.

Não apenas os periódicos da época estudada revelaram tais imagens e conceitos. Também entre a população — grupos sociais ou pessoas individualmente — alimentou-se um ideário que reforça ou confirma a existência de preconceitos e visões estereotipadas em relação à mulher e ao povo polonês em geral. Coloca-se,

então, a questão: Como ocorreu a construção de tais conceitos e imagens? Quais as imbricações presentes nesta vertente?

Para se refletir sobre as imagens criadas decorrentes das observações sobre os procedimentos das polonesas, faz-se necessário ter presente os contextos estruturadores dos conceitos e padrões sugeridos como modelos para a vivência feminina.

Retomando a história das mulheres, pode-se considerar a Revolução Francesa como um marco também para o modo de viver feminino, pois, a partir de então, novas idéias foram sendo evidenciadas para definir o papel da mulher na sociedade ocidental. Até o final do século XVIII, as mulheres participavam ativamente da vida em sociedade; durante o movimento revolucionário, haviam demonstrado condições de interferir na ordem reinante através da organização de motins. Nas manifestações públicas, empunhavam armas revelando ousadia e coragem. A possibilidade de uma inversão da ordem liderada pelas mulheres inspirou as autoridades a repensarem o papel feminino, resultando, daí, suas atribuições vinculadas essencialmente ao privado e à vida familiar. Essas imagens foram reforçadas pelas transformações político-científicas da segunda metade do século XIX. Esse foi um tempo privilegiado de realizações científicas e de grande efervescência intelectual, no qual o ser humano e a vida em sociedade ocuparam lugar de destaque. Novos padrões de sociabilidade foram sendo estruturados e estipulou-se um comportamento exemplar para o *ser mulher*. Um dos pensadores da época, implicitamente ligado à presente temática, foi o sociólogo Auguste COMTE¹⁰, cujos estudos abordavam a mulher representando o lado afetivo e

¹⁰ Auguste Comte, o maior representante do positivismo francês, nasceu em Montpellier (1798-1857), estudou e lecionou durante alguns anos na Escola Politécnica de Paris. É considerado o fundador do positivismo em geral. O positivismo, sistema filosófico que se desenvolveu no século XIX, “reduz, substancialmente, o conhecimento humano ao conhecimento sensível, a metafísica à ciência, o

altruísta da natureza humana ou a principal responsável pela reprodução da espécie: *“A mulher, como o demonstraria a biologia, seria a principal responsável pela reprodução da espécie, enquanto o homem se prestaria mais à transformação do ambiente, à atividade industrial. Na preservação da espécie, o papel da mulher (...) se daria especialmente na família, em que, como mãe, ela teria a responsabilidade da formação moral do futuro cidadão.”*¹¹

Etelvina Maria de C. TRINDADE, em estudo sobre as mulheres em Curitiba¹², faz um consistente percurso sobre a trajetória feminina no período correspondente. Salienta as relações que se estabeleceram entre as idéias políticas e socioculturais que ocorriam em âmbito nacional, assim como suas implicações nas vivências femininas. Sob o título de *Idéias e Mulheres*, discute o pensamento da intelectualidade paranaense ao absorver as influências republicanas: *“a mulher deve ser anjo na família, força na sociedade e esteio da pátria”*.¹³ O projeto republicano apoiou-se em ter na *“família o objeto preferencial do pensamento (...) núcleo de irradiação da ordem e do progresso das nações, ela concentra os anseios de todos*

espírito à natureza, com as relativas conseqüências práticas” (...) “Para o positivismo, a única realidade existente, o cognoscível, é a realidade física, o que se pode atingir cientificamente”. Segundo Comte “a humanidade seria a mais complexa e mais rica forma de realidade que a ciência positiva poderia atingir; seria uma entidade superior e mais real do que os próprios indivíduos”. (...) Na organização exterior, essa nova religião positiva [culto da humanidade] inspira-se na igreja católica, de cuja teologia tira Comte, por exemplo, a idéia de providência. Esta providência seria —positivisticamente— representada pelas mulheres (providência moral), pelos sacerdotes ou sábios (providência espiritual), pelos patrícios ou capitalistas (providência material), e pelos proletários (providência geral).(...) Igualmente, da organização prática do catolicismo, Comte tira o culto, que distingue em privado e público. O culto privado, por sua vez, é dividido em pessoal e doméstico. O primeiro dedicado particularmente à mulher, como sendo a mais apta a representar o Grande Ser; o segundo compreende nove sacramentos, com relação às fases mais importantes da vida.”(In: PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luís. *História da Filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 17 ed. 1995, p. 430-434).

¹¹ José Murilo de Carvalho, cientista político, professor do IUPERJ, no capítulo “Os positivistas e a manipulação do imaginário” discute o pensamento de Auguste Comte na formação do imaginário republicano no Brasil (CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 130).

¹² TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. São Paulo, 1992, Dissertação (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas da universidade de São Paulo.

¹³ *ibid*, p. 107 - 117.

os que esperam do novo regime a solução final para os problemas da sociedade civil e do Estado".¹⁴

Portanto, a nova ordem instaurada, ao eleger uma vocação particular para a mulher, vinculou-a à esfera doméstica, ao fazer exclusivo das artes caseiras revestindo-a de atitudes sublimes. Atribuiu-lhe a tarefa de ser essencialmente a geradora de filhos fortes e moralmente sadios. Ordenou suas ações, pontuou-lhe sentimentos e uniformizou seus modos de agir legitimando-os como pertencentes ao universo feminino. Suas atitudes deveriam ser revestidas de bondade, compreensão e generosidade. No privado a abnegação, a ternura e a fragilidade legitimavam as virtudes femininas geradoras do aconchego do lar. E ainda a ela era reservada a responsabilidade de apaziguar conflitos, conciliar desordens, corrigir filhos e ser o descanso salutar do homem público cansado. Quase deusa, quase virgem. Como essas mulheres deram conta de seus sonhos e desejos? Como se sentiram cumprindo seus deveres? Felizes ou frustradas? Quais delas se deram conta que não era só isso que almejavam? Quantas ultrapassaram os limites e foram contidas por arquétipos aviltantes ou depreciativos? Essas são apenas algumas das novas questões para a história e as relações de gênero.¹⁵

De acordo com as leituras e análises realizadas nos periódicos, constatou-se que Curitiba, no último quartel do século XIX, passava por consideráveis

¹⁴ *ibid.* loc. cit.

¹⁵ Também em relação a mulheres que romperam as dimensões e galgaram o espaço público experimentando diferentes desempenhos profissionais, ainda na virada do século, Etelvina traz exemplos evidentes que ocorreram na sociedade curitibana. Apesar de se fazerem presentes no espaço público, ou ainda de forma inexpressiva nos bancos universitários, permanecia a preocupação em "torná-la participante na agitação da vida social, nas oficinas de trabalho ou no reduto íntimo da nação, sem extrapolar um limite aceitável de atuação". E ainda salienta que, de acordo com a visão da época, a mulher na sociedade é o adorno para o marido; deve saber comportar-se e dar respostas ao mundo. Para as damas curitibanas não conhecimentos científicos aprofundados mas as artes de salão. Pouca ciência e muita literatura. Brilhar pela amplitude dos conhecimentos sem aprofundá-los em demasia. Conservava-se a idéia de que a mulher era inapta para o racionalismo exigido pela ciência (In: TRINDADE, *ibid.* p. 56-58).

transformações. Uma primeira observação nesse sentido foi o seu rápido crescimento populacional. Segundo Romário MARTINS, a população do Paraná e de Curitiba apresentava-se de acordo com os números a seguir:

TABELA 4 - POPULAÇÃO DO PARANÁ - 1892-1920

ANOS	HABITANTES
1872	126.722
1890	249.491
1900	331.509
1920	685.711

TABELA 5 - POPULAÇÃO DE CURITIBA - 1866-1920

ANOS	HABITANTES
1866	13.627
1890	24.553
1900	49.755
1920	78.986

FONTE: MARTINS, Romário. *Quantos somos e Quem somos: dados para a história e estatística do povoamento do Paraná*. 1941, p.103.

Somava-se ou incluía-se no crescimento geral da região o surgimento de fábricas, de casas comerciais e de novos engenhos de erva-mate com a introdução de novas tecnologias.¹⁶

Às transformações materiais, seguiu-se a implantação de novas normas de conduta, pretendendo-se pôr fim a certos hábitos da população destoantes das novas aspirações cosmopolitas do final do século XIX. Importavam-se da Europa novos procedimentos para o jeito de vestir, de morar, de se comportar em público e até mesmo novas formas de se ver o mundo. Na Europa, durante o período conhecido como *La Belle Époque*, as pessoas, deslumbradas com as novas

¹⁶ Em estudo sobre o assunto — Semeando iras rumo ao progresso: sociedade e indústria no Paraná do século XIX — Magnus Roberto de Mello Pereira aborda as particularidades da indústria paranaense na produção e comercialização do mate. UFPR, Departamento de História, 1992. (Texto mimeografado).

potencialidades técnico-científicas, acreditavam no futuro, desfrutando do bem-estar trazido pelo progresso. As tardes de chá, os encontros nos cafés, os passeios nos jardins urbanos, a visita aos magazines e lojas especializadas eram algumas das opções que definiam ou ordenavam o universo das mulheres burguesas.

Em Curitiba, as iniciativas que ocorriam nessa direção conviviam com resquícios da cidade ainda interiorana e de contornos provincianos. Códigos de posturas e regulamentos foram especialmente criados para ordenar conflitos e problemas típicos da vivência cotidiana. Na faina e na folga do dia-a-dia, as pessoas transgrediam seus limites e esbarravam em intrigas ou dissabores que incomodavam as autoridades administrativas. De maneira geral, roubo de animais, cenas de embriaguez, reuniões suspeitas, atropelamentos, brigas e bate-bocas faziam parte da rotina dos habitantes. Diante de acusações, de denúncias à delegacia ou de ameaças à ordem reinante, convocavam-se testemunhas e o acusado, depois de constatada a queixa, comprometia-se perante as autoridades a não praticar mais tais atos, sujeitando-se à prisão e ao pagamento de multas estipuladas:

... compareceram o queixoso Otto S. e a acusada Antonia H. e intérprete Carlos G. em audiência publica a ali foi dito pelo commissario de Policia que tendo condemnado Antonia H. a assignar o termo de bem viver mandara lavrar o presente termo (...) contra a mesma a qual n'este acto prometeu viver em plena paz com seu vizinho Otto S. e família, sem dar mais motivo do mesmo queixoso recorrer a autoridade policial.¹⁷

Estruturava-se assim, ao longo do tempo, um procedimento para culpar os faltosos e alertar a comunidade, principalmente as pessoas comuns, sobre as normas aceitas e adequadas para o viver social da época. Definia-se um *modus vivendi* urbano, ainda que precário, através de regulamentos escritos para orientar as normas comportamentais da população.

¹⁷ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ, Curitiba, 1889, Termo de bem viver e segurança de vida. Códice 0529, p. 24-25.

O transitar das imigrantes em Curitiba, como carroceiras ou criadas de servir, foi visto e pontuado a partir destas implicações. Também a sua caminhada, assim como a da maioria das pessoas comuns, foi sendo alinhada de acordo com as vertentes da aprovação ou da rejeição da sociedade adotiva. Seus procedimentos foram observados, enaltecidos ou classificados, alimentando-se possibilidades para a produção de conceitos ou formação de estereótipos. Para isso contribuía, fundamentalmente, o grande número de mulheres polonesas apontado nas estatísticas anteriormente apresentadas. Incluíam-se, neste cenário, as marcas visíveis de um povo excluído, sofredor, e que numa atitude heróica emigrava para a América em busca de condições objetivas de sobrevivência.

Colaborando com as normas draconianas, os jornais e revistas cultivavam interesse em trazer para o conhecimento do público as ocorrências que despertassem a atenção de seus leitores. As questões políticas, as novas idéias filosóficas, as produções literárias, os avanços técnicos europeus, as variedades e os anúncios de utilidade pública ocupavam lugar de destaque. Certos protagonistas eram mantidos sob constante observação. As pessoas comuns, por exemplo, também eram notícia, mas nas suas desventuras. De maneira geral, a imigrante e, particularmente, a polonesa figurava com frequência nos periódicos e, ao que tudo indica, havia interesse em explorar sua imagem. Ela foi observada principalmente quando trabalhava como carroceira ou criada de servir. Fez parte também das ocorrências policiais ou das notícias envolvendo os insucessos cotidianos. Nessas situações, vez por outra, as imagens avizinhavam-se do anedótico ou pitoresco. Ideologicamente, os jornais definiam ou firmavam um modelo exemplar de mulher através da legitimação de papéis a serem observados para o viver feminino. Nessa perspectiva, denunciavam-se os desvios e explicitavam-se as barbáries ou as *notícias quentes* que escandalizavam o público leitor ou, ainda, despertavam-lhe a atenção para a sensualidade vulgar da mulheres. No leque das notícias apreendidas, as mulheres polonesas eram jovens, crianças, velhas, mulheres maduras ou de meia-idade. Na maioria das vezes eram as *polacas*, algumas vezes *polonezas* ou, ainda com muita frequência, apontava-se a etnia através da presença dos *cás* dos

sobrenomes. A expressão polaca foi, porém, a mais enfatizada, quer esboçada como arquétipo ou para se definir a nacionalidade.

A possibilidade de se obterem notícias num mundo particular, de domínio ainda restrito aos estrangeiros, era saudada com certa malícia e ranço de gabolice pelos meios de comunicação. Assim, o jornal *A Federação*, de 1892, oferecia uma idéia do envolvimento da imprensa com a questão imigratória e particularmente com as mulheres polonesas:

E já que toquei na imigração quero dar ao meu amigalhão zé a notícia da grande pandega havida na hospedaria da rua São José, por ocasião da re-entrada do administrador Gabriel. Grossa pandega! Grandes temporaes! Esplendido baile!

Os Srs. Queima, Corrêa deputado, e Chico Viana, quadrilhavam com as polacas - bellas e galhardamente. Chegaram mesmo a falar em polaco e hoje mais do que nunca estão habituados a exercerem os seus empregos. A prática e a língua muito os ajudarão. Essa é a informação que deu-me o sr. Queima, que mui cavalheirosamente presta-se a ser, naquela repartição, o reporter dos jornais cá da terra.¹⁸

Os jornais procuravam manter nos locais “calorosos” os receptores das informações. Além da obtenção das notícias especiais, os articulistas enviados envolviam-se no ambiente tal qual ele se apresentava. Possivelmente, o domínio da língua estrangeira constituía-se em um álibi que assegurava fidedignidade às notícias que chegavam ao público por intermédio da imprensa capaz e atenta. Buscavam o sensacionalismo, trazendo à baila o pitoresco, seja na apreensão dos conflitos ou no tido como *barbaresco*. O *barbaresco*, na visão dos articulistas, remetia a uma forma particular de expressão ou de vivência não condizentes com os valores conceituados para a sociedade local. Dos costumes estrangeiros emanava um certo ranço procedente de um meio ainda arcaico ou dos comportamentos típicos das sociedades rurais menos polidas em seus costumes. Dessa maneira, na hospedaria da imigração, local freqüentemente qualificado como ponto de promiscuidade e desatenção das autoridades, ocorria um baile, ou melhor, uma pândega, onde as “*polacas-bellas quadrilhavam*” com os enviados. As imigrantes promoviam a animação da festa. Essa representação foi constantemente evocada, principalmente para as mulheres polacas. Elas reinavam no espaço da alegria e da

¹⁸ CHRONICA de três dias. *A Federação*. Curitiba: [s. n.], n. 4, p. 2, 17 fev. 1892.

folia ruidosa como contraponto à harmonia pacata e sublime pensada para o feminino na modernidade. Imagens vividas ou representações construídas?

No recorte jornalístico, uma sutil ambigüidade, pois, enquanto se denunciava com pretensiosa malícia os gestos e atitudes das imigrantes, simultaneamente desfrutava-se com regozijo dessas mesmas situações. Mulheres interessantes somavam em seus gestos, gostos e colóquios matrizes múltiplas e polêmicas. Expunham suas emoções sem ostentação; eram animadas e talvez simples em seus sentimentos; pesavam para o lado das festas.

O olhar sobre a beleza da imigrante foi também um viés que se construiu para se definir a mulher polonesa. Sobre ela, Theodoro RODRIGUES escrevia no *Diário da Tarde*, em 1903:

FILHAS DE SLAVOS

É séria, e grave, com aloiradas
paragua negro e mão pequena e fina,
vaga o pallor das neves condensadas
da carne em flor onde a volúpia trina

Filha de eslavos, filhas das geladas
terras do sinuso e glacial Diuna
tem nas faces papoulas amassadas
lascas de opala à boca pupurina
No olhar a morbidez langue de insomnia,
O intenso azul da águas do Livona
largo, soberbo, indômito, agitado

...É séria, e grave a bela forasteira
segue de Odessa pela terra inteira
a trajetória rubra do Pecado.¹⁹

Posteriormente, outro poema enaltecia os atributos físicos da mulher polonesa. Numa seleção de textos e retrospectivas sobre a Polônia, o poeta e jornalista curitibano Alfredo COELHO escrevia:

¹⁹ RODRIGUES, Theodoro. Filhas de slavos. *Diário da Tarde*. Curitiba: E. Correias, n. 1438, p. 2, 20 nov. 1903

Nívea

De eburneas fôrmas - radiações de estrella,
Contornos leves e feições serenas,
É muito lira e tem as mãos pequenas
A minha suave e lyrial Graziela

Lá da Polônia - terras longes, Ella
Veio a estes climas augmentar-se as penas...
loiras formosas e ideaes morenas,
De olhos ardentes tem ciúmes d'Ella

Ha lactescencias de luar e neve,
Fulgências de astro em suas carnes quentes
Novas, de opalas, virginaes macias...

Graziella é a Dama de cintura breve,
Fôrmas eburneas e resplandescentes,
Que ora começa a escurecer meus dias...²⁰

Possivelmente, a presença das mulheres de terras distantes, provenientes dos climas frios, pele branca, faces rosadas, contornos sensuais acentuava ou despertava o romantismo do poeta remetendo a sensações íntimas: amor, desejo e paixões. Ela invadia o sonho e alimentava a alma. Imagens fugidias que inspiravam o pecado. Nessa perspectiva, a imagem da polonesa ultrapassava o trivial, o lugar comum ou vulgar e se instalava na plataforma de musa inspiradora de sentimentos nobres, ardentes e sublimes. Ganhava novos contornos: mãos pequenas, formas corporais perfeitas, cintura bem definida e olhar ardente. Desenho perfeito que se sobrepunha à lucidez e à razão. Ela era soberana no despertar de sentimentos frente aos quais o homem se curvava e se enlaçava. Imagens provisórias, descompassadas, esboçadas aqui ou ali, fazendo-se presentes com autoridade e respeito, lançavam suas amarras em sentimentos profundos. Elas fulguravam no momento de perigo, circundadas por outras tantas miragens.

Em relação às imagens criadas sobre a mulher polonesa há que se ter presente a diversidade de sua procedência. A maioria das famílias, principalmente

²⁰ COELHO, Alfredo. Nívea. In: FREDENCIS. Polônia na literatura brasileira. Uma Antologia. Curitiba: Plácido e Silva. 1927, p. 204.

as dos primeiros tempos, eram provenientes do campo; outras, mais tarde, teriam vindo do meio urbano. Não se pode precisar com absoluta certeza, quem seriam as “*slavas*” que despertavam sentimentos romanceados. As filhas dos colonos, que se empregavam como criadas de servir ou como operárias nas fábricas, eram jovens e saudáveis. Nas fotografias das fichas de Registro dos Empregados da Fábrica Fiat Lux foi possível observar que algumas ostentavam particularidades tais como rendinhas nos vestidos, grampos ou fivelas nos cabelos. Algumas exibiam os cabelos alinhados; outras aparentavam terem sido surpreendidas de improviso, de modo que seus cabelos apresentavam-se levemente alvoroçados. Umas eram loiras, outras eram castanhas. Poucas ostentavam um discreto sorriso.

A Revista Paraná Moderno foi buscar também no interior da comunidade um comentário sobre as moças das colônias: “*As minhas filhas polacas são saborosas — sie schmecken — dizia-me o honrado cura d’essas paróquias — e os brasileiros veem buscá-las.*”²¹

Houve, sem dúvida, uma redundância maior, uma grande insistência dos meios de comunicação da época, em trazer à baila imagens distorcidas e impolidas das imigrantes estrangeiras. Estas provinham da sua função como criada de servir. Associando-se ao lado lúdico e prazeroso, o transitar da polaca-criada, por vezes entrosando-se aos costumes brasileiros, era freqüentemente saudado de forma singular: “*O seu espírito folgazão e alegre não se coadunava com a vida quieta da colônia, no amanho da terra, nos plantios da lavoura. Ella precisava do centro barulhento da city, do movimento civilizador da urb. Isso exigia o seu temperamento.*”²² Na maioria das vezes, porém, os jornais chamavam a atenção

²¹ A COLONIZAÇÃO no Paraná. Paraná Moderno. Curitiba: Jayme Reis; Romário Martins, n. 1, p. 2, 11 dez. 1910.

²² UMA criada. A Rolha. Curitiba, n. 7, 21 maio 1908.

dos leitores para as situações nas quais a criada comprometia a harmonia familiar. Essas ocorriam por ocasião dos bailes, festas populares ou quando era maliciosamente observada pelo seu patrão. Ela era assim evidenciada postergando a suposta ordem estabelecida para os hábitos e costumes citadinos:

Para as casas de famílias elas [as criadas] são as dificuldades, as causas dos arrufos, as geradoras das intrigas; mas para as ruas, para as festas!...Ah!... para as ruas são a vida, a alma, a grande alma das festas populares! O Carnaval?! ... Oh! O Carnaval sem as polacas é como a vida sem alma. Enquanto as donas de casa se amofinam no serviço, se queimam no fogão, no tríduo do Momo, as polacas, nas ruas, nas praças, nos bailes públicos, tributando o deus da troça, batem firmes, o grande record da folia.²³

A polonesa, na função de criada de servir, foi uma imagem evocada por diferentes autores. Literatos, jornalistas e sociólogos apresentaram suas considerações sobre a criada polaca em Curitiba. No texto escolhido, destacam-se os atributos mais constantes colados à função de criadas de servir — *causas de arrufos e geradoras de intrigas* — entre as famílias. Verificou-se que, também em Curitiba, à semelhança do que ocorria em outros lugares — na Europa durante os séculos XVIII e XIX, ou mesmo em outras cidades do Brasil —, a criada de servir fazia parte de um universo particular à margem da ordem estabelecida. Incluía-se no espaço da transgressão dos valores ordenados para a vivência feminina. Se bonita e bem-feita de corpo, pior para as patroas e melhor para os patrões.

Na Europa, durante o século XVIII, as criadas eram muitas e realizavam todo tipo de serviço. Os gestos, as falas e um modo próprio de se vestir caracterizavam o comportamento das criadas de servir. Suas primeiras incursões do campo à cidade se fizeram na companhia dos pais ou dos irmãos. Elas em seguida lá permaneciam com intuito de *se alugar* para os serviços domésticos. O uso dessa expressão para conceituar o emprego de jovens no trabalho como camareira, lavadeira, cozinheira ou ainda dama de companhia foi muito comum tanto nas

²³ ESPOSA de Árvores. Almanach do Paraná. Curitiba: Typ. da Livraria Economica, v. 14, p. 181-186, 1913.

idades da Europa como em Curitiba: “*Maria ou melhor Mariazinha, como mais a conhecem, era um typo perfeito de criada sapeca. Abotoando as suas 16 travessas primaveras deixou a casa de seus paes, dois robustos colonos polacos moradores em Abranches, e veio se alugar aqui na cidade.*”²⁴ Ou ainda: “*Na segunda-feira Mariazinha se alugou. Por indicação de Martha ella fora a uma casa onde necessitavam uma criada e se ajustou logo.*”²⁵

No vestuário, um asseio rigoroso era observado como regra básica para ser bem-sucedida na aceitação das famílias aristocráticas européias. De maneira geral, um vestido bem limpo (mesmo cerzido), um colarinho e um avental engomado (mesmo velho), meias sem buracos e sapatos bem engraxados eram atributos que contavam no mundo do serviço doméstico. A educação valorizava as virtudes da limpeza, a apresentação pessoal, o respeito e a honestidade. Para isso, as jovens de famílias pobres ou camponesas passavam pelas escolas assistenciais de caridade que as preparavam nas funções femininas e nos procedimentos comportamentais.²⁶ Contava, ainda, ser firme no caráter, saber impor-se aos possíveis assédios de seus outros colegas criados ou mesmo de seus próprios patrões. Seu futuro dependia muito de sua sorte e de seus procedimentos, enveredando por uma vida onde tudo era possível. “*Uma gravidez inesperada obrigava-as a ocultarem o filho ou iniciar uma vida torturante e miserável pois eram logo despedidas.*”²⁷

²⁴ UMA Criada. A Rolha. Curitiba, v. 1, n. 7, 21 maio 1908.

²⁵ *ibid.*

²⁶ Também em Curitiba, a educação de jovens para a perfeita execução dos trabalhos manuais, administração e o controle do bom andamento doméstico foi preocupação de escolas mantidas pela igreja ou ordens religiosas. Entre a comunidade polonesa, salienta-se o Instituto São José, cuja participação na vida comunitária já foi anteriormente evidenciada.

²⁷ Olwen Hufton em “Mulheres, trabalho e família” analisa toda essa questão expondo a trajetória da mulher no século XVIII, desde a sua inserção nas famílias aldeãs até o seu deslocamento e preparação para o trabalho como criada de servir nas quintas, aldeias mais próximas de famílias mais abastadas ou mesmo nas cidades (In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges. História das Mulheres. Do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Afrontamento, 1991, p. 23-69).

No Brasil, a função de criada de servir foi, durante o período colonial e mesmo no Império, ocupada por escravas negras. Também elas compunham o espaço da transgressão moral em oposição ao mundo virtuoso das brancas. Frequentemente serviram de concubinas entregando-se ou sujeitando-se aos caprichos e prazeres sexuais de seus patrões. Expostas aos maus-tratos das brancas ciumentas e invejosas, as negras, mulatas ou pardas ostentavam sua beleza rude e selvagem. Do cafuné dos sinhozinhos aos prazeres carnavais, a escrava negra bem-dotada de corpo conjugava-se ao universo do profano.

Em Curitiba, a criada polaca ocupou as funções que, segundo as concepções de trabalho da época, eram habitualmente desempenhadas pelos escravos. Além da realização do trabalhos domésticos de maneira geral, fazer compras, carregar embrulhos, buscar água nos chafarizes eram suas principais ocupações. Povoavam habitualmente os espaços públicos, as ruas e ruelas, os becos e as praças. À sombra dos chafarizes apinhados de gente pobre, já tinham sua fama posta independente de seus procedimentos. Por vezes, fez-se uma fusão da criada negra com a criada polaca. Assim, Anastácia foi uma figura peculiar para designar a criadinha polaca nos trabalhos domésticos ou nas andanças pelas ruas de Curitiba. Como criada-polaca, Anastácia transitava no centro da cidade, trazia em cena os conflitos e buscava sua sobrevivência. Personagem comum nos jornais, revistas e nas charges da época, ela foi a criada malandra, sapeca ou desventurada: *“Anastácia é a criadinha mais bonita que pisa o solo curitibano. Bonita e faceira a valer, razão porque não para numa casa nem quinze dias. Ella podia muito bem ter*

montado a sua casinha, mas não quer, o seo fraco é fazer dannar as patrôas virando a cabeça dos patrões.”²⁸ Ou ainda:

Anastácia Neroi, de origem polaca, é criada de servir à rua Comendador Araújo, onde ontem pela manhã foi vista a se debulhar em amargo pranto (...) Entre ela e os patrões houve um ‘desaguizado’, recebendo Anastácia alguns tabefes e ficando com a blusa rasgada. Assim escovada saiu ela para a rua a chorar e ainda muito sentida e triste nos procurou hoje, em companhia de uma sua amiga, bem falante e bonita, que foi a intérprete da queixa que aqui fica e que vai com vista a quem de direito para apurar o caso.²⁹

A polaca foi também a criada vistosa e vaidosa a percorrer as casas curitibanas em busca de trabalho para alugar-se:

- Precisam de cozinheira? diz voz suave e bem audível, uma bela e elegante moça polaca, (...) cabelos bem adornados. A dona da casa, inteirada, aborrecida do pouco aseado e muito penoso serviço culinário, sai apressada, deixa a mesa e vai tratar a cozinheira. - Você cozinha bem?

- Cozinho sim senhora.(...)

- Pois bem, vá buscar a roupa e venha fazer o jantar...Olhe ... eu lhe espero.³⁰

Bonitas, sensuais ou interessantes, despertavam sentimentos velados e emoções escondidas, comprometendo a harmonia do lar. Eram presença marcante nas ruas e nas festas populares. Autênticas em seus procedimentos eram folionas e animadas. Em suas incursões na nova terra, emanavam ora o jeito do campo, ora os costumes da cidade. Possivelmente, ainda que a acolhida à nova terra não tenha sido a das melhores, Curitiba acenava com otimismo para as famílias polonesas. Depois de tantos anos de opressão — o polonês, acostumado com governos fortes e atuantes, estava condicionado a ser mandado e dirigido pelos representantes dos governos ocupantes — passaram a desfrutar da liberdade. Reuniam-se em associações; realizavam festas a fim de conseguir donativos para libertar a Polônia; viviam plenamente sua religião; possuíam terras e incentivos do governo. Certamente, estas questões pesaram positivamente e interferiram nos procedimentos das criadas:

²⁸ UMA façanha de Anastácia. O Olho da Rua. Curitiba: Typ. Paranaense, v. 1, n. 31, 27 jun. 1908.

²⁹ QUEIXA - creada de servir. Diário da Tarde. Curitiba: E. Correia, n. 2402, 04 jan. 1907.

³⁰ ESPOSA de árvores. Almanach do Paraná. Curitiba: Typ. da Livraria Economica, v. 14, p. 181-186, 1913.

Mariazinha saltou lépida, aspirando satisfeita este ar pesado da cidade, radiante deste lufa-lufa de carros rodando nos paralelepípedos. Esteve alguns instantes com os seus paes e depois se despedio, sobraçando seu modesto guarda-roupa, pra ir procurar aluguel. Deu algumas voltas pela cidade, mas sem se offerecer em casa alguma, admirando apenas as vitrines, os bondes, as praça, tudo enfim. Depois foi visitar Martha, onde deixou a sua roupa. Foi um alegrão. Abraçaram-se, beijaram-se, saudosas!...³¹

De maneira geral, os jornais firmavam o olhar sobre a mulher polonesa atribuindo-lhe um atavismo próprio do campo ou das terras distantes. Suas atitudes e seus comportamentos provinham das margens dos modelos pensados para o viver feminino da época. No centro, num ritmo compassado entre afazeres e obrigações, estavam as donas de casa ocupadas com as funções domésticas, sempre nervosas e preocupadas em dar conta da casa, dos filhos e do marido. No centro estavam os procedimentos apurados, os gestos discretos e as atitudes polidas. A mulher exemplar, habitante da cidade, pouco saía às ruas. Quando o fazia, era para atividades determinadas: compras rápidas, visitas a doentes, trabalhos ou chás beneficentes. Ficar à toa nas ruas, nas praças ou nos bailes públicos era dar o “que falar”. A criada, porém, fazia parte da rua. Nela ela trabalhava, divertia-se, encontrava-se com as amigas para trocar opiniões sobre a realidade na nova terra.

Um jeito de viver à parte da estrutura social urbana, revelado nos gestos próprios, no uso de objetos singulares e adereços, nos cheiros e nas falas, caracterizava o mundo das criadas. Segundo os articulistas, as polacas-criadas faziam um tipo esbelto, sadio, forte, musculoso de faces coradas. E ainda ostentavam gestos próprios: “*São faceiras, requebradas, rescendendo a pó de arroz e água de colonia.*”³² Para alguns, a criada de servir foi perfeitamente entrosada à vulgaridade, beirando a marginalidade. Nas revistas da época, *A Rolha* ou *O Olho da Rua*, a polaca fazia um tipo atraente, tentador, cortejada por um público atento: “*Quando á noite ella sahia á rua para comprar biscoitos ou outra coisa qualquer o bando de coiós não a deixava. Mas tinha rasão, porque Mariazinha era uma teteia: toda perfumada, empoada, de chinellinhas na ponta dos pés, muito corada e sadia, tentava mesmo!...*”³³ Para outros, emanava sensualidade e paixões ardentes,

³¹ UMA criada. *A Rolha*. Curitiba, v. 1, n. 8, p. 7, 21 maio 1908.

³² ESPOSA de árvores. *Almanach do Paraná*. Curitiba: Typ. da Livraria Economica, v. 14, p. 181-186, 1913.

³³ A ROLHA. *Uma criada*. Curitiba, n. 7, n. p., 21 maio 1908.

provocando sentimentos nobres. Vespasiano TOURINHO pensou a mulher branca estrangeira através da poesia, enaltecendo seu trabalho. Beleza, trabalho e fadiga foram observados na mulher lavadeira:

A LAVADEIRA

À beira da corrente
Suave e cristalina
Lava roupa a Isolina
Formosa lavadeira,
Debaixo da mangueira
E á luz do sol nascente

As notas que ella entorna
Na faina do trabalho
São mais vivas que o malho
Batendo na bigorna
E os sons que produz
A sua rosea boca!?
Quando ella bate a roupa
Sempre alegre e travessa,
Lençinho na cabeça,
Pernas e braços nus...
Gorgeia umas cantigas
Tão doces de Além - mar,
Que nos faz recordar
As loiras raparigas
Dos tempos de Jesus.

Da sua vida em prol,
Vej-a sempre lutando,
E sempre gorgoiando
Qual lêda cotovia,
Desde que aponta o dia,
Té descamba o sol.

.....
...E desde essa hora então,
Eu vivo meditando
Na jovem lavadeira
Tão pobre e tão contente,
Que leva a vida inteira
Sozinha trabalhando,
A'margem da corrente.

No cômputo geral, a criada tinha para si certos atributos desqualificáveis do viver citadino, os quais se conjugavam com outras variáveis. Era forte em suas decisões, pois quando se alugava como criada para o trabalho doméstico, dependendo do tratamento recebido, abandonava a família procurando casas de melhores condições, ou voltava para a roça. Sua inconstância ou insubmissão eram

motivos de queixas das patroas e dos patrões.³⁴ A falta ou o abandono da criada ao trabalho provocavam conflitos:

Choro de crianças, fumaça de fogão, roupas da mulher por cima das camas e das cadeiras, um atropelo geral, uma desordem dos diabos. Só às seis horas fica pronto o jantar. O marido já de mau humor. A mulher azeda, indignada com a peça. Palavras contra palavras, discussão...briga. A culpada foi a polaca. A polaca sempre perversa, sempre falsa nos compromissos, é contínuo martírio, a séria preocupação das donas de casa curitibanas. O serviço de 'menagère' é quase que exclusivamente, feito em Curitiba pelas escravas descendentes dos filhos da malsinada nação polonesa. O pessoal é constantemente substituído. Raríssimo é permanecer uma polaca mais de dois meses numa casa.³⁵

As freqüentes saídas do trabalho, as faltas por motivos diversos, as constantes mudanças entre as famílias citadinas teriam contribuído para um conceito depreciativo do ponto de vista dos patrões: "*Nesta altura preciso explicar que eu estava furioso com a polaca, que se mettera dois dias de pagode nem sei onde, deixando minha esposa em apuros, justamente quando a casa estava cheia de hóspedes.*"³⁶

Associados à tríade — polacas, criadas e festas — evidenciaram-se os conhecidos *sumpfs* que chegaram a ser proibidos pelas autoridades. Nos animados bailes, segundo Wilson MARTINS, "*eram as criadas estrangeiras [polacas] que em companhia de libertos, escravos, menores e filhos— família, tomavam parte nos famosos sumpfs, bailes quase sempre originadores de desordens e conflitos contra os quais o chefe de polícia (...) fazia tremenda carga num relatório apresentado*".³⁷

³⁴ - Como você se chama?

- Maria.

- Quantos anos você tem?

- Dezoito.

- Quer se alugar?

- Quero sim senhora. por este ano só. por que para o outro vou me casar.

Quase todas as polacas têm sempre à flor dos lábios estas mesmas respostas; quase todas se chamam Maria, têm dezoito anos e vão se casar para o ano. In: ESPOSAS das arvores. Almanach do Paraná. Curitiba: Typ. da Livraria Economica, v. 14, [s. n.], p. 181-186, 1913.

³⁵ *ibid.*

³⁶ CREADA Matriculada. O Olho da Rua. Curitiba: Typ. Imp. Paranaense, n. 5, 22 julho 1911.

³⁷ MARTINS, Wilson. Um Brasil Diferente. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989, p. 145.

Também nos almanaques e historietas anedóticas, lá estavam as polacas nos bailes a despertar paixões nos moçoilos da cidade. Em *Troças e Traços*, sob o título O Zumpfs, a criadinha “*Anastácia rodopiando [no baile] numa walsa lubrica e feroz. De repente, um estrondo, uma balbúdia e vozes espavoridas:— A polícia, a polícia! (...). Lembrou-se de reagir como nos bellos tempos, mas também se lembrou logo de que era casado.*”³⁸

Também em Curitiba, a criada comprometia a harmonia familiar, apesar de ser o homem casado o aventureiro evidente na busca de fortes emoções. Com ironia, as fontes revelavam discretamente uma visão aborrecida e limitada da vida conjugal. Uma rotina perfeita, com papéis bem definidos e emoções enquadrilhadas.

Os animados bailes ou os batuques de negros foram, durante muito tempo, as únicas possibilidades de divertimento da maioria da população pobre. Durante o Brasil Império eram pontos de arruaças e conflitos, onde as pessoas se entregavam a gestos e atitudes não condizentes com os padrões de moralidade exigidos:

Bailes ou Sumpfs: Há nesta capital diversas casas de estrangeiros onde se efetuam, ao domingos e dias santos, bailes vulgarmente denominados ‘Sumpfs’.

Estes divertimentos, com raras exceções, são frequentados, por criadas estrangeiras, libertos, escravos, menores e filhos famílias que muitas vezes deixam se corromper pelos funestos exemplos que ali observam.

Seria conveniente que a câmara municipal criasse qualquer imposição que dificultasse tais ajuntamento, em vista da tolerância até hoje havida, nada quiz providenciar no sentido de proibir esses divertimentos, e unicamente limitei sua duração até meia noite, em que a polícia poderá exercer a necessária fiscalização por meio das patrulhas, e por ser dessa hora em diante que a desordem ali se manifesta pelo excesso de bebidas alcoolicas.³⁹

Para as polonesas, porém, os bailes eram um divertimento muito comum e vivenciado à sua maneira em todas as festividades da vida campesina. Integravam

³⁸ HELIO E HERONIO. *Troças e traços*. Curitiba: Films Coritibanos, 1909, p. 64-65.

³⁹ BAILES ou sumpfs. *Dezenove de Dezembro*. Curitiba: Viuva Lopes, v. 27, n. 2029, p. 1-2, 6 mar. 1880.

o programa de praticamente todas as festas; selavam com chave de ouro um mutirão de colheita de trigo ou outro trabalho coletivo qualquer. A respeito da frequência dos bailes na vida dos imigrantes, Dona Sophia SGODA afirma: “*Não havia grandes opções de divertimento.*”⁴⁰ Os bailes eram esperados e programados com grande expectativa, pois, assim, rompia-se a rotina da faina e então podia-se beber, dançar, cantar, brincar e até mesmo sair do sério. Um casamento sem baile, não era uma festa. Vez por outra, uma cena de valentia interrompia o bailado:

C. K. era noiva de B. S., ambos moradores na colônia Santa Cândida. Mas, por artes do demonio o casamento não se realizou e ela transformando o seu amor em ódio, nem a sombra do seu amor desejava ver. Ora uma noite destas. B. S. dansava alegremente em um baile com uma jovem colona quando C. entrou na sala.(...) A mulherzinha atirou-se ousadamente num acesso de ciúme contra o seu ex-namorado, no qual vibrou uma bofetada em plena face. Foi um escândalo, uma gritaria enorme.⁴¹

Conflitos? Brigas de amor? Casualidade? Talvez apenas cenas do cotidiano, em que as emoções afluíam e os sentimentos eram mais fortes do que a obediência às normas reguladoras. Para os atentos observadores, soava como um escândalo provocado pela ousadia da jovem..

Na cidade, possivelmente, a criada procurasse também nos bailes uma forma de divertimento. Contornando essa perspectiva, o artigo da revista *A Rolha* apresentava uma alternativa. Ao deixar o campo e migrar para a cidade, a jovem polonesa recebia sérias recomendações do pároco e dos pais: “*Tome cuidado, minha filha, a cidade é um perigo para as mocinhas das colonias...(.) Procure uma boa família para se alugar, onde não haja moços, que os moços são uns diabos... Não vá bailes, que essas festas [na cidade] são muito ruins...*”⁴²

⁴⁰ SGODA, Sophia. *Entrevista*. Curitiba, 14 nov. 1995.

⁴¹ CIÚMES ... na Colônia Santa Cândida. *Diário da Tarde*. Curitiba: E. Correia, n. 1310, p. 2, 23 jun. 1903.

⁴² UMA criada. *A Rolha*. Curitiba, n. 7, n. p., 21 maio 1908.

Entretanto, na cidade, as vitrines, as praças, as novidades provocavam o encantamento e, ao que tudo indica, um certo fascínio instalava-se.

Por vezes, o convívio com as famílias citadinas interferia em seus procedimentos e as criadas-polacas em Curitiba iam perdendo o costume do campo e se entrosavam perfeitamente aos costumes da cidade:

Deixam em meninas, as colonias - estabelecimentos rurais, celeiros inesgotáveis de Curitiba - e com pouco tempo de convivência nas casas de famílias, modificam-se inteiramente. Abandonam vestes rudes de campezinas, espartilham-se logo, calçam-se de pelica, penteam-se de peruca, adornam os cabelos, quase geralmente côr de messes maduras, com pentes marchetados de pedrarias falsas, empoam-se, perfumam-se, e são novas borboletas no cenário do 'flirt' inferior, livre, snobico.⁴³

De vários ângulos pôde-se observar o entrosamento das imigrantes ao modo de viver na cidade. Possivelmente, de acordo com seu rendimento, compravam adereços mais acessíveis no preço e de cores alegres. De posse das novidades, passavam a exibi-las em suas caminhadas no perímetro urbano. Para alguns, as atitudes casavam com o *"flirt inferior, livre, snobico"*. Para outros, já havia entre elas o desejo de aproximação aos costumes nacionais.

Dessa maneira, o transitar da polaquinha pelas ruas e casas de famílias curitibanas foi, durante muito tempo, observado, instigando múltiplas inspirações. Quando surpreendida no seu atavismo rural, era sempre a polaca rebelde, arruaceira, faceira e fogosa: *"Não houve baile durante muito tempo em que ella não estivesse e marca que o seu braço não fosse disputado pela matilha de seus adoradores , muitas vezes com prejuízo de algum nariz arrebentado."*⁴⁴

Além dos atributos já evidenciados, outros ainda lhes foram reservados diversamente dos delicados e sublimes sentimentos femininos. Como criada de servir era também corajosa, respondendo com firmeza às ofensivas que lhe eram

⁴³ ESPOSA de Árvores. Almanach do Paraná. Curitiba: Typ. da Livraria Economica, v. 14, p. 181-186, 1913.

⁴⁴ UMA Criada. A Rolha. Curitiba, n. 7, n. p., 21 maio 1908.

dirigidas. Mulher forte, reagia com energia inquebrantável aos freqüentes assédios no vaivém aos chafarizes, a caminho do trabalho ou durante as compras:

Martha Alichta, adorável creadita polaca que passa por essas ruas à irradiar o encanto do seu belo perfil de européia de olhos azuis e cabelos loiros ao passar ontem à noite pela rua Pedro Ivo foi perseguida por um rapazote que mostrando toda a sua habilidade de d.Juan precoce, dirigiu-lhe certas graçolas. Martha, porém, que jata-se de não ser “dessas”, serviu-se em defesa, primeiro de língua, valente gládio com o qual vibrou profundos golpes na moral, (...). Recebeu [o moço] um golpe seco de tranca, violenta pancada...⁴⁵

Em curto discurso retornavam as singularidades e associadas a elas a rapidez nos gestos em defesa própria e a posse de um bom repertório de palavras certas para a ocasião. Ela não se escondia na submissão pacata e concorde de uma situação, mas revidava em sua defesa. Nessa perspectiva, outras evidências foram sendo delineadas. Assumiam o tom do pitoresco, aproximando-se do anedótico, mas deixavam transparecer nas entrelinhas a ousadia do saber impor-se no domínio de uma situação. Em Troças e Traços, a valentia da criada polaca foi reforçada em mais de uma situação. Próxima ao chafariz, ao ser interpelada por um atrevido soldado: “*Boa Noite, lindeza*”, a jovem respondeu com energia: — “*Que sordado (sic) malcreado...*” Em seguida, o soldado fazia nova investida diante de outra polaca que também transportava água nos baldes ruidosos: “*Como é bela!*” Novamente, a mulher devolve-lhe o assédio: — “*Seu atrevido, não se enxerga soldado relaxado?*” Ainda não se dando por vencido, o soldado tentou uma terceira investida diante de uma “*robusta slava com dois formidáveis baldes cheios de água*”.⁴⁶ Diante da proposta de ajuda para carregar sua carga, o soldado foi logo recebendo um banho de água fria.

Situações de galanteio, aparentemente comuns, enfrentadas pela maioria das mocinhas em suas primeiras incursões pelo espaço público, com as polonesas

⁴⁵ DIVERSAS- Bem Feito. A República, n. 92, Curitiba: Leoncio Correia, p. 2, 25 abr. 1903.

⁴⁶ HELIO E HERÔNIO. p. 41- 46.

ganhavam acentuadas referências, enaltecendo-se seus procedimentos. Sustentar as artimanhas provenientes de diferentes protagonistas que circulavam nos espaços públicos exigia pulso forte e frieza para domínio da situação. Talvez por esse motivo, para as moças e mulheres das famílias conceituadas, sair às ruas era sempre um atentado à moral. A mulher casada jamais se expunha a esse ritual. Quando por necessidade se aventurava em suas rápidas saídas às ruas, costumava ter sempre consigo uma criada para carregar-lhe as compras. Também escolhia os lugares condizentes com sua categoria. Na cidade, os espaços eram definidos de acordo com as suas funções. Lugares distintos marcavam o centro urbano nas últimas décadas do século XIX. Em Curitiba, entre muitos havia o Passeio Público, a Praça do Mercado, a Praça do chafariz, a Rua da Imperatriz, a Rua Fechada e o Largo da Ordem, onde se concentravam as colonas.⁴⁷ Neste último, existiam as lojas especializadas em artigos destinados aos colonos, freqüentado particularmente aos sábados, quando as carroceiras vinham realizar suas compras.

Através dos jornais, revistas e folhetins, tem-se uma primeira idéia nada inocente, construída sobre a polaca-criada em Curitiba. Ela circulava nas ruas, praças e imediações dos chafarizes. Ora puxando água, trocando dois dedos de prosa, rodopiando faceira nos bailes públicos da cidade, ou ainda provocando arrufos nas famílias instituídas. Trabalhando, despertando sentimentos ou desfazendo a ordem instituída, a criada-polaca foi presença marcante e reconhecidamente parte integrante de um tempo peculiar da vida curitibana. Para além da pretensão de se conhecer *sua real* incorporação à sociedade local,

⁴⁷ A partir da segunda metade do século XIX, uma série de construções arquitetônicas e criação de novos ambientes foram inaugurados em Curitiba: o Passeio Público, data de 1886; o Teatro São Teodoro, de 1884; a Catedral em 1893; a Cadeia Pública em 1898; a Estação Ferroviária em 1886; o Hospital de Caridade em 1880; o Quartel do Regimento de Segurança em 1898; o Matadouro Público em 1899; o Palácio do Congresso, o Palácio do Governo, os asilos dos Orfãos e dos Alienados entre outros (In: PARANÁ, Sebastião. Chorografia do Paraná. Curitiba: Typ. da Livraria Economica, 1899, p. 555-556)

evidenciam-se apenas lampejos de possibilidades do que poderia ter sido o seu transitar nas casas e nas ruas de Curitiba. Associados a essa possibilidade, há que se ter presentes os propósitos dos meios de comunicação altamente comprometidos com as autoridades administrativas, os quais faziam uso dos instrumentos necessários para impor a visão de mundo mais adequada para evitar desordens e eliminar os fatores abusivos ou destoantes: uma visão de mundo harmoniosa que descartava conflitos e condenava os possíveis desordeiros.

Estudiosos conceituados registraram seus posicionamentos em relação à criada polaca em Curitiba. Sebastião PARANÁ, educador e membro da Academia Paranaense de Letras, em *Chorografia do Paraná* (1899), talvez tenha sido o primeiro a puxar o eixo, ao evidenciar: *“Suas filhas dedicam-se a serviços domésticos, alugando-se como criadas nas casas de famílias, onde perdem em pouco tempo os hábitos próprios de sua educação rudimentar. São caprichosas e votam muita afeição aos nacionaes, com os quaes se esforçam por se unir pelos vínculos do casamento.”*⁴⁸ Nestor VICTOR, escritor e crítico literário, membro da Academia Paranaense de Letras, em sua obra consagrada⁴⁹, salienta várias considerações sobre a criada polaca em diferentes momentos. Faz como que uma trajetória, desde a sua chegada, quando ainda conserva muito de suas características européias, seja na cor da pele e dos olhos ou mesmo na aura nostálgica da situação de habitante do campo, revelando hábitos particulares, cheirando a feno, hortaliças e cavalos. Insere-a depois no contexto citadino em busca de trabalho para juntar recursos para fazer o enxoval, empregando-se, para tal, na função de criada de

⁴⁸ PARANÁ, Sebastião. *Chorografia do Paraná*. Curitiba: Typ. da Livraria Economica, 1899, p. 372-373 (Em relação a esta obra, torna-se interessante considerar que frequentemente foi excluído o segundo momento de sua afirmativa, ficando apenas a vocação das polacas para os serviços domésticos).

⁴⁹ VICTOR, Nestor. *Terra do Futuro*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio. 1913.

servir. Acentua sua preferência pela companhia dos soldados negros: *“É um dos phenomenos mais curioso sob tal aspecto era ver-se a combinação, a boa aliança voluntária, aprazível, que faziam com os nossos soldados, tantos delles negros retintos, as louras e jovens polacas que vinham para a cidade ganhar dinheiro bastante para o seu enxoval e deixavam o noivo a trabalhar na colonia.”*⁵⁰

Finalmente, constata a falta das polacas na antiga função de criada e atribui a essa escassez o surgimento das primeiras fábricas, onde passaram a trabalhar como operárias. Wilson MARTINS, crítico literário, ensaísta, em estudo sobre a imigração no Paraná, retoma Sebastião Paraná para constatar a presença das polacas como criada de servir e reforça a questão da preferência habitual das imigrantes por esse serviço. Otávio IANNI, em estudo sobre raças e classes sociais, preocupa-se em fazer um recorte sociológico, buscando compreender as razões, ou melhor, confirmar a existência de estereótipos circundando a etnia polonesa em Curitiba. Sua reflexão ressalta a ocupação da polaca como criada de servir e, como base para suas considerações, retoma os estudiosos citados, trabalha com entrevistas à comunidade curitibana, nas quais ficou evidente a presença de preconceitos em relação à etnia em questão. Sugere a importância de se realizarem estudos posteriores sobre as camadas excluídas. Segundo IANNI, *“Somente os poloneses marginais permitirão a apreensão da verdadeira extensão e complexidade do processo de integração do imigrante, já que nos fornecem as dimensões tensas dele.”*⁵¹

Outros desdobramentos associados às colonas no seu transitar pela cidade foram freqüentemente apontados pela imprensa da época. Faziam parte dos conflitos

⁵⁰ *ibid.* p. 106.

⁵¹ IANNI, Octávio. Raças e Classes no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.166

e problemas cotidianos. O jeito de morar, de conviver com os vizinhos, as queixas prestadas à polícia, as desordens públicas de pequenas ou grandes proporções eram trazidas para o público através dos jornais. *“Os jornais definem papéis sociais e (...) o destinatário está presente o tempo todo, ora fornecendo os parâmetros dos discursos através da idealização que o emissor faz dele, ora com tipo padrão que o emissor quer formar.”*⁵² Além dos atributos pertinentes à função de criada, a polaca envolvia-se nas confusões de bate-bocas, de arruaças e mal-entendidos ocupando as atenções e as páginas dos jornais. Suas investidas ao centro urbano tornaram-se verdadeira aventura, considerando as diferentes armadilhas às quais esteve sujeita. Por vezes, os pequenos atrapalhos, comuns no cotidiano das sociedades, com elas ganharam marcas divisórias, fundaram visões e alicerçaram pressupostos qualificativos. Foram muitas as notícias sobre *diz-que-diz-que*, muitos deles terminando em *pegas* onde a polícia atuava com os *fechas* e os casos terminavam na delegacia. Não somente as polacas ou polonesas, mas todas as mulheres ou pessoas que de alguma forma divergiam do modelo padrão estipulado para a vivência urbana eram logo observadas.

Os jornais atuavam como veículos, trazendo à sociedade o que ocorria nos recintos oficiais da segurança pública ou nas cenas dos quarteirões que, de domínio da vizinhança, passavam ao conhecimento de um público letrado mais amplo: *“M.M. (...) é filha de J. M. com a qual não se quadra. Agora ultimamente a rixa entre mãe e filha aumentou consideravelmente.”*⁵³ Ou, em outro exemplo: *“A menor A.L. (...) apresentou queixa (...) contra seu pai M.G. que costuma espancar sua mãe.”*⁵⁴

⁵² PILAR, Maria do Pilar de Araújo Vieira et alli. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989, p. 54.

⁵³ QUE sera que ela quer da roupa da outra. *Diário da Tarde*. Curitiba, n. 5634, 21 fev. 1917.

⁵⁴ NAS ruas e na polícia- Marido algoz. *Diário da Tarde*. Curitiba, n. 5867, 04 nov. 1919.

No período marcado pelo nacionalismo político e pelo imperialismo econômico, os jornais desfrutavam de liberdade frente ao povo polonês, pois, segundo o pensamento da época, os poloneses não dispunham de um governo nacional constituído que pudesse lhes outorgar o direito de serem olhados com respeito. Outras etnias, em Curitiba, talvez tenham passado ao largo desse projeto classificatório, pois não somaram as condições apresentadas concretamente pelos poloneses.⁵⁵ No período conhecido como a febre brasileira (1890-1914), os poloneses podiam contar apenas com relativa ajuda administrativa, para superar suas desventuras. No mais das vezes procuravam resolver entre seus pares as questões mais angustiantes.⁵⁶

As reações dos imigrantes frente à acolhida do povo brasileiro fez-se em dupla direção. Vez por outra, manifestavam a gratidão ao governo brasileiro que os acolheu; em outras situações, denunciavam as dificuldades e a precariedade de condições. Apesar dos imensos desafios, por vezes intransponíveis, reconheciam que possuíam a terra e se tivessem saúde, podiam ser bem-sucedidos na nova investida. Trabalho era o que não faltava.

⁵⁵ Mariano Hessel, estudioso de assuntos poloneses, em diário pessoal sobre os primeiros tempos no Brasil, afirmou: “Era sobremaneira doloroso o tratamento dispensado aos nossos colonos. Chamavam -nos de ‘polaco burro’. As causas desse trato pejorativo residiam em várias razões. Os primeiros imigrantes compunham-se de elementos paupérrimos oriundos de aldeias; muitos viveram sob o regime senhorial. Embarcaram para o Brasil, pois a viagem não lhes custava nada. (...) Os plantadores de café viam no polonês recém-liberto da ‘escravidão senhorial’, na região ocupada pela Rússia, um excelente trabalhador. (...) Os abandonados que não tinham nenhuma condição vieram ao nosso país. Não é de estranhar que aqui eles foram explorados e tratados como escravos. Os consulados fizeram ouvidos moucos aos reclames do imigrante, uma vez que isto pouco importava aos países dominantes. Esses, entre outros, são os fatos responsáveis pela difusão da expressão: ‘polaco pobre’ (In: Anais da Comunidade Brasileiro - polonesa, Curitiba: Superintendência do centenário da imigração polonesa ao Paraná, v. 1, p. 95, 1970).

⁵⁶ Ainda seguindo as investigações de Otavio Ianni, Curitiba constituiu-se em um laboratório de convivências étnicas diversas e de difícil entrosamento. Havia um “nós alemão”, um “nós italiano” e um “nós polonês”. Cada nacionalidade prosseguia cultuando seus costumes e tradições. Os poloneses, a corrente imigratória mais numerosa, chegaram a inspirar até mesmo preocupações nacionalistas. No jornal, essa questão era evidenciada: “Existe um perigo polaco? (...) Colônias onde tem se estabelecido os imigrantes da antiga Polônia, acham-se (...) isoladas de toda e qualquer comunhão com os naturais do país, devido à sua situação. (...) E não há perigo em se aglomerar assim num determinado ponto do território colonização de nacionais de um só país?” (In: A IMMIGRAÇÃO polaca para o Paraná. Existe o perigo polaco. Diário da Tarde, Curitiba, n. 3947, p. 1, 26 out. 1911).

Os jornais, dentro da sua visão ordenativa, prestavam um serviço às autoridades, empenhadas na estruturação e organização dos costumes da *city*. Além de trazer em cena as desordens, já apregoavam os fundamentos detentores do caos, encontrando, nos procedimentos destoantes, as razões dos conflitos. Assim, o Diário da Tarde mantinha um certo ritmo trazendo ao público evidências tais como: “*A polaca Appolonia S. queixou-se ontem ao oficial de ronda da polícia dizendo que, morando com Josepha de tal, à rua Ignácio Lustosa nº46, tinha sido na própria a casa agredida por dois italianos armados de revolver e navalha. Os dois agressores, assim armados, penetraram na referida casa em perseguição de Appolonia, que para salvar-se viu-se obrigada a fugir.*”⁵⁷ A notícia prosseguia narrando o episódio, mas acentuava que as mulheres esconderam os agressores no momento em que o oficial de ronda chegou ao local para tomar as devidas providências. Percebe-se, assim, a pretensão de deixar evidente aos interlocutores a fragilidade de caráter das mulheres envolvidas.

Em outras situações, a ousadia da polonesa aproximou-se da inconveniência. Assim, durante a realização do casamento de T. e P., precisamente no momento em que o magistrado selava a ocorrência, surgia a polaca a argumentar que o noivo lhe devia casamento. Com sua intromissão na cerimônia, provocou um grande escândalo e criou-se um impasse para a situação. A noiva relutou em desistir do casamento; a polaca manteve-se firme na exigência e o noivo respondeu a processo jurídico. Para as autoridades da época, ao se interromper a cerimônia, o erro foi reconhecido em tempo de ser reparado.⁵⁸

⁵⁷ AGRESSÃO. Diário da Tarde. Curitiba, n. 2926, n. p. 15 out. 1908.

⁵⁸ UM escandalo. Diário da Tarde. Curitiba, n. 3701, p. 2, 09 jan. 1911.

Próximo à prostituição situavam-se os raptos de moças e adolescentes, seguindo-se de convites desconcertantes: “*V. V. de 15 anos empregada doméstica. Saíram várias vezes. Verônica narrou ao delegado, onde foi levada por sua mãe que uma noite foi levada por Plínio ao Hotel Central, tendo pernoitado com ele.*”⁵⁹

Ou ainda a queixa registrada pela idosa polonesa Maria D.: “*Em sua companhia, residia, há muitos anos, uma sua irmã de 25 anos de idade, surdo-muda, de nome Francisca, que estava sendo, ultimamente, cortejada por um sargento do exército, alto, corpulento e mulato. O sargento porém, não se contentou com o flirt e zás... raptou a infeliz mulher, levando-a desde sábado para uma casa da rua Cabral.*”⁶⁰

Um universo de desventuras e lamentações ou reparações tardias caracterizava não apenas o cotidiano das polonesas, mas também da população pobre, muitas vezes errante, ou malsucedidas em suas múltiplas experiências. Possivelmente, a delegacia ou a polícia representavam, para os oprimidos, as autoridades de controle social e surgiam como as últimas instâncias a serem buscadas, depois de exauridas outras alternativas. Os pobres, os infelizes e desajustados buscavam uma saída para as ciladas do dia-a-dia, apelando para os meios disponíveis na esperança de assim se evitarem desgraças maiores. O Prof. Ruy WACHOWICZ comenta: “*Os poloneses tinham o costume, trazido de sua terra natal, de procurar as autoridades competentes da aldeia, diante de qualquer divergência. No Brasil, estas autoridades competentes eram os delegados das sedes municipais.(...) Com o passar do tempo, a palavra polaco passará a traduzir*

⁵⁹ NAS ruas e na polícia. Os crimes do amor. Diário da Tarde. Curitiba, n. 9783, p. 3, 18 abr. 1918.

⁶⁰ COM é isso seu sargento? Raptou uma surda-muda de 25 anos. Diário da Tarde. Curitiba, n. 5656, p. 3, 16 mar. 1917.

*desordeiro". Os poloneses (...) expunham-se no Brasil, face à vigência de outros costumes, a irrisão diante dos outros. "*⁶¹

Nas notícias de jornais, enquanto entravam em cena os personagens evidenciavam-se também as angústias das tentativas de acertos e das buscas de soluções para os conflitos pessoais. Nas entrelinhas dos textos, o vir-a-ser das protagonistas refletia o terreno fértil e dinâmico das relações humanas, no qual viver e conviver seguem pulsações próprias com seus acertos e erros. Também entre os bem-sucedidos, as inconstâncias estão sempre presentes, mas para a manutenção da ordem social e aparência das coisas, elas são veladas e coibidas de se tornarem públicas. Para as polonesas, somava-se ainda a realidade de ingressar em uma nova sociedade, diferente dos seus costumes e cuja inserção ocorreu aos poucos e não absolutamente. Com certeza, não foram nada fáceis os primeiros tempos dos imigrantes em sua nova terra. Possivelmente, em decorrência dos desencontros, foi freqüente uma angústia maior, levando à perda do sentido da vida, ocorrendo mortes por suicídio ou internamentos em locais para tratamentos especializados. Nesta direção registram-se algumas situações, também através dos jornais: *"Há cerca de um ano saiu do hospício a Maria S., parecendo que estava completamente boa. Ante-ontem começou a referida Maria, a dar indícios de alienação mental e ontem tentou suicidar-se ao mesmo tempo em que fazia enorme barulho."*⁶² Em outro momento, o dia-a-dia angustiante de uma "bonita moça de altura regular, de cabelos e olhos castanhos", provocou-lhe uma atitude drástica. Diz a notícia:

Há 8 meses mais ou menos, trabalhava na casa de costuras da Sra. Carmela G. B., à Avenida Luiz Xavier, a jovem Catharina A., de 16 anos incompletos. Na camaradagem com as suas colegas, Catharina várias vezes externara sua vontade de morrer, o grande desgosto pela vida que a afligia. Nada porém a crer que a jovem, bem bonita, por sinal, que era, realizasse um dia os seus ocultos designios.⁶³

⁶¹ WACHOWICZ, Ruy. O Camponês Polonês no Brasil. Curitiba: Fundação Cultural, 1981. p. 133.

⁶² NO Alto do Bigorrilho, uma mulher enlouquece, fazendo diabruras'. Diário da Tarde. Curitiba, n. 4901, p. 2, 25 set. 1914.

⁶³ NA febre da morte. Desgostosa da vida. Uma moça de 17 anos suicida-se. Gazeta do Povo. Curitiba, n. 705, p. 2, 20 maio 1921.

No rol das cenas do bate-boca estavam as confusões comuns entre proprietárias e inquilinas ou pensionistas, trazendo-se à baila conflitos nos quais se fazia uso de palavras impróprias. Nessa situação, o jornal evidencia: *“Zaza Polaca mora a rua Dr. Vicente Machado nº15, mas não conta com a simpatia da vizinhança porquanto passa o dia a pronunciar palavras obscenas, atentando assim, contra a moral pública.”* Intimada a comparecer a 2a. delegacia de polícia, Zaza foi logo apresentando sua explicação: *“A queixa provem de perseguição de uns vizinhos, e que não tem fundamento algum. E ficou tudo na mesma.”*⁶⁴

Ou ainda: *“Ontem, às 21 horas em casa de Josepha C., a rua Buenos Ayres, travou-se forte discussão com a referida proprietária e Maria P. que com ela reside, tendo Josepha lhe atirado um copo no frontal esquerdo, ferindo-a gravemente.”*⁶⁵

Nessa perspectiva, foram muitas as situações conflituosas que se apresentam ilustrando as páginas jornalísticas. Contudo, em meio à marginalidade que se tentava legitimar para a mulher polonesa, sobrepunham-se gestos filantrópicos. Com frequência, a polonesa identificava-se como uma pessoa bem-intencionada que, comovida com a sorte do próximo, desejava dividir suas poucas posses, mas quase sempre saía lesada pelo favorecido. Assim, no periódico foi observado que: *“Josepha C. residente à rua Rattecliff, queixou-se à policia que o individuo Marcos C., empregado da Fabrica de Chocolate Paiva e que é seu pensionista, depois de ter por muito tempo morado em sua casa e bebido à farta não quer agora pagar a despesa, porque acha que não tem obrigação de assim proceder.”*⁶⁶

⁶⁴ ZAZA incomoda a vizinhança. Diário da Tarde. Curitiba, p. 3, 10 fev. 1917.

⁶⁵ NA polícia e nas ruas. Diário da Tarde. Curitiba, n. 6498. p. 4, 19 jan. 1920.

⁶⁶ VÁRIAS ocorrências na policia e nas ruas. Diário da Tarde. Curitiba, n. 4686, p. 3, 16 maio 1914.

Ainda que os jornais desejassem chamar a atenção para espaços sinistros ou para gestos e atitudes desconcertantes, uma diversidade de elementos estavam presentes na adaptação dos poloneses à sociedade curitibana. Houve, por parte dos articulistas, um exagero ao trazer à cena uma multiplicidade de (des) qualificações e que traduziam, no cotidiano, questões políticas mais amplas. *Um povo sem bandeira*.⁶⁷ dominado há mais de cem anos por potências imperialistas, sem governo forte constituído ou sem um reconhecido desempenho técnico-científico expunha, aprioristicamente, os critérios para ser julgado por uma mentalidade progressista. Ficam bem evidentes as intenções dos jornalistas até aqui observadas e refletidas.⁶⁸

No contraponto, o que se observa nas entrelinhas das imagens evidenciadas? Espaços de lutas, tensionamentos incessantes do viver, do aventurar-se aqui ou acolá através de (des) encontros; desejos de acertar; pedidos de ajuda; reparos de desentendimentos ou denúncias de maus-tratos. Aos procedimentos das imigrantes polonesas, foram sendo somados quesitos depreciativos favorecendo a construção de imagens desviantes que sugeriam arquétipos singulares.

Além dos atributos até aqui observados, outros ainda associados aos fracassos das lutas diárias e dos constantes infortúnios foram explicitados. Assim, também as pessoas mais velhas eram observadas pela imprensa: *“Uma dessas mulheres que por aí andam nesse afan incessante de ganhar o pão de cada dia, quando voltava da cidade satisfeita da sua venda que fizera de cereais, conduzia*

⁶⁷ IANNI, Otávio. Raças e Classes do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 133.

⁶⁸ Decorrentes destas circunstâncias, estereótipos foram identificados em relação aos poloneses: “No Paraná não há negros. O negro no Paraná é o polaco”. Otavio Ianni aborda a problemática nos capítulos “Do polonês ao polaco” e em “A situação social do polonês” apontando a complexidade dos problemas étnicos em Curitiba. Afirma que os diferentes grupos de imigrante do final da segunda metade do século XIX permaneceram fechados em suas tradições, constituindo, inicialmente, um clima de intolerância, recaindo sobre o polonês atributos desqualificativos. “Assim, (...) para determinados grupos sociais, o polonês é um indivíduo dado a bebidas alcoólicas; teria inclinação especial pelas atividades agrícolas; suas filhas teriam predileção pelas atividades domésticas, etc. (In: IANNI, *ibid.* p.125).

distraída uma carroça tirada por dois cavalos.”⁶⁹ Percebe-se, logo no início, uma chamada depreciativa ao nominar as velhas carroceiras com a expressão “*uma dessas mulheres*” as quais realizavam um trabalho assaz penoso. Era uma dentre as muitas pobres que trabalhavam assiduamente para ganhar o pão de cada dia. A pobre mulher conseguiu seu intento, mas logo em seguida novas desventuras lhe foram atribuídas: “*Ao enfrentar ao Hospício, espantaram-se os cavalos (...) o choque fê-la cair entre os cavalos que galoparam, escoceando furiosos (...) Durante muitas horas ficou ela sem sentido e atirada na estrada.*”⁷⁰

Trabalho, rotina, cansaço substanciavam o ir-e-vir das polacas carroceiras. Às margens da vida urbana, “*andavam por aí*”, de certa forma ao descaso das autoridades. Dirigiam sozinhas as suas carroças e desventuradas ficavam expostas à imprecisão da sorte. Conduzir cavalos por vezes chucros e rebeldes nas estradas estreitas, esbarrancadas e mal-esboçadas trazia constantes desgraças.

Também no centro da pacata Curitiba ocorriam conflitos:

Ontem à uma hora da tarde apareceu em nosso escritório, polaco João (...) conduzindo sua filha menor de nome Angela, sobre cujos pés passara as rodas de um carro de praça que conduzia a família do Sr. Visconde de Nacar (...). O caso passou-se na rua da Imperatriz (...) Não nos conta que o boleeiro fosse preso, nem que a polícia tomasse respeito, a menor providência; sabemos, porém, que ao pobre pai da vítima intimou o Sr. delegado de polícia que se retirasse à colônia e que se contentasse com 3\$ em dinheiro e quatro pães que lhe davam a título de esmola!⁷¹

Diante da solicitação de ajuda, os atingidos permaneciam ao descaso das autoridades competentes e confinados à sua própria sorte.

E ainda nas principais ruas de Curitiba: “*Hoje, à hora 13, quando em vertiginosa carreira, passava pela Avenida Luiz Xavier, esquina da rua Ébano Pereira, o automovel nº 9, chocou-se com a carroça de uma colona polonesa,*

⁶⁹ LAMENTÁVEL. Diário da Tarde. Curitiba, n. 2266, p. 1, 27 jul. 1906.

⁷⁰ *ibid.*

⁷¹ DEZENOVE de dezembro. Dezenove de Dezembro. Curitiba, n. 55, p. 1, 09 maio 1886, p. 1.

*resultando sair bastante machucado um dos animais. Não obedecendo à intimação do guarda de serviço o chauffer continuou em sua marcha, não dando importância ao desastre.”*⁷²

Confrontos de épocas ou conflitos sociais, perdas materiais ou descaso do infrator marcavam a ocorrência. No centro das atenções, a força e o poder dos vitoriosos, simbolizado na coqueluche do começo do século— o automóvel— em vertiginosa carreira. Poucos eram os bem-sucedidos e raros eram os veículos.

Imagens das margens, de um tempo passado, impondo-se ao progresso, a carroça da colona polaca na esquina das avenidas causava transtornos à modernidade. A velocidade dos novos tempos suplantava a autoridade precária do guarda de serviço, impotente e inoperante. Vestígio de um passado, desfazendo-se sob um mundo sofisticado que se instaurava na cidade ao abandonar seus ares modestos.

3.2 OUTROS OLHARES SOBRE A COLONA

Outras imagens da polonesa carroceira em suas constantes incursões no espaço urbano foram sugeridas por diferentes interlocutores, somando-lhes novas significações. O olhar masculino fez suas observações sobre seus procedimentos e comportamentos. O poeta, escritor ou jornalista, assim como o homem comum, estavam atentos às mulheres que circulavam no espaço público.

As observações sobre a cidade indicavam que, apesar das sucessivas transformações que ocorriam em Curitiba no último quartel do século XIX, os homens encontravam nos costumeiros *footing* uma forma de se distrair:

⁷² NAS RUAS e na polícia. Encontro de veículos. Diário da Tarde. Curitiba, n. 5867, p. 3, 01 dez. 1917.

Ora, hoje pela manhã saí despreocupado de casa, sem rumo, decidido a dar umas pernadas pelas ruas.

Soprava um ventinho frio e arrepiador que enregelava-me o beque. Mas que havia eu ficar fazendo em casa? Não tinha ocupação alguma e assim por estas manhãs de geadas (...)

Meti-me pela rua 15 num passo pausado e observador. Eu fui ao mercado, o ponto mais movimentado daquela hora para assistir os flirts e ouvir as tagarellices das nossas adoráveis criadinhas! Aquilo estava radiante, polaquinhas travessas e tentadoras, com suas cestinhas de verduras no braço, a pechinchar com essa hortaliça a compra de uns tomates respeitáveis e escandalosamente vermelhos (...).

Dei um relance de olhos e vi que lá estavam também o João Carvalho, o Iphigenio Ventura, o Bilo, o Getúlio, o Padre Tedeschi, o Brazilino, Jayme Reis, o Juca Luz, o Zé dos Passos.⁷³

Naquela época, sair às ruas em determinadas horas do dia era encontrar um quadro fora do comum. Imigrantes carroceiras italianas e polonesas quebravam a rotina citadina, tornando o cotidiano atraente. Vez por outra, alemãs também circulavam para a *mercancia* costumeira. Nestor VICTOR fez observações bastante minuciosas, detectando toda a singularidade instalada em Curitiba no tempo das colônias imigrantes:

Casava-se com a vivacidade do ambiente, e com aquele ar vital que se respirava a plenos pulmões, e com a alegria daquelas notas de campanulas e chocalhos metálicos, nesta hora risonha, matinal, as rubidas physionomias das moças colônias e os olhos azues, os rostos claros, e ainda imberbes, com penugem de pomo, que tinham os jovens imigrantes.

Parecia estar-se, assim em pleno Norte da Europa. Tinha-se perfeitamente a visão de uma terra estranha, em todo caso simples, sympathica, ingenua, diante daquele quadro, tal como, porventura, até ali nunca se nos oferecera ocasião de ver. (...)

Havia na atmosfera da cidade um cheiro particular e bom, ainda campesino, um cheiro como que a feno, com longes parece que de resíduos de cavalaria ou de vacaria.⁷⁴

Para além do exótico ou do pitoresco, as mulheres imigrantes transbordavam alteridades percebidas nas diferentes vestimentas, nos procedimentos comportamentais, na exposição de múltiplos dialetos ou nas evidências que remetiam a um variado modo de pensar. Com certeza, essas diversidades atraíam a atenção do público masculino com exclusividade, até porque, habitualmente, as mulheres pouco saíam às ruas. Portanto, além dos chafarizes, outros espaços—as

⁷³ O MERCADO. A Rolha. Curitiba, n. 8, n. p., 25 maio 1908.

⁷⁴ VICTOR, *ibid*, p. 101-103.

imediações do Mercado, a Rua Aquidaban, a Rua José Bonifácio e o Largo da Ordem — foram privilégios da ocupação quase que exclusiva das mulheres imigrantes. O Largo da Ordem e a Rua José Bonifácio, intensamente freqüentados pelas polacas carroceiras, permaneceram na memória curitibana como lugar de tradição dos colonos, onde as mulheres ainda hoje são lembradas de forma especial. Atualmente, um painel do artista POTY, na Travessa Nestor de Castro, presta-lhes homenagem.

Valêncio XAVIER e Poty LAZZAROTTO em “Curitiba, de Nós” reafirmam o que os curitibanos guardam na memória:

Também quase desaparecidas as carrocinhas de polaca que durante muitos anos foram a marca registrada de Curitiba. Trazidas pelos imigrantes alemães do Volga (os chamados russos-alemães), aqui viraram “polacos”. A moda logo pegou entre os outros colonos. Com suas equívocas rodinhas menores na frente, serviam para tudo: transportar mercadorias das colônias para Curitiba; enfeitadas, conduziam os noivos e convidados para as festas; trajadas de preto, levavam os defuntos desta para a melhor. O ponto de reunião das polacas de carrocinhas era na rua José Bonifácio, aos sábados pela manhã. O ponto ideal, pois ficava perto do bebedouro de cavalos, em frente à igreja da Ordem, um dos dois únicos existentes na cidade — o outro fica na praça da Estação.⁷⁵

A Rua José Bonifácio, como ponto de concentração das imigrantes, também foi lembrada na Revista Ilustração Paranaense:

A rua José Bonifácio, em pleno coração da cidade—nos dias de semana e principalmente aos sábados, é bem um pedacinho da Polônia e uma nesga da Itália no Brasil.

Naqueles dias, ella vive horas de intenso movimento, numa orquestração de côres e cambiantes características e numa symphonia multiforme de idiomas e costumes.

Ha um vae e vem agitado de colonos polonezes e italianos que, desde cedo, deixam suas chacaras, situadas nos arredores de Curityba, para o seu intercambio com o commercio da cidade, o qual se centraliza de preferencia nessa rua.

Então, é de ver o ineditismo resultante daquelle murmurio de vozes numa barrafunda de idiomas e aquella polycromia de vestuarios.

E tudo isso já é parte integrante da vida de nossa linda cidade, tão rica em aspectos varios e sempre renovados; tão só na offerenda de motivos tão diversos, tão paradoxaes.⁷⁶

⁷⁵ LAZZAROTTO, Poty; XAVIER, Valêncio. Curitiba, de Nós. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1975, n. p.

⁷⁶ ILUSTRAÇÃO PARANAENSE. Imitando Varsóvia em pleno Brasil. Curitiba: J. B. Groff, n. 5 - 6, n. p., maio - jun. 1929.

Penetrando no interior desses espaços, o olhar masculino foi até as principais protagonistas, invadindo um mundo à parte e por elas dominado. Para alguns, o encantamento provinha por serem mulheres estrangeiras, diferentes nas falas e nos gestos. Os mais sensíveis, porém, puderam captar as alteridades como algo próprio da etnia, associando-as, ainda, às características específicas do mundo campesino. Em alguns momentos, percebe-se que houve um esforço redobrado em nomear essas mulheres, em enquadrá-las em definições concretas. Mas, ao que tudo indica, a pluralidade de procedimentos tornava difícil a tarefa classificatória. Remetia ao inatingível, talvez por ser humano demais ou excessivamente dinâmico. Aos gestos e roupas originais somavam-se a entonação de diferentes dialetos; uma profusão de risos ou gritos envolvia o ambiente; conversas intrigadas, discussões inflamadas, enfim, um mundo à parte por elas constituído. As imigrantes lançavam imagens fortuitas de renovação confortante. As polacas carroceiras do Largo da Ordem faziam bem à alma. “*Esta Curitiba eu viajo*” diria Dalton TREVISAN anos mais tarde.⁷⁷

Assim, a descrição das carroceiras do Largo da Ordem ou da Rua José Bonifácio foi feita com emotividade, bem diversa das apreensões anteriormente abordadas pelos jornais.

O jornalista republicano Tobias MONTEIRO, procedente do Rio de Janeiro, em visita à cidade por ocasião do Cinquentenário da Emancipação Política do Paraná (1903), desejou conhecer o florescimento de uma obra duradoura (referia-se às colônias próximas ao grande centro de consumo) e registrou seu depoimento na volta de um passeio aos arredores da cidade:

Ninguém se esquecerá daquelle espetáculo animador. As carroças vêm de todos os lados e levam à cidade os produtos da pequena lavoura. Não são os homens somente a guiá-las, descansados na boléia, as pernas metidas nas botas compridas, o chapéu desabado, o cachimbo

⁷⁷ TREVISAN, Dalton. Em busca de Curitiba perdida. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 7.

fumegante ao canto da boca; muitas vêm trazidas por mulheres, cuja saia espessa de lã o avental resguarda dos salpicos de lama da estrada, e a cabeça é protegida de um amplo lenço de cores vivas, atado sob o queixo, ou preso a nuca à guisa de touca. As vezes uma família inteira, os rapazes e as raparigas também, saudando freqüentemente os caminheiros.⁷⁸

O relatório do jornalista sobre Curitiba, seus arredores e seus habitantes trouxe significativa importância à medida que também ele confirmava a peculiaridade apresentada na cidade no que diz respeito ao comércio das colonas. E não apenas constatou o grande movimento por elas fomentado, reforçando a tese de que eram muitas e provocavam alterações, como também chamou a atenção para o modo como eram conduzidas as carroças e para a emotividade implícita na situação. Já no início da notícia, chama a atenção para o que denomina de *espetáculo animador*, pois interferia na rotina urbana, provocando transformações, seja no aspecto visual, na forma de comercialização dos hortifrutigranjeiros, nas relações homem e mulher, ou ainda na legitimação de um espaço a elas destinado e que adquiria configurações próprias. Permaneceram notícias de que até mesmo os vendedores dos estabelecimentos comerciais onde as colonas faziam as suas compras aprendiam a língua estrangeira para melhorar a comunicação. Ou muitas vezes os vendedores eram da própria etnia que, saindo das chácaras, buscavam trabalho na cidade.

Portanto, há que se considerar que as mulheres ocuparam um espaço especial e desempenharam um papel de grande importância para a cidade e para os seus habitantes. Além das transformações mais concretas, ou seja, além das evidências que comprovam que as colonas supriam a cidade com a produção agrícola (hoje realizado através das feiras, e essas ainda persistem apesar dos grandes e sofisticados supermercados), o movimento por elas provocado era

⁷⁸ MONTEIRO, Tobias. Um relato sobre Curitiba. Boletim do Arquivo Público, Curitiba, v. 11, n. 19, p. 34, 1986.

também prazeroso ao olhar, pois emanava dinamismo, sobrepunha cenas curiosas e inusitadas. As carroças cobriam Curitiba em diferentes direções, convergindo para o centro da cidade. Desciam as alamedas, ruelas e atalhos, desembocando no Largo da Ordem, onde um bebedouro confortava a sede dos cavalos. Ali, os homens ficavam cuidando dos animais enquanto as mulheres corriam às casas das freguesas já conhecidas para levar os seus produtos nas cestas enlaçadas aos braços. Essa rotina permaneceu em Curitiba por muito tempo e ainda hoje é lembrada pelos curitibanos, sem muita dificuldades, mas sempre acrescida de observações detalhadas que sugerem uma certa nostalgia sobre o tempo das colonas polacas. Também nessa particularidade elas deixaram suas marcas transformadoras, pois vendiam em domicílio, contribuindo para o conforto da dona de casa citadina.

Há que se refletir sobre o modo de condução das carroças, observado pelo jornalista: *“Muitas vêm guiadas por mulheres...”* Grande parte delas viúvas, ocupando o lugar de chefe na direção da colônia e na condução das vendas. Consultando o Quadro Estatístico das Colonias da Província do Paraná⁷⁹ organizado em Dezembro de 1887, das noventa e duas famílias registradas nas colônias de Santa Cândida e Abranches, quatorze eram dirigidas por mulheres viúvas, em sua maioria com mais de 40 anos de idade, sendo, portanto, a 15% das famílias lideradas exclusivamente por mulheres. À semelhança do que já escreveu Maria Odila Leite DIAS a respeito da participação feminina no mundo do trabalho (até então esquecida pela historiografia tradicional), principalmente nas atividades informais: *“As mulheres eram forçadas a desempenhar, na sua ausência temporária*

⁷⁹ PARANÁ. Estatística das colonias da Província do Paraná organizado em 1887. Curitiba: Arquivo Público do Estado do Paraná.

ou definitiva, muitos papéis 'masculinos', entre os quais, os que dizem respeito à administração dos bens, incluindo roças e propriedades de criação de gado."⁸⁰

No percurso das colônias ao centro da cidade, as mulheres polonesas vinham em duplas, aventurando-se pelos malcuidados caminhos. Fazer-se acompanhar de outras pessoas, por vezes filhas ou filhos mais novos ou mesmo as vizinhas era mais seguro para conduzir a carroça, vender a safra e retornar, por vezes à noitinha, para a casa.

O jeito de vestir ostentava grandes e fartos aventais traspassados às costas, enfeitados de cores alegres e que serviam para protegê-las dos respingos da chuva ou da lama. Na cabeça, os famosos lenços amarrados à nuca ou sob o queixo. De acordo com as entrevistas realizadas, o uso de lenços podia definir o seu estado civil. As colonas casadas prendiam os cabelos sob os lenços. Meros detalhes mas que acompanhavam sua rotina, povoavam seu perfil e definiam sua imagem —o lenço junto à saia longa e estampada. Para elas, porém, possuíam significado próprio: "*Quanto mais rodada era a saia, mais feliz a gente se sentia.*"⁸¹ Os tecidos deveriam ser coloridos, como as flores e os jardins.⁸²

Desta maneira, as observações mapearam uma imagem para a imigrante, legando à cidade e aos curitibanos um perfil de sua pessoa e de sua participação na

⁸⁰ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.34.

⁸¹ SKRYSZOWSKY, Clara. Entrevista. Curitiba, 29 nov. 1995.

⁸² No modo de vestir, as colonas distinguiam-se dos padrões idealizados para o viver urbano. Richard Sennett discorre sobre a tendência do uso das cores escuras para o vestuário na época da industrialização: 'A década mais aborrecida do vestuário feminino começou em 1840. Uma insípida mediocridade caracterizou toda uma época da classe média'. Raramente o corpo feminino havia aparecido tão deslegante, raramente a roupa masculina tão opaca (...). As pessoas levavam seriamente em conta as aparências umas das outras nas ruas. Acreditavam poder esquadrihar o caráter daqueles que viam, mas o que viam eram pessoas vestidas com roupas cada vez mais homogêneas e monocromáticas. Descobrir uma pessoa a partir de sua aparência tornara-se, portanto, uma questão de procurar pistas nos detalhes do seu vestuário.(...) Fora das grandes cidades, ao contrário num espírito diferente, começaram a enfatizar a conservação das suas roupas nativas (...) Os provincianos eram costumes, mais coloridos, mais variados e, em suma, mais interessantes que as idéias cosmopolitas (In: SENNET, Richard. O declínio do homem público. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 203 - 206).

vida da cidade. Nas atitudes e nos procedimentos, uma riqueza imensa de constatações que, de maneira geral, as deslocavam do centro das formas pensadas para o ser mulher segundo os valores da época. Invadindo as ruas, as praças ou nas vendas em domicílio aproximavam-se de *“desqualificadas em termos dos padrões da dona ausente. Viver na cidade, sem escravos, à vista de todos, era árduo fardo que mal podiam enfrentar as brancas empobrecidas. Os preconceitos contra qualquer forma de atividade manual, evocativa de ofícios de escravos, dificultava asperamente o seu dia-a-dia.”*⁸³

Afora sua presença constante nas vendas informais, também seu jeito de se relacionar com o público revelava visões desfocadas do habitual feminino provocando novos ângulos para a vivência da mulher. O jornalista Tobias MONTEIRO apontava certas evidências desconcertantes de acordo com o modo de pensar da época: *“...saudando freqüentemente os caminheiros”*.⁸⁴ Nos seus gestos descompromissados sobrepunham-se as fronteiras instituídas. Conversavam, sorriam e ofereciam seus produtos. Próprio do seu jeito de ser ou para conseguir freguesia?⁸⁵

Anos mais tarde, porém, o poeta e escritor Hermes FONTES, de passagem por Curitiba, salientava nesta atitude das polacas uma inovadora e saudável forma

⁸³ DIAS, *ibid.* p. 70.

⁸⁴ MONTEIRO, *ibid.*

⁸⁵ Em “Por uma teoria interpretativa da cultura” Geertz critica situações em que a cultura é tratada de modo mais efetivo, “puramente como sistema simbólico”, isolando-se seus elementos, especificando-se as relações internas desses elementos passando a caracterizar todo o sistema de uma forma geral. Chama a atenção para o perigo de isolar análise cultural para longe de seu objetivo correto que é a “lógica informal da vida real”. No caso da etnia em questão, muitas das observações realizadas pelos diversos informantes, e por eles consideradas como alteridades, decorriam das próprias especificidades culturais (In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p. 27).

de se relacionar com os outros: “*O laureado poeta e escritor carioca Hermes Fontes quando em 1928 esteve em Curitiba, encantou-se com nossas modestas polacas*”:⁸⁶

Haverá peor cousa nas grandes cidades, animal humano mais indomestico. mais horrivelmente impressionante que o carroceiro?

Pois em Curityba não ha carroceiros, nem burros de carroça. Há “charrettes” simples e toscas, puxadas a cavallos e induzidas por moicolas, lindas colonas de faces rosadas que são ellas, e não marmanjos, que distribuem o pão, o leite, as fructas, as verduras, carne, peixe, etc.

O espetáculo dos pequenos vendedores labregos que torna detestável o amanhecer nos centros urbanos faz de Curityba uma cidade *bem amanhecida*. A cidade em que a gente amanhece sorrindo, recebendo, com o pão e os legumes, os ‘bons dias’ de carinhas brejeiras e... respeitosas.⁸⁷

Na revista *Ilustração Paranaense*, Raul GOMES (1889-1975), escritor e professor entrosado à elite cultural paranaense, escreveu ao artista plástico, pesquisador e estudioso de assuntos paranistas Lange de Morretes um artigo sobre as imigrantes na Rua José Bonifácio. Sob o título *Os sábados da Rua José Bonifácio* descreveu um cenário que conhecia há muito tempo:

Desde a minha criancice, ao percorrer a rua José Bonifácio, aos sábados, seguro o passo e me ponho absorvido num encantamento indizível, contemplando a garridice daquele quadro colorido surpreendente kaleidoscópio animado. Encaro no rosto glabro de umas carroceiras, nas faces rumicundas de outras, na garridice berrante dessas, na estranha compleição d’algumas. Lembram, pela uniformidade dos trajos, um pelotão de camponesas mobilizadas.⁸⁸

Nas imagens diversas, entre as imigrantes da Rua José Bonifácio, muitas vezes indecifráveis, incluíam-se também as italianas. Algumas marcas singulares eram destacadas pelos observadores: rosto glabro, estranha compleição, garridice berrante e uma forma espontânea desprovida de artifícios no relacionamento com o público ou mesmo entre elas. Formavam um espaço particular, onde transitavam e se comunicavam através de códigos por vezes desconhecidos pelos demais.

⁸⁶ LAZZAROTTO, *ibid.*

⁸⁷ FONTES, Hermes. A cidade sorriso . *Ilustração Paranaense*. Curitiba, v. 2, n. 6, n. p. jan. 1928.

⁸⁸ GOMES, Raul. *Os sabbados na rua José Bonifácio*. *Ilustração Paranaense*. Curitiba, v. 2, n. 6, n. p. jun. 1928.

Aos sábados pela manhã, realizavam-se as compras na Casa Vermelha, Lojas Hauer, Garmater, Açougue de Aleixo Wabersky, Paulo Müller, nas padarias de Luiz Busmann e José G. Seiler, nas casas de gêneros alimentícios Antonio Hauer e José G. Seiler ou nas lojas de armarinhos e fazendas, que eram muitas.⁸⁹ Todas essas casas comerciais estavam ali entre a Rua José Bonifácio e o Largo da Ordem para atender uma freguesia cativa e interessante. Os mais avisados já sabiam que um grande trabalho os esperava todo sábado, pois se exigia paciência e tato para não resultar em confusão.

Nos primeiros tempos, compravam apenas as mercadorias não produzidas na colônia. Tecidos para roupas pessoais, sapatos, guarnição para camas eram produtos muito procurados, mas também de aquisição muito cara. Nas cartas dos poloneses, organizadas por Marcin KULA, os imigrantes pioneiros recomendavam aos seus familiares que trouxessem seus pertences, pois no Brasil era difícil a compra dos produtos aos quais estavam acostumados: *“Portanto se decidirem partir, não desperdicem os pertences, nem roupa de cama. O mesmo digo em relação às roupas, porque aqui são demais caras. Aquilo que lá custa um rublo aqui sobe para 4 rublos. Podem levar todas as sacolas tanto de trem, quanto de navio.”*⁹⁰

Na busca das fazendas para aventais, vestidos, panos de parede ou toalhas procuravam os de boa qualidade, reclamavam da falta de fábricas têxteis em Curitiba e desejavam material compatível com os que conheciam lá na Polônia. Em matéria de tecidos, tinham larga experiência. Muitas dominavam as técnicas de

⁸⁹ Datam dessa época as lojas de fazendas, armarinhos e modas de Francisco Weiss, Fleischmann e Baebler, Gustavo Wenske e Cia, Hauer e Irmão, Hürlimann e Comp., José Hauer e Filhos (In: Almanach do Paraná. Curitiba: A. Rocha, v. 3, n. p., 1900).

⁹⁰ BORKOWSKI, André. Cartas de Tomás Coelho, Paraná para a família. In: Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa. Curitiba: Superintendência do centenário da imigração polonesa ao Paraná, v. 3, p. 37, 1977.

cultivo do linho ou trabalharam na sua tessitura, apresentando material de fino acabamento e de grande durabilidade. Além disso, bordado, crochê, linhas e cores era um campo de trabalho ao qual se integravam perfeitamente através das atividades que faziam rotineiramente.

Dessa forma, comprar tecidos exigia um longo tempo para pesquisar e escolher entre as padronagens a melhor opção. Nessa tarefa, as mulheres costumavam submetê-los à apreciação levantando a ponta da peça, e esfregando-a com os dedos, mediam a sua consistência. Sobre essas compras, Raul GOMES comentava:

Realiza-se uma feira, onde se dão prazos para as vendas e compras. Varejam as casas prediletas, as de armarinhos, fazendas, sapatos, roupas feitas, secos e molhados, açougues, padeiros.

Não negociam a galope, na aflição e atropelo das donas de cidade. Perdem horas a fio junto dos balcões, exigindo derrubadas de artigos. Comparam, discutem. Pechincham, engrolando a língua, numa mistura barbaresca do idioma materno e o nosso vernáculo.

Ranzinzam. Exaltam-se. Brigam, na avara disputa de um tostão.⁹¹

Descrição perfeita para definir o perfil das imigrantes polonesas carroceiras preocupadas com a aquisição de mercadorias. Na busca dos produtos necessários orientavam-se por uma lógica racional, pois pretendiam qualidade pelo menor preço. Nesse intento, tudo se tornava válido, até mesmo sair da linha, brigar, discutir, exaltar-se a fim de atingir o seu objetivo: comprar o mais barato. Aos olhos dos outros, por pouca coisa faziam um estardalhaço e ampliavam a confusão pelo não-domínio do idioma da terra adotiva. Ainda o detalhe sabiamente apontado pelo autor: “*Não negociam a galope, na aflição e atropelo das donas da cidade.*”⁹² Ao contrário, perdiam longas horas na escolha e acarretavam um grande trabalho ao vendedor, sujeito a suas múltiplas exigências. Um pulsar de tempo próprio talvez

⁹¹ GOMES, *ibid.*

⁹² GOMES, *ibid.*

imposto pelas manhas da terra, cadenciado pelo plantar, esperar crescer, colher, preparar a venda, transportar pelos caminhos muitas vezes intransitáveis. No uso do tempo, distinguiam-se das donas da cidade. Quais as divergências? O atropelo e a aflição da mulher citadina decorriam da rapidez dos novos tempos frente aos papéis a ela conferidos. Sobre esse pensamento escreveria Simone de BEAUVOIR em meados do século XX:

ao homem, o casamento outorga precisamente a síntese feliz; em seu ofício, em sua vida política, ele conhece o progresso, a mudança, experimenta dispersão através do tempo e do universo; e quando se cansa desse vagabundear, funda um lar, fixa-se, ancora no mundo; à noite, retorna a casa onde a mulher cuida dos móveis e dos filhos, do passado que ela armazena. Mas esta não tem outra tarefa senão a de manter e sustentar a vida em sua pura e idêntica generalidade; ela perpetua a espécie imutável, assegura o ritmo igual dos dias e a permanência do lar cujas portas conserva fechadas: não lhe dão nenhuma possibilidade de influir no futuro do universo; ela só ultrapassa para a coletividade por intermédio do esposo.⁹³

Na estreiteza do mundo burguês, a ordem e os papéis sociais definiam lugares distintos para o ser homem ou mulher. As atribuições femininas restritas essencialmente ao doméstico levaram muitas mulheres a se vestirem como os homens para realizarem certas tarefas; outras foram ridicularizadas e arcaram com o peso do julgamento por se exporem à vida pública; muitas se cercaram de estereótipos e outras ainda foram masculinizadas por ultrapassarem os valores impostos pela ordem social.⁹⁴ Até mesmo sentimentos e maneiras de olhar foram

⁹³ BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 169-170.

⁹⁴ De longo tempo, a essencialidade dos sexos ocupa a reflexão dos estudiosos em busca de referências para conceituar-se e fixar-se procedimento-padrão para o masculino e feminino. Adorada como deusa da fertilidade entre os primitivos; relegada à procriação e à privacidade entre os atenienses; libertária entre os romanos; a virgem entre os cristãos; participativa nas comunidades campestres ou ativista nos motins do século XVIII, a representação do papel da mulher na história foi múltipla e por vezes mutante. O século XIX elegeu para sustentar o universo feminino os arquétipos clássicos da civilização greco-romana. Na Modernidade reconhecia-se a sua fisiologia diferenciada e considerava-se a mulher como o avesso do homem. Enquanto o homem era identificado pelo seu espírito e energia, a mulher era julgada pelo comportamento moral e emocional. Na época acreditava-se que o útero determinava um maior teor de sensibilidade e assim a mulher seria menos propícia às atividades intelectuais. Os músculos eram menos desenvolvidos, a vida sedentária e a sua constituição física outorgavam-lhe a tarefa de gerar e criar os filhos e se ocupar das coisas da casa. No final do século XVIII, sua participação nos motins revolucionários da França demonstrou a sua possibilidade de integração no “mundo dos homens”. Com o intuito de remetê-las a um “lugar seguro”, isento dos perigos do mundo público, a casa foi o seu claustro. No Brasil Colonial e Imperial, a mulher, de maneira geral, saía de casa apenas para as missas, procissões ou festas religiosas. Permanecia no interior das propriedades oculta nas varandas ou nos pomares e quando se aproximava uma visita, corria para o interior de seus aposentos. Mas, nas entrelinhas das observações realizadas pelos

impostos às mulheres, proibindo-as de divergirem em pensamentos, gerando síndromes culposas e desastrosas.⁹⁵ Nessa direção, Etelvina Maria de Castro TRINDADE discute o universo ideológico ordenador da atuação feminina na virada do século na concepção laica e liberal de Euclides Bandeira:

Para a educação feminina devem convergir, pois, as vistas dos reformadores e daquelles que se preocupam com o progresso, o bem-estar social. Ela é a pedra angular sobre que repousa todo o rútilo castelo da sonhada “perfeição humana, e dela emanam como corolários fatais, a felicidade da Família, o engrandecimento e a prosperidade dos Povos. ‘E nada mais difícil do que educar e formar a mulher. A educação tanto pode elevá-la à uma divindade sublime, como decê-la a um demônio insofrível’, afirma o erudito escritor luso deduzindo: ‘ tudo vai das emanções que aspira na educação; tudo depende do modo como formarem da maneira como a fazem’.

Puras essas emanções, (...) austero o molde em que se refunda o seu caráter; para a Ternura, para a Bondade, para a Justiça, para o Altruismo, a maneira de se lhe formar a alma; nunca será ela o demônio insofrível, será sim, a mulher digna, capaz de arcar com essa tremenda responsabilidade que é toda a sua tortura e que é toda a sua glória: a Maternidade.⁹⁶

Também as mulheres polonesas possuíam seus valores emanados da religião, da constituição familiar e da realização do trabalho. Convém ressaltar, porém, que entre elas, a exemplo do que ocorria nas sociedades camponesas, as transformações eram mais lentas e tardias. As relações sociais espelhavam-se nas sociedades tradicionais onde *“a família sendo uma empresa, todos os seus membros concorrem juntos, à medida de cada um, para a sua prosperidade. Os trabalhos domésticos não são apanágio exclusivo das mulheres e os homens podem ajudar; por exemplo a preparação de certos alimentos fica a cargo deles.”*⁹⁷

viajantes europeus de passagem pelo Brasil no século XIX, nestas imposições feitas às mulheres reinava o machismo e o receio de que as mulheres violassem os princípios de fidelidade impostos pelo casamento.

⁹⁵ Também Maria Odila Dias aborda esta questão na obra citada: “Não raras as referências às mulheres vestidas de homens, menos na sua aura mítica do que como recurso de defesa, no cotidiano; fosse para viajar incógnita e a salvo da violência das estradas ou para melhor exercer ofícios masculinos, como o de carapina” (In: DIAS. *ibid*, p. 33).

⁹⁶ BANDEIRA, Euclides. A mulher e o romancismo. ELECTRA. n. 1. Curitiba, 1901, p. 3. Apud TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na Primeira República*. São Paulo, 1992 (Doutorado em História) Setor de Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, p. 26.

⁹⁷ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 189.

Pode-se compreender que a mulher polonesa também exercia seu papel na educação dos filhos, mantendo uma vivência de mulher e esposa em relação ao homem, mas essa era eminente num circuito de cumplicidade e não de subserviência. O próprio contexto imigratório ou ainda o sistema político a que estiveram submetidas na Polônia com certeza alteraram sua disposição frente à vida, trazendo-lhes dinamismo ou talvez um pouco de aspereza no trato social. Quantas viajaram sozinhas com filhos pequenos, carregando baús, travesseiros, caixas e caixotes, cestas de comida, migrando através de cidades antes nunca visitadas e sem nenhum domínio de outra língua estrangeira ? Vir ao encontro do marido em terra estranha de difícil acesso não foi tarefa fácil. Ou quando vieram juntos, homem e mulher abraçaram as dificuldades em situação de igualdade. Com certeza, essas evidências interferiram na relação masculino e feminino ou na comunicação com os outros. Desta forma, as primeiras imigrantes tiveram seu próprio contexto, onde definiram seus valores e pontuaram seus procedimentos.

O burburinho das polonesas no Largo da Ordem excitava a sensibilidade, revelando ao mundo o quanto se perdia com as mulheres contidas e amarradas em casa, nas funções rigorosamente estipuladas. Ficava, porém, o convite a esse canto da cidade onde as mulheres sem receios expunham sua essencialidade:

Ó tu que vaes passando, apressado e imenso em tuas preocupações em busca do velocínio de ouro, detem-te um instante e circunvaga um olhar neste maravilhoso cenário de quermesse, painel vivo disposto em pleno ar, para o gozo da alma vagabunda das ruas.

Alí, deliciar-te-ás, ó transeunte amigo, com o divertido e pitoresco aspecto da mais interessante e curiosa das vias urbanas de minha galante cidade. É aos sábados. Desde cedo ha naquela rua, coração da urbs da graça - uma concentração de carrocinhas coloniais.⁹⁸

Presença de imagens femininas grotescas, em tons desconcertantes e de franqueza inquebrantável. Mulheres pesadas, laboriosas, escandalosamente diretas

⁹⁸ GOMES, *ibid.*

em suas arguições: *"Mexericas e tagarelas, exagitam-se no borborinho da praça apinhada, como nas alegrias de festivo e hilariante dia."*⁹⁹

A arruaça provocada por procedimentos diversos que resultava em conflitos, brigas ou confusões, transparecendo por vezes ingenuidade ou poesia, ficou contida na imagem nostálgica da carroceira no Largo da Ordem.

Mas, já naquele tempo, ficava a advertência ou denúncia do escritor na crítica à modernidade contra os perigos de se perderem essas marcantes singularidades. Os impulsos arrasadores do progresso relegaram às margens da história os estilos diferenciados de vida, as ações e as lutas dos homens e das mulheres comuns; suas vitórias ou fracassos; os sujeitos anônimos que se ocupavam da trivialidade diária, e impuseram a todos a força do igual que a tudo sucumbe e tudo nivela:

Ó graça primitiva e quase silvestre desse 'meeting' de mulheres enchendo o seio urbano de alacridade e vibração, jocundo eco da vida campeзина, sadia e feliz!...

Essas rústicas e despreocupadas madamas oferecem com seus encontros assíduos, salutaríssima lição a nossa gente, lição, aliás, até aqui inapercebida dos competentes.

Patrícios, cautela, porém, com qualquer intervenção alheia nessa agreste e exquisita assembléia!

Não vão perturbar a naturalidade, o interesse sobretudo a ingenua e curiosa simplicidade aldeã e desataviada desse único e formoso acampamento feminino!¹⁰⁰

A imagem da carroceira imigrante transitando pelas ruas e casas de Curitiba com seus produtos agrícolas fez parte de um tempo peculiar. Nas primeiras décadas do século XX, os jornais denunciavam sua ausência do cenário urbano:

Há já muito tempo que desapareceu das vistas do curitibano aquele aspecto matinal da cidade, que era um dos seus mais interessantes característicos: a profusão de carrocinhas coloniais pejadas de produtos da horticultura, trazidas das colônias dos arredores, em desfile, logo às primeiras horas da manhã, pelas ruas da cidade.¹⁰¹

⁹⁹ *ibid.*

¹⁰⁰ GOMES, *ibid.*

¹⁰¹ OS COLONOS de Curityba e os açambarcadores dos produtos da pequena lavoura. O Dia. Curitiba, v. 8, s. n. p. 1, 18 out. 1930.

Com a crescente urbanização, o antigo serviço das colonas foi substituído pelos intermediários que traziam do meio rural os hortifrutigranjeiros. Em seus botequins, no centro da cidade, eles os revendiam obtendo sua parcela de lucro. Como eram comprados e estocados pelos comerciantes em grande quantidade, frustravam os fregueses, pois não eram frescos como os que, antigamente, ofereciam as carroceiras. Além disso, perdia-se aquele contato cordial ou quase familiar de venda em domicílio. Eram as transformações trazidas pela modernidade que interferiam na qualidade de vida e alteravam as relações cotidianas.

4 CONCLUSÃO

Lavadeiras, lavradoras, carroceiras, vendedoras de hortaliças, de lenhas ou leite; costureiras, criadas de servir e operárias nas primeiras fábricas, foram algumas das múltiplas ocupações desempenhadas pelas colonas polonesas em Curitiba.

Ao abordar a história das mulheres, verificou-se que a prática dessas funções ocorria com frequência nas camadas sociais menos favorecidas economicamente. Não só no Brasil, mas também na França, Inglaterra, Polônia e possivelmente em outros locais, as mulheres das aldeias eram entregadoras de leite, vendedoras de ovos, flores, verduras, queijos e manteiga. Apesar das atividades comerciais que realizavam algumas vezes por semana, conciliavam as obrigações de mães e esposas. As costumeiras saídas dos homens para os trabalhos sazonais de colheita em outros campos ou mesmo para a construção de grandes obras reservavam-lhes a chefia e a responsabilidade pelas famílias, quase sempre numerosas, por períodos que oscilavam entre meses e anos.

No século XIX, enquanto uma série de transformações comportamentais vinculavam as mulheres burguesas ao espaço privado, para as mulheres comuns permanecia o consentimento de que as atividades informais pelas ruas das cidades eram seus atributos. Assim, as pequenas vendas, o serviço de lavagem de roupas, as atividades como feirantes ou mesmo o trabalho como criada de servir eram imprescindíveis para se dar conta das necessidades citadinas.

Estatísticas esparsas e publicações oficiais confirmaram a presença de um grande número de mulheres polonesas ou polacas transitando pelas ruas e locais públicos de Curitiba. No contato com a nova sociedade, revelaram alteridades

decorrentes de hábitos culturais distintos e por serem procedentes de famílias camponesas. Pesou consideravelmente o contexto político de exclusão vivenciado pela Polônia desde o século XVIII até as primeiras décadas do século XX. Não obstante a vida difícil e sacrificada imposta pela situação política-econômica, as mulheres souberam suportar os infortúnios com a resignação que lhes conferia a prática da vida religiosa. Nas palavras de D. Augustina SZCPEPANSKI: *“Eu não sei como a gente aguentou. Minha vida é pesada. Porque minha mãe sempre disse: — Não resmungue, o que Deus dá é bom, nós temos que aceitar.”*

A religiosidade e a instituição familiar eram os alicerces básicos que estruturavam a organização social polonesa. O casamento colocava-se como a tendência natural para toda jovem, logo que atingia o tempo certo para constituir família. Depois de casada, a família tornava-se sua principal ocupação. No papel de mãe, cuidava da educação dos filhos, transmitindo-lhes a herança cultural e religiosa. Dessa maneira, entre os poloneses, as representações histórico-femininas, culturalmente transmitidas e preservadas, revestiam a mulher das funções de mãe e companheira dos homens, como forma de garantir a ordem social e a perpetuação dos costumes e tradições. Até mesmo os trabalhos que excediam o âmbito doméstico, o impulso inicial era-lhes dado pelas necessidades emergentes no seio da família.

Em Curitiba, a realidade vivida pelas mulheres polonesas definiu particularmente seu perfil. Na sociedade adotiva, na função de vendedoras de hortifrutigranjeiros, costumavam percorrer as ruas dos arrabaldes ou do centro da cidade, oferecendo os produtos da colônia. Algumas seguiam de carroças; outras percorriam as casas a pé com seus produtos para a venda em domicílio. Já as moças

solteiras alugavam-se como criadas de servir para a realização dos serviços domésticos nas casas urbanas.

No transitar, movido por necessidades, introduziram novos costumes na sociedade curitibana: ofereciam os produtos em domicílio, trazendo conforto para as famílias citadinas; condicionaram as famílias urbanas a manterem duas criadas puxando água dos chafarizes, substituindo o antigo costume de servirem-se dos pipeiros; supriram a cidade na oferta de mão-de-obra para os trabalhos informais, que raramente ou pouco foram notados; ocuparam o Largo da Ordem e a rua José Bonifácio na condição de freguesas de artigos especializados; moldaram a cidade de dinamismo trazendo a imagem alegre da mulher camponesa e trabalhadora. A passagem pelas ruas da cidade na venda em domicílio foi útil e prazerosa fazendo de Curitiba uma *“cidade bem-amanhecida”*. Viajantes, poetas, jornalistas e escritores fixaram o olhar e enalteceram a imagem radiante e singular das mulheres imigrantes carroceiras e entregadoras de produtos rurais, atribuindo-lhes a particularidade de que por isso, nessa cidade, *“a gente amanhece sorrindo”*.

As dificuldades de entrosamento à sociedade adotiva, assim como o desejo de manter suas origens, levaram, por vezes, os imigrantes a um isolamento em suas comunidades. Deslocados da terra natal, na vida que se organizava na pátria adotiva tudo fizeram para superar as dificuldades e manter seus costumes e tradições próprias. As falhas na administração das questões imigratórias, a deficiência de pessoal, as denúncias de terrenos não demarcados, a invasão de propriedade alheia ou mesmo a inexistência de terras devolutas foram apenas alguns dos problemas mais imediatos enfrentados pelos poloneses. A desilusão na chegada foi brutal, somando-se às dificuldades em estruturar suas vidas em que tudo estava para começar. Com pouco ou quase nenhum recurso, não dominando a língua da nova

terra, os recém-chegados em viagens de navios de terceira ou quinta categoria, mal vestidos e maltratados por doenças, compunham um quadro trágico. Pesava a alteridade por serem procedentes de terras distantes, diferentes dos latinos nos gostos e tradições culturais. Devido às questões políticas vivenciadas por seu país, contrastavam com outros imigrantes que haviam chegado anteriormente, por exemplo os alemães bem-sucedidos, representantes da raça enérgica e trabalhadora. Aquela *raça laboriosa e morigerada* que tanto buscavam as elites brasileiras. Nessa perspectiva, não foi difícil formarem-se conceitos simplistas que resultariam em visões estereotipadas e que até hoje ainda sobrevivem em grupos, em pessoas ou sutilmente no inconsciente coletivo.

A passagem da mulher polonesa em Curitiba, seja como carroceira ou como criada, suscitou um interesse significativo em diferentes interlocutores. Os observadores da época, vivendo um tempo de grandes transformações, tentavam enquadrar ou denominar seus gestos, costumes ou atitudes apoiando-se no imaginário “ideal” para a vivência feminina. Assim, ensaiavam algumas qualificações, exageravam nas descrições ou por vezes buscavam um detalhe singular e através dele pincelavam uma imagem. Por vezes ela foi a ninfa sedutora dos países distantes; em outros momentos, a criadinha irreverente que flertava com a soldadesca em frente aos quartéis; também a dedicada e imponente carroceira ou lavadeira que labutava na busca do pão; ou a campesina desprovida de artifícios urbanos que energizava o Largo da Ordem num tempo que se podia dizer bucólico. Frequentemente foram observadas de forma depreciativa, quer quando provocavam arruaças em busca de soluções para seus problemas, ou quando seu transitar pelas ruas e imediações dos chafarizes emanava sensualidade ou exuberância provenientes do uso de adereços singulares. Suas atitudes insubmissas ou seus

desencontros frente aos novos desafios foram também constantemente observados e evidenciados. Diferente da judia no contexto do tráfico das mulheres brancas abordado por RAGO, a polaca em Curitiba foi observada na sua sensualidade e na sua extrema pobreza, principalmente no momento de chegada e na sua ocupação com trabalhos braçais.

A imagem construída sobre as mulheres polonesas emergiu neste contexto, filtrada por olhares diversos. Distinguiam-se da sensibilidade feminina segundo as regras impostas pela sociedade brasileira. Possivelmente, revelavam à sociedade curitibana outras maneiras de viver e entender a função ou o papel da mulher no interior das relações sociais. Inseriram-se nos espaços das tensões e conflitos, nos quais confrontavam-se interferências, trocavam-se gestos simbólicos ou jogos de poder. As representações defendidas por uma ordem escondiam no seu interior relações de domínio mais amplas. Nas imagens femininas do final do século passado, legitimava-se o domínio masculino no gerenciamento da sociedade e assegurava-se o triunfo de uma maneira de pensar padronizada para a sociedade ocidental. Aos gestos, sentimentos e condições outorgados ao feminino atribuiu-se uma condição natural do “ser mulher”, legando ao século seguinte uma árdua luta para a inversão dessa imagem.

Na visão das entrevistadas, as polonesas mais antigas (as menos urbanizadas) eram batalhadoras, fortes, firmes e enérgicas, tanto para o trabalho, para as festas ou para aceitar os imprevistos da vida. Ainda que na colônia ocupassem a esfera de mãe dedicada voltada aos afazeres domésticos, ou professassem fervorosa religiosidade, suas atitudes diferiam fundamentalmente do modelo feminino urbano. No campo, a organização social reconhecia a autoridade masculina do pai como chefe da família, sem no entanto exigir-se da

mulher a submissão absoluta. As mulheres partilhavam ao lado dos homens das experiências domésticas, econômicas, sociais e culturais intercalando as atribuições numa relação de cumplicidade. Grosso modo, o homem sabia cortejar uma mulher e na maioria das vezes a esperava com uma flor. Por outro lado, a aspereza da rotina das chácaras não furtou a mulher o hábito de se enfeitar ou de desfrutar dos prazeres da vida.

A questão de pensarem racionalmente suas vidas trabalhando para sobreviver não eliminava a oportunidade de demonstrarem sua afetividade ou manifestarem seus sonhos e desejos.

Em Curitiba, outras imigrantes deixaram suas marcas. Expressões tais como a “italiana”, sugerindo excentricidades, foram também comuns e evidenciadas pela sociedade. Também elas eram agricultoras ou lavadeiras e povoavam o universo mítico da sociedade curitibana. De maneira semelhante ofereciam seus produtos com suas carroças e despertavam os sonhos adormecidos dos homens e poetas que pousavam seus olhares em Curitiba. Mas a polaca foi mais enfatizada, passando a ser a designação para toda mulher loura. Ela foi constante na iconografia de uma Curitiba singular e modesta. Fez parte de um cenário que os artistas gostaram de representar.

Quando os carroções com barricas de mate passaram a integrar com mais intensidade as ruas da cidade, as polacas eram lembradas com nostalgia e como parte de um tempo quimérico: *“Não pude levantar-me hoje muito cedo. Assim mesmo ainda encontrei algumas colonas nas carrocinhas ou a pé, vendendo leite, hortaliças ou lenha. Não vi, entretanto, quasi polaca nenhuma; eram italianas*

*quasi todas, e as poucas slavas que passavam já não me pareceram tão flagrantemente estrangeiras como as que outr'ora eu conheci. ”*¹

Essa imagem também está presente em grande parte da sociedade curitibana que em sua infância presenciou as polacas entregando suas verduras em cestas enlaçadas ao braço ou nas habituais carrocinhas. Ao evocar esta lembrança, freqüentemente, uma certa melancolia invade a alma curitibana: “*Curitiba cedo chegam as carrocinhas com as polacas de lenço colorido na cabeça...*”²

Em relação aos conceitos polaca ou polonesa, constatou-se para a expressão *polaca* a autodenominação da nacionalidade *polak-polaque* usada pelo povo sem restrições e transposta para o português como *polaco*. O encontro comemorativo dos 125 anos da imigração da etnia em questão, em Curitiba em março de 1996, confirmou essa vertente ao denominar-se “II CONGRESSO POLÔNICO DA AMÉRICA LATINA” ou “II CONGRESSO POLACO DA AMÉRICA LATINA” (II KONGRES POLON II AMERYKI LACINSKIEJ). Contudo, já no século XVII, a expressão polonesa era utilizada e no Brasil essa foi a mais usual apesar do emprego polaca em seu sentido depreciativo. Não se pode porém, afirmar, com precisão absoluta, o limite do uso e do significado entre essas duas terminologias. De acordo com as fontes, por vezes a imigrante era denominada de polaca; em outra situação era polonesa. Ao se referir às questões discriminatórias, ela era sempre polaca. Também a esse respeito as pessoas entrevistadas deram suas opiniões. D. Maria L. KOWALSKI afirmou que entre eles pensava-se que quando diziam “*polaco*”, era para ofender: “*Ah! Aqueles polacos ai* [!]. E quando diziam poloneses, sentiam-se mais respeitados em sua cultura e valores. Mas isso somente

¹ VICTOR, *ibid*, p. 119.

² TREVISAN, Dalton. *Em Busca de Curitiba Perdida*. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 7.

num confronto de sociedades diversas, porque entre os pares utilizava-se simultaneamente polaco, polano ou polonês.

Do ponto de vista teórico-metodológico, trabalhar com a temática imigrantes polonesas em Curitiba (gênero e etnia) trouxe a possibilidade de se refletir sobre a questão da diferença. Esta pode ser entendida como uma categoria de análise historiográfica que incita o questionamento de conceitos tidos como universais, desloca o foco de abordagem do centro para as margens, da visão oficial para o cotidiano, do saber erudito para o das pessoas comuns, dos modelos de comportamentos padronizados para procedimentos singulares.

Por ser um trabalho que buscou refletir sobre valores culturais e a sua relação na historiografia, pode-se somar, no estudo das *diferenças dentro da diferença* que as mulheres polonesas não correspondiam à fragilidade exigida pelo modelo burguês, mas eram persistentes e obstinadas em seus objetivos; não ostentavam a polidez urbana, mas eram autênticas nos seus gestos; não eram recatadas em suas atitudes mas defendiam suas razões. Não obstante os encargos da vida cotidiana, havia entre elas a obrigação em serem felizes. Dona Augustina SZCSEPANSKI sintetiza: *“Nossa vida era triste, mas era bonita, como era bonita.”*

Foi envolvente trabalhar com o temática feminina, mas observou-se que apesar da avançada produção historiográfica no âmbito das relações de gênero, ainda no que diz respeito à etnia, pouquíssimos, senão raros, são os estudos realizados. Dessa maneira, excluiu-se a possibilidade de estudos comparativos, ainda que Curitiba seja um espaço privilegiado para tal abordagem. A pesquisa abre caminho para a realização de novos trabalhos dentro deste tema, abordando-se outras imigrantes que tiveram vida também significativa e que certamente expressaram suas alteridades e despertaram outros olhares.

Anexo 1: Mapa localizando o terreno de Catarina Grabowski.

Fonte: Correspondência de Governo, 1885. Curitiba, Arquivo Público do Estado do Paraná, p. 143.

Anexo 2: Colônias Polonesas nos arredores de Curitiba, em 1907.

Fonte: Acervo Júlia Wanderlei, Casa da Memória.

Anexo 3: Rua José Bonifácio, 1913.

Fonte: Acervo Júlia Wanderlei, Casa da Memória .

Anexo 4: Colonas na Rua José Bonifácio, s/d.

Fonte: Acervo Casa da Memória.

Anexo 5: Polonesas no Largo da Ordem, s/d.

Fonte: Acervo Casa da Memória.

Anexo 6: Colonas Polonesas.

Fonte: Acervo Casa da Memória.

Anexo 7. 1: Colonos defronte a uma igreja, s.d.

Fonte: Acervo Casa da Memória.

Anexo 7. 2: Casamento de Colonos Poloneses.

Fonte: Álbum do Salão de Exposição do BADEP, 1980.

Anexo 8. 1: Imagens da Polônia.

Fonte: FRANCASTEL, P. La Pologne Pittoresque. Grenoble: Arthaud, 1934.

Anexo 8. 2: Imagens da Polônia.

Fonte: FRANCASTEL, P. La Pologne Pittoresque. Grenoble: Arthaud, 1934.

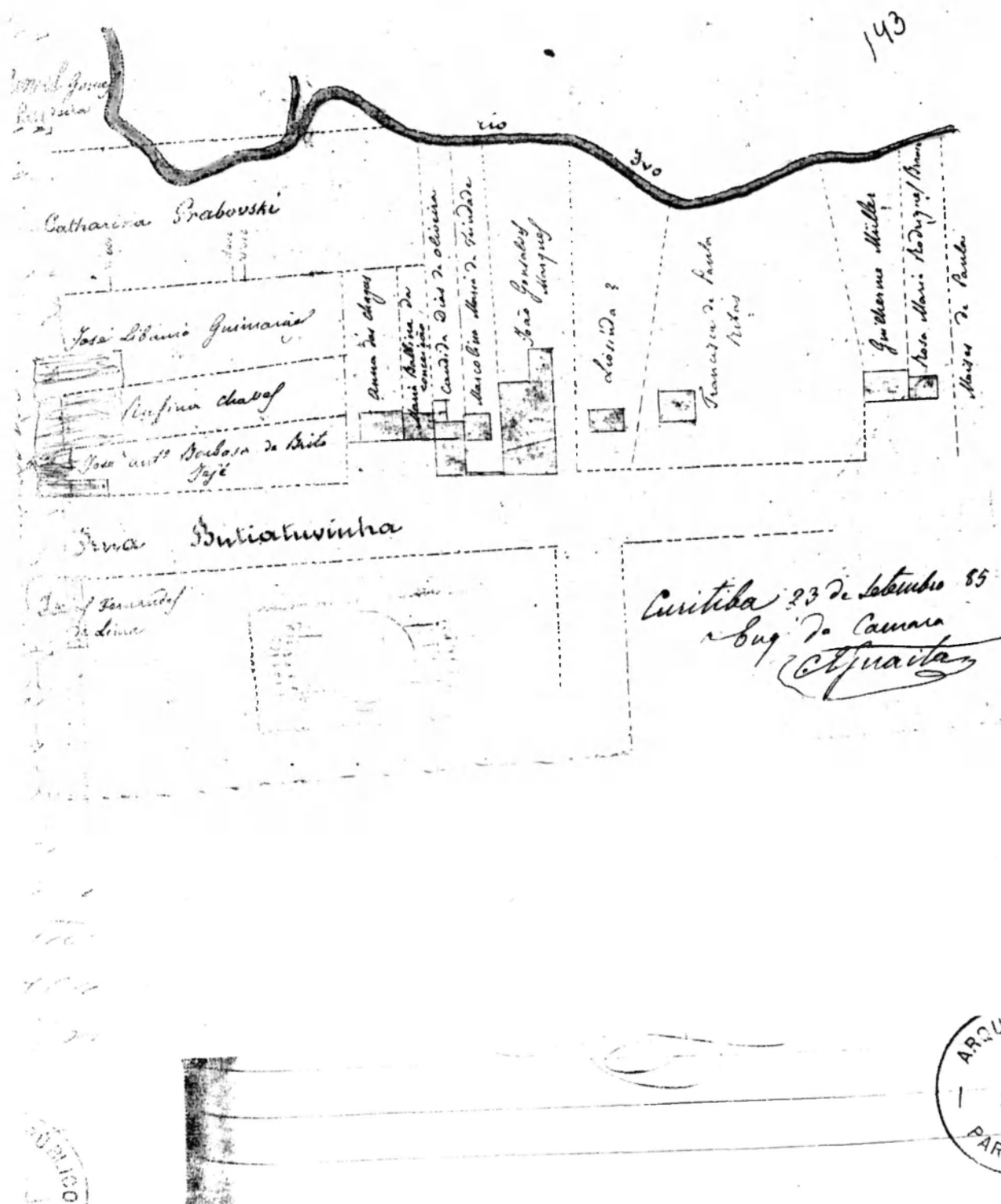
Anexo 9: Charges sobre a imigrante.

Fonte: HELIO E HERONIO. Troças e Traços. Curitiba: F. Coritibanos, 1909; UMA Criada. A ROLHA, Curitiba, 1908.

Anexo 10: Mapa de Curitiba, 1894.

Fonte: Acervo Casa da Memória.

ANEXO 1: MAPA LOCALIZANDO O TERRENO DE CATARINA
GRABOWSKI



Fonte: Arquivo Público do Estado do Paraná. Correspondência de governo.

ANEXO 2: COLÔNIAS POLONESAS NOS ARREDORES DE CURITIBA

Fonte: Casa da Memória: Colônias Polonesas, 1907.

ANEXO 3: RUA JOSÉ BONIFÁCIO



Fonte: Casa da Memória. Rua José Bonifácio, saindo do Largo da Ordem.
Ao fundo a Praça Tiradentes. 1913.



Fonte: Casa da Memória. Rua José Bonifácio. 1913.

ANEXO 4: COLONAS NA JOSÉ BONIFÁCIO

Fonte: Casa da Memória. Rua José Bonifácio. s/d.

ANEXO 5: POLONESAS



Fonte: Casa da Memória Polonesa ao lado das carroças no Largo da Ordem. Ao fundo a Casa Hoffmann. s/d.

ANEXO 6: COLONAS POLONESAS

Fonte: Casa da Memória. Colonas Polonesas. s/d.

ANEXO 7.1: COLONOS DEFRENTE UMA IGREJA

Fonte: Casa da Memória. s/d.

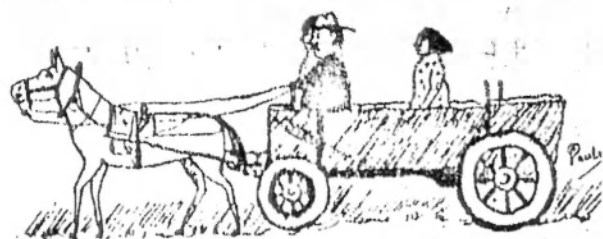
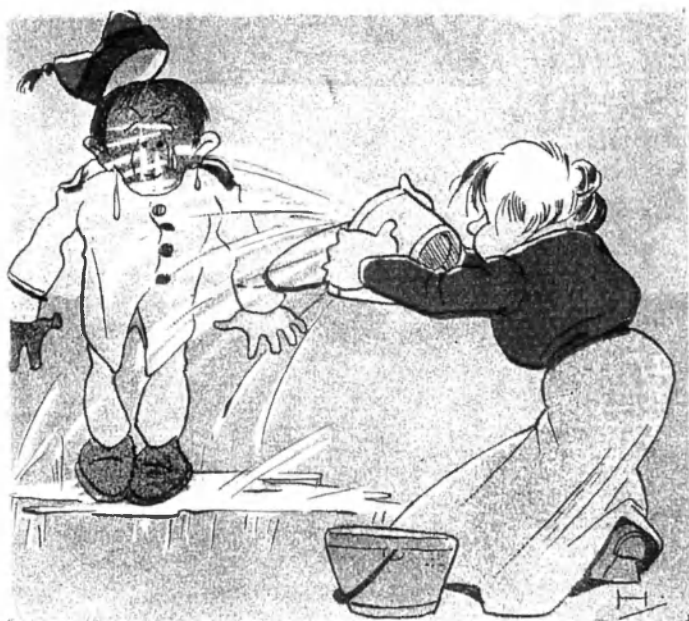
ANEXO 7.2: CASAMENTO DE COLONOS POLONESES

Fonte: Os poloneses no Paraná. Salão de Exposição do Badep. 1980.

ANEXO 8. 1: IMAGENS DA POLÔNIA**ANEXO 8. 2: IMAGENS DA POLÔNIA**

Fonte: La Pologne Pictoresque. Grenoble: Arthaud, 1934.

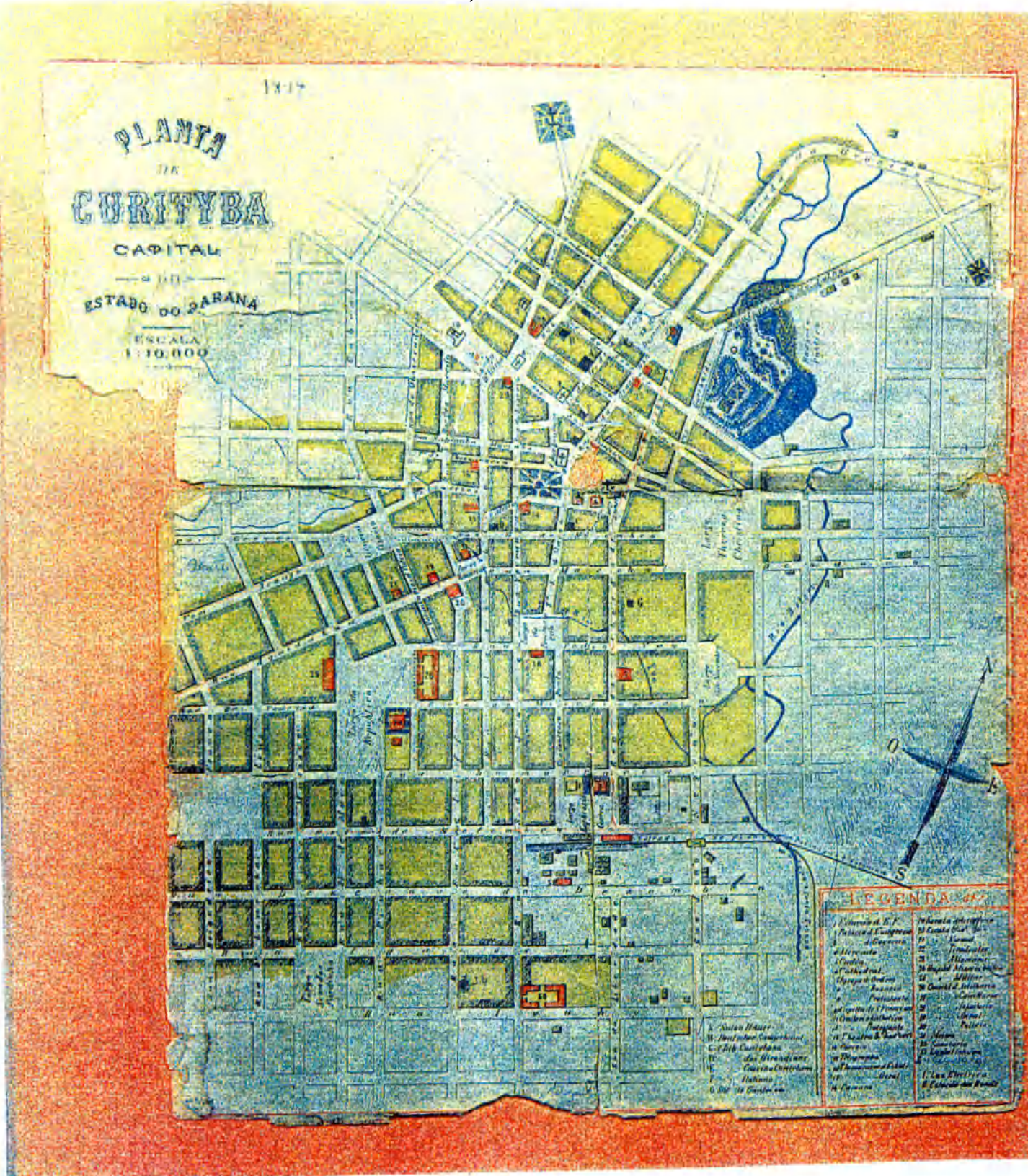
ANEXO 9: CHARGES SOBRE A IMIGRANTE POLONESA



Fonte: Helio e Heronio. Troças e Traços. Curitiba: F. Coritibanos, 1909.

UMA criada. A ROLHA. Curitiba, 1908.

ANEXO 10: MAPA DE CURITIBA, 1894.



Fonte: Acervo da Casa da Memória.

FONTES

- 1 A FEDERAÇÃO. Curitiba: [s. n.] v. 1, n.15, p. 2, 15 fev.1892.
- 2 A FEDERAÇÃO. Curitiba: [s. n.] v. 1, n. 4, p.2, 30 mar. 1892.
- 3 ALMANACH DO PARANÁ. Curitiba: Anibal Rocha, v. 3, n. p. 1900.
- 4 ALMANACH DO PARANÁ. Curitiba: Typ. da Livraria Economica, v. 14, n.181-186, 1913.
- 5 ARQUIVO DO COLÉGIO SÃO JOSÉ. Curitiba, [19--?]
- 6 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ, Curitiba, 1889. TERMO DE BEM VIVER E SEGURANÇA DE VIDA, Códice 0529, p. 24-25.
- 7 A REPÚBLICA. Curitiba: Leoncio Correia, n.127, p. 1, 13 out. 1894.
- 8 A REPÚBLICA. Curitiba: Leoncio Correia, v. 30/31, n. 241, p. 2, 29 out. 1913.
- 9 A REPÚBLICA. Curitiba: Leoncio Correia, v. 30/31, n. 246, p. 2, 05 nov. 1913.
- 10 A REPÚBLICA. Curitiba: Leoncio Correia, v. 31, n. 286, p. 3, 05 dez. 1914.
- 11 A ROLHA. Curitiba: v. 1, n. 7, n. p., 21 mai 1908.
- 12 _____. Curitiba: v. 1, n. 8, n. p., 25 mai 1908.
- 13 BANDEIRA, Euclides. **Cronicas locais**. Curitiba: Tip. de Escola de Artífices, 1941.
- 14 BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMARIO MARTINS. Santa Cândida, pioneria da colonização linista. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 2, n. 16, dez. 1975.
- 15 BOLETIM DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Curitiba e o Ivo**. v. 2, n.10, jul. ago. 1943.
- 16 ANAIS DA COMUNIDADE BRASILEIRO-POLONESA. Curitiba: Superintendência do centenário da imigração polonesa ao Paraná. v. 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 1970.- Ed. comemorativa.
- 17 COELHO, Alfredo. Nívea. In. FREDENCIS. **A Polônia na Literatura Brasileira**. Uma antologia. Curitiba: Editores Plácido e Silva; Empreza Gráfica Paranaense e Gazeta do Povo. p. 204, 1927.
- 18 CURITIBA. **Offícios da Camara Municipal**. Curitiba, 1885. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 19 CZERWONKA, Leocádia. **Entrevista**. Curitiba, 6 dez. 1995.
- 20 DIÁRIO DO PARANÁ. Curitiba: Assis Chateaubriand, v. 20, n. p., 5, 31 maio, 1975.
- 21 DIÁRIO DA TARDE. Curitiba: E. Correia, v. 4-11, 1903-1908.
- 22 DIÁRIO DA TARDE. Curitiba: Celestino Junior, v. 13-23, 1910-1920.

- 23 DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba: Candido Martins Lopes, v. 20-24, 1873-77.
- 24 DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba: Candido Martins Lopes, v. 32-34, 1885-77.
- 25 PARANÁ. **Estatística das colonias da província do Paraná**, 1887. Curitiba. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 26 FONTES, Hermes. A cidade sorriso. **Ilustração Paranaense**. Curitiba: J. B. Groff, v. 2, n. 6, n. p., jan. 1928.
- 27 GAZETA DO POVO. Curitiba: [s. n.], v.11, n. 705, p. 2, 20 maio 1921.
- 28 GUBAUA, Ignez. **Entrevista**. Curitiba, 08 jan. 1996.
- 29 GOMES, Raul. Os sabbados da Rua José Bonifácio. **Ilustração Paranaense**. Curitiba: J. B. Groff, v. 2, n. 6, n. p., 1928.
- 30 HELIO E HERONIO. **Troças e traços**. Curitiba: Films Coritibanos, p. 41-66, 1909.
- 31 ILLUSTRACÃO PARANAENSE. Curitiba: J.B. Groff, v. 3, n. 5/6, maio/jun. 1929.
- 32 KOWALSKI, Maria Luiza. **Entrevista**. Curitiba, 4 nov. 1995.
- 33 KRAINSKI, Leocádia. **Entrevista**. Curitiba, 23 dez. 1995.
- 34 MARTINS, Romário. **Quantos somos e Quem somos: dados para a História e Estatística do Povoamento do Paraná**. Curitiba: Grafica Paranaense, 1941.
- 35 MONTEIRO, Tobias. Um Relato sobre Curitiba. **Boletim do Arquivo do Paraná**. Curitiba: Arquivo Público do Estado do Paraná. v.11, n.19, p.33, 1986.
- 36 NIKODEM, Pawel. Saporski. O pioneiro dos semeadores. **Anais da comunidade brasileiro-polonesa**. v. 1, p. 57-92. Ed. do Centenário. 1970
- 37 O DIA. Curitiba: [s. n.], v. 8, p. 1, 18 out. 1930.
- 38 O OLHO DA RUA. Curitiba: Typ. Imp. Paranaense, v. 1, n. 5, n. p., 8 jun. 1907.
- 39 _____. Curitiba: Typ. Imp. Paranaense, v. 1, n. 16, n. p., 30 nov. 1907.
- 40 _____. Curitiba: Typ. Imp. Paranaense, v. 1, n. 31, n. p., 27 jun. 1908.
- 41 _____. Curitiba: Typ. Imp. Paranaense, v. 2, n. 5, n. p., 22 jul. 1911.
- 42 O PARANAENSE. Curitiba: Typ. Paranaense, v. 1, n. 7, p. 3-4, 27 jan. 1878.
- 43 _____. Curitiba: Typ. Paranaense, v. 1, n. 8, p. 4, 3 fev. 1878.
- 44 _____. Curitiba: Typ. Paranaense, v. 1, n. 9, p. 4, 10 fev. 1878.
- 45 _____. Curitiba: Typ. Paranaense, v. 1, n. 10, p. 3, 17 fev. 1878.
- 46 _____. Curitiba: Typ. Paranaense, v. 2, n. 39, p. 3, 19 jan. 1879.

- 47 PARANÁ. Governador. (1856-1857: Vaz). **Relatório do presidente da Província do Paraná José Antonio Vaz de Carvalhaes à Assembléia Provincial em 7 de janeiro de 1857.** Curityba: Typ. Lopes, 1856.
- 48 PARANÁ. Governador. (1857-1859): Matos). **Relatório do presidente da Província do Paraná Francisco Liberato de Matos na abertura da Assembléia Provincial em 7 de janeiro de 1858.** Curityba: Typ. Lopes, 1858.
- 49 PARANÁ. Governador. (1870-1872: Oliveira). **Relatório do presidente da Província do Paraná José Venâncio de Oliveira na abertura da Assembléia Legislativa Provincial no dia 15 de fevereiro de 1872.** Curityba: Typ. Lopes, 1872.
- 50 PARANÁ. Governador. (1870- 1873: Lisboa). **Relatório do presidente da Província do Paraná Venâncio José de Oliveira Lisboa na abertura da Assembléia Legislativa Provincial do Paraná em 15 de fevereiro de 1872.** Curityba: Typ. Lopes, 1872.
- 51 PARANÁ. Governador. (1875-1877: Lins). **Relatório do presidente da Província do Paraná Adolpho Lamenha Lins apresentado à Assembléia Legislativa Provincial em 15 de fevereiro de 1877.** Curityba: Typ. Lopes, 1877.
- 52 PARANÁ. Secretaria de Obras Públicas e Colonização. **Relatório- 1894.** Apresentado pelo Dr. João Baptista da Costa Filho ao Governador do Estado do Paraná, em 18 de dezembro de 1894. Curityba: Typ. d'República, 1894.
- 53 PARANÁ. Secretaria d'Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização. **Relatório- 1897.** Apresentado pelo engenheiro Candido de Abreu ao Governador do Estado do Paraná Dr. José Pereira dos Santos Andrade em 1 de setembro de 1897, Curitiba: Typ. Livraria Economica, 1897.
- 54 PROVÍNCIA DO PARANÁ. Curitiba: José F. Pinheiro, v. 1, n. 35, p. 1, 4 set. 1876.
- 55 PARANÁ. **Correspondencia de Governo: Requerimentos.** Curitiba, 1891. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 56 PARANÁ. **Camara Municipal de Curitiba: Correspondencia de Governo.** Curitiba, 1884. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 57 PARANÁ. Leis, Decretos e Regulamentos da Província do Paraná. Estabelece critérios para a produção e venda de leite. **Leis do Paraná,** Curitiba, v. 31, p. 5. 1884. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 58 PARANÁ. Thesouraria de Fazenda da Província do Paraná. **Correspondencia de Governo.** Curitiba, 1891. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 59 PARANÁ. Decreto n. 736, de 23 de outubro de 1883. Estabelece sobre o trânsito de carros e carroças no centro da cidade. **Leis e Decretos da Província do Paraná,** Curitiba, 1883. Arquivo Público do Estado do Paraná.

- 60 PARANÁ. Decreto n. 797, de 24 de outubro de 1884. Estabelece sobre o regulamento para o fabrico do pão e para a venda do leite. **Leis do Paraná**, Curitiba, 1884. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 61 PARANÁ. **Correspondencia do Governo: Officios**. Curitiba, 1884. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 62 PARANÁ. **Correspondencia do Governo: Officios**. Curitiba, 1885. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 63 PARANÁ. **Correspondencia do Governo: Officios**. Curitiba, 1888. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 64 PARANÁ. **Correspondencia do Governo: Officios**. Curitiba, 1889. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 65 PARANÁ. **Correspondencia do Governo: Requerimentos**. Curitiba, 1891. Arquivo Público do Estado do Paraná.
- 66 PARANÁ. Secretaria de Segurança da Polícia do Paraná. **Termos do Bem Viver e Segurança de Vida**. Curitiba, 1881.
- 67 PARANÁ MODERNO. Curitiba: Romário Martins; Jayme Reis, v. 1, n. 2, p. 2-4 dez. 1910.
- 68 PARANÁ MODERNO. Curitiba: Romário Martins; Jayme Reis, v. 2, n. 26, p. 1, 21 mai 1911.
- 69 PARANÁ MODERNO. Curitiba: Romário Martins; Jayme Reis, v. 2, n. 27, p. 1, 18 mai 1911.
- 70 PARANÁ MODERNO. Curitiba: Romário Martins; Jayme Reis, v. 1, n. 2, p. 2, 11 dez. 1910.
- 71 PARANÁ, Sebastião. **Chorografia do Paraná**. Curitiba: Typ. da Livraria Economica. 1899, p. 372-373.
- 72 REGISTRO dos Empregados da Fábrica Hürlimann. Curitiba, 1937.
- 73 RODRIGUES, Teodoro. Filhas de slavos. **Diário da Tarde**. Curitiba: E. Correia, v. 4, n. 1438, p. 2, 20 nov. 1903.
- 74 SANTOS, Benedito Nicolau. Curitiba e o rio Ivo. **Boletim da Prefeitura Municipal de Curitiba**. v. 2, n. 10, p. 15, jul./ ago. 1943.
- 75 SCHLUGA, Filomena. **Entrevista**. Curitiba, 29 nov. 1995.
- 76 SCHLUGA, Ana. **Depoimento**. Curitiba, s/d.
- 77 SGODA, Sophia. **Entrevista**. Curitiba, 14 dez. 1995.
- 78 SKORA, Cândida. **Entrevista**. Curitiba, 29 nov. 1995.
- 79 SUCHÓSWIAT. **Cartas das Irmã do Colégio São José**. Curitiba, 1906.
- 81 SZCZEPANSKI, Augustina. **Entrevista**. Curitiba, 18 nov. 1995.

- 82 TOURINHO, Vespasiano. A lavadeira. **A Colméia**. Curitiba: Typ.Setraghi, v. 1, n. 1, p. 7-8, 1898.
- 83 VICTOR, Nestor. **A Terra do futuro**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1913.
- 84 WACHOWICZ, Ruy. C. **Abranches**: um estudo de história demográfica. Curitiba: Vicentina, 1976.
- 85 _____. A Febre brasileira na emigração polonesa. **Anais da Comunidade Brasileira-Polonesa**. Curitiba, v.1, p. 29-55. ed. do centenário. 1970.
- 86 _____. **O Camponês polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1981.
- 87 _____. Conjuntura emigratória polonesa no século XIX. **Anais da comunidade brasileiro- polonesa**. Curitiba, v. 1, p. 9-27, ed. do centenário. 1970.
- 88 WOS, Maria Baude. **Entrevista**. Curitiba, 29 nov. 1995.
- 89 XAVIER, Valêncio; LAZZAROTTO, Poty. **Curitiba, de nós**. Curitiba: Fundação Cultural, 1975.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- 1 ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**. v. 4, São Paulo: Companhia de Letras, 1991.
- 2 _____. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- 3 BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da moeda, 1995.
- 4 BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia de Letras, 1986.
- 5 BEIGUELMAN, Paula. **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**. São Paulo: Pioneira, 1977.
- 6 BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- 7 _____. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1884.
- 8 BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- 9 BLOCH, Howard R.. **Misoginia medieval: a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- 10 BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- 11 BRESCIANI, Maria Stella. O Anjo da casa. In **História e perspectivas**. Uberlândia. v. [s. n.] n. 7, p. 191-223, jul./dez. 1992.
- 12 BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- 13 CARONE, Edgar. **A terceira república**. São Paulo: Difel, 1982.
- 14 CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- 15 CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3. ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- 16 CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- 17 CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- 19 CHARTIER, Roger; MOSSÉ, C.; RANCIÈRE, J. Histoire des femmes: notes critiques. Paris: **Annales: économie, sociétés, civilisations**. Revue bimestrielle publiée avec le concours du C.N.R.S. et de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, v.48, n. 4, p. 997-1051, juillet/août 1993.

- 20 COELHO, Alfredo. **A Polônia na literatura brasileira**. Uma antologia. Curitiba: Placido e Silva, 1927.
- 21 CORBIN, Alain. **Les filles de noce: Misère Sexuelle et Prostitution aux XIX et XX siècles**. Paris: Aubier Montaigne, 1978.
- 22 CORREA, Carlos A. P. **História oral: teoria e técnica**. Florianópolis, UFSC., 1978
- 23 COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- 24 COSTA, Emília Viotti. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- 25 COSTA, Maria Cecília Solheid da. **A chácara e a carroça: um estudo de padrões de residência e da herança entre colonos poloneses**. [Curitiba] : UFPR/ Departamento de Antropologia, [19--?]
- 26 CURIE, Eva. **Madame Curie**. São Paulo: Nacional, 1957.
- 27 CUNHA, Antonio Geraldo. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- 28 DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia de Letras, 1990.
- 29 DASZIEWICA, Walenty. A República Popular Polonesa. In **Polônia Interpress**. [s.l.], [s.n.], n.p., 1988.
- 30 DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- 31 DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- 32 DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- 33 DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e Método de Estudos Feministas: perspectivas histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- 34 **DICIONÁRIO histórico - biográfico do estado do Paraná**. Curitiba: Livraria do Chaim, 1991.
- 35 DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres**. v. 3, Porto: Afrontamento, 1991.
- 36 DUBY, Georges. História Social e Ideologias das Sociedades. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**, 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

- 37 ECO, Humberto. **Como se faz um tese: metodologia**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- 38 FLAX, Jane. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- 39 FIGUEIREDO, Luciano. **O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- 40 FRANCASTEL, Pierre. **La Pologne pittoresque**. Grenoble: B. Arthaud, 1934.
- 41 FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
- 42 FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Mulher Brasileira.**: Bibliografia anotada 2. São Paulo: Brasiliense, 1981. v.2.
- 43 GANZ, Ana; GANZ Angela Lúcia. A Questão do Leite em Curitiba: o saber preventivo e a resistência cotidiana (1890-1920). In: **Boletim do Departamento de História**. Curitiba, UPFP, v. 1, [s.n.] , 1989. (série monografias, nº1).
- 44 GANZ, Angela. **Vivências e falas: trabalho feminino em Curitiba, 1925- 1945**. Curitiba, 1994. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de história, Universidade Federal do Paraná.
- 45 GARRIDO, Joan del Alcàzar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. In: **Revista brasileira de história**. São Paulo: ANPUH; Marco Zero, 1993. v. 13.
- 46 GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Koogan, 1989.
- 47 GOULART, Maria do Carmo. **Imigração polonesa em Brusque: um recorte histórico**. Florianópolis: ed. do autor, 1988.
- 48 GRANDE enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa: Editorial. [s.d.], v. 5, 12, 14, 25.
- 49 GRANDE, Humberto. **A grandeza da mulher**. Rio de Janeiro: Comissão Permanente de Direito Social, 1952.
- 50 GRIECO, Sara F. Matthews. O corpo, aparência e sexualidade. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres**. v. 3, Porto: Afrontamento, 1991.
- 51 GUARINELLO, Norberto. Memória coletiva e história científica. In: Espaço Plural. **Revista brasileira de história**. São Paulo: Marco Zero, v. 14, n. 28, 1994.
- 52 HALL, Catherine; Sweet Home. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**. v. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- 53 HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- 54 HOBBSBAWM, Eric J. **A era dos impérios: 1875/1914**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

- 55 HOBBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- 56 HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio do tradutor. In: DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- 57 HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- 58 _____. Revolução Francesa e Vida Privada. **História da Vida Privada**. v. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- 59 HUFTON, Olwen. Os trabalhos e os dias. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres**. v. 3, Porto: Afrontamento, 1991.
- 60 IANNI, Octávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- 61 JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco e ROSA, Zita de Paula. História Oral: uma utopia? In: Memória, História, Historiografia. **Revista brasileira de história**. São Paulo: ANPUH; Marco Zero, v. 13, 1993.
- 62 JODELET, Denise. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, Serge. **Psychologie Sociale**. Paris: 1990.
- 63 KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **O colono-polaco: a recriação do camponês sob o capital**. Curitiba, 1983. Dissertação (mestrado em História) Departamento de história, UFPR.
- 64 KLOBUROWSKI, Eustachius. Recordação de Viagens. In: **Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa**. Curitiba: Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, 1971. v. 4.
- 65 KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- 66 KRAWCZYK, João. A Literatura Polono-Paranaense. In: **Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa**. Curitiba: Vicentina, 1973. ed. do centenário.
- 67 KULA, Marcin. Cartas dos Emigrantes do Brasil. In **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**, Curitiba: Vicentina, 1970. ed. do centenário.
- 68 LARGMAN, Esther. **Jovens polacas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- 69 LE GOFF, Jacques. **A nova história**. São Paulo: Martin Fontes, 1990.
- 70 LEITE, Francisco. **A hora da mulher**. Curitiba: Typ. Haupt, 1920.
- 71 LEITE, Míriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro século XIX**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- 72 LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- 73 _____. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1990.
- 74 LÉVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. Lisboa: Ed. 70, 1986.

- 75 MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos:** dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Gráfica Paranaense, 1941.
- 76 MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente.** São Paulo: T. A. Queiroz, 2. ed. 1989.
- 77 MENDRAS, Henri. **Sociedades Camponesas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- 78 MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral, caminhos e descaminhos. In: Memória, História, Historiografia. **Revista brasileira de história.** São Paulo: ANPUH; Marco Zero, v.13, p. 55-65, 1993.
- 79 _____. **História oral e memória:** a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- 80 MONTEIRO, Tobias. Um relato sobre Curitiba. Curitiba: **Boletim do Arquivo Público.** Curitiba, v. 11, n.19, 1986.
- 81 MUMFORD, Lewis. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- 82 NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical.** São Paulo: Companhia de Letras, 1993.
- 83 NIKODEM, Pawel. Saporski: o pioneiro dos semeadores. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa.** Curitiba: Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, 1970. v. 1.
- 84 PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luís. **História da filosofia.** 17 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1995.
- 85 PARANÁ, Sebastião. **Chorografia do Paraná.** Curitiba: Livraria Economica, 1899.
- 86 PENA, Eduardo Spiller. Escravos, Libertos e Imigrantes: Fragmentos da Transição em Curitiba na segunda metade do século XIX. In: **Revista Paranaense de História: Questões e Debates,** v. 9, n. 16, p. 83-103,1988.
- 88 POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais Ltda, 1989, v. 2, n. 2.
- 89 PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil.** 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- 90 PEREIRA, Magnus. Semenado iras ao progresso: sociedade e industria no Paraná do século XIX. UFPR. Departamento de História, 1992. (Texto mimeografado)
- 91 PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e pioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- 92 PERROT, Michelle. Figuras e Papéis. In ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges. **História da vida privada.** São Paulo: Companhia de Letras, v. 4, 1991.
- 93 QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do indizível ao dizível. In: **Ensaio.** São Paulo: FFLCH, USP, v. 39, n. 39, 1984.

- 94 RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite:** prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- 95 _____. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar (Brasil - 1890/ 1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- 96 ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 97 SÁ, Celso. Representação: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary org. **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- 98 SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial do Brasil 1870 - 1930. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.
- 99 SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- 100 SCLIAR, Moacir. **O Ciclo das Águas.** Porto Alegre: Globo, 1977.
- 101 SENNET, Richard. **O declínio do homem público:** as tiranias da intimidades. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 102 SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história,** São Paulo: Unesp, 1992.
- 103 SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco:** raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- 104 SOARES, Luiz Carlos. **Rameiras, Ilhoas, Polacas:** a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo: Ática, 1992.
- 105 SPINK, Mary Jane. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1993.
- 106 SWIERCZEK, Wendelin. **A seara do semeador.** Curitiba: Vicentina, 1980.
- 107 TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros:** reflexão francesa sobre a diversidade humana 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- 108 TREVISAN, Dalton. **Em busca de Curitiba perdida.** Rio de Janeiro: Record, 1992.
- 109 _____. **A polaquinha.** Rio de Janeiro: Record, 7. ed. 1986.
- 110 TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias:** Mulheres de Curitiba na Primeira República. São Paulo, 1989, Dissertação (Doutorado em História - Setor de Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
- 111 TSCHUDI, J. J. **Viagens às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- 112 TUCHMAN, Barbara W. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.